

# Festival 18º do Folclore

15 a 22 de agosto de 1982

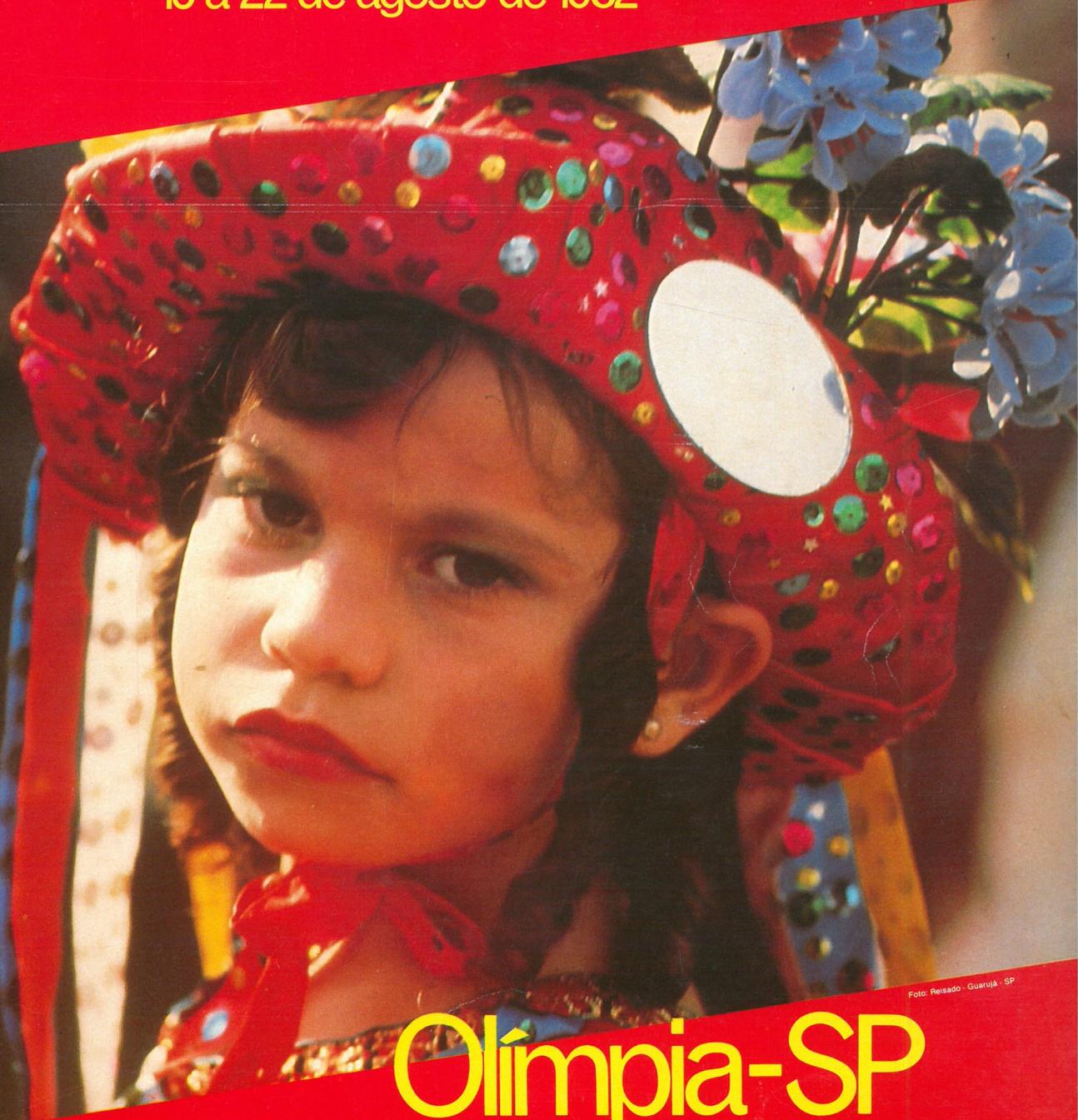


Foto: Reisado - Guarujá - SP

**Olimpia-SP**  
Capital do folclore

Colaboração

**BRADESCO**

O banco brasileiro.

# FICOU MOÇO O FESTIVAL

Um ideal são como as sementes de certas plantas crestadas pelo sol, varridas pelo vento, que se agarram às frinchas de um rochedo, mergulham aí suas raízes e atiram aos ares as ramadas verdes, florescendo e frutificando-as.

Há dezoito anos lançávamos esta sementinha fértil em Olímpia, vigoroso pedaço de chão paulista, rico e promissor, onde o visitante encontra mais que isso — que são os valores do folclore, folclore constituído de almas cheias de fé e crentes nos altos destinos do Brasil.

Era, então, o ano de 1965, mês de agosto, nesta encantadora Olímpia, perto da qual São Paulo se separa de Minas Gerais pela linha rumorosa do Rio Grande, que tal sementinha germinou.

E surge, conseqüentemente, um Festival do Folclore de beleza ímpar, falado e cantado em língua portuguesa, língua que une e prende os brasileiros, dando-lhes, ao todo coletivo, consistência orgânica, caracterizando-os por qualidades específicas, personalizando-os, criando-lhes alma agrária.

E é de notável importância que o olimpiense não esquece e nem poderá esquecer seu passado pátrio;

— porque este esquecimento, esta obliteração acelerada do caráter nativo são sintomas característicos da fraqueza e do entibramento do espírito nacional;

— porque nosso povo não olvida os folguedos, nem mascara a fisionomia tão singela e prazenteira na sua originalidade, com os europeus de estrangeirices inoportunas;

— porque nossa gente não despreza os usos e costumes de sua terra para macaquear o que não entende.

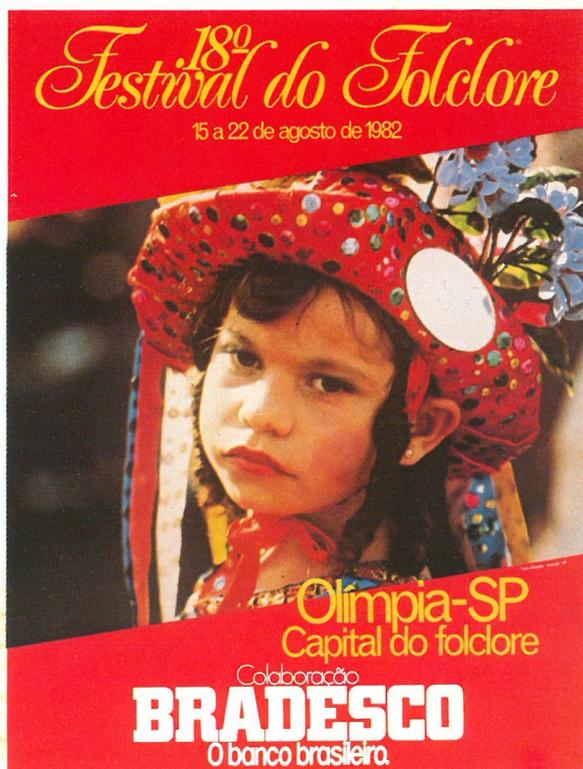
Por isso, o folclore alicerçou, com muita profundidade, suas raízes abundantes no solo fecundo de Olímpia.

O exemplo do primeiro Festival do Folclore, realizado com método, ordem, disciplina e prescrições rígidas, cuja observância são condições para vencer, ficou conosco, e guardado com carinho, ser-nos-á outras tantas lições para novas lutas.

Sem conhecer esta cidade e observar o movimento que lhe imprime a aglomeração de tanta gente nos dias da realização de seu principal Festival, é impossível descrevê-la.

Nosso ideal floresceu como sementeira abundante e Olímpia há de ser para sempre a adorada Capital do Folclore, erguida pelo valor e pelo brio de um festival de esplendor majestoso.

José Sant'anna  
Coordenador do Festival



Capa: Figurante de Reisado de Guarujá

## REISADO

O Reisado pertence ao ciclo natalino, e antigamente só era dançado de Natal a Reis, daí o seu nome: REISADO. As danças são formas de teatro popular. Contam uma estória. São originárias dos autos que nasceram na Idade Média e que na colonização do Brasil, serviram como estímulo na conquista do índio e do negro. Isto justifica a presença religiosa que muitos deles apresentam, embora hoje sejam apenas aglomerados de canções trazendo da dramaticidade antiga, as embaixadas e os diálogos, como é o caso do Reisado e do Guerreiro. Hoje o Reisado é dançado em qualquer época do ano, mas guarda da sua origem, o coro respondendo às ações sugeridas pelo Caboclinho e a Dona do Baile. Outra influência portuguesa está na coreografia que é caracterizada por batimentos de mãos e de pés; formação em cortejos; louvação às autoridades ou pessoas queridas ao grupo; pedidos de licença para começar a "brincadeira"; agradecimento no final. Apresentam os mais garridos trajes: saiote e capas de cetim, guarda-peito e chapéu com enfeites de espelhos, vidrilhos, lantejoulas, aljôfares e fitas coloridas. Nossa capa retrata uma figurante do grupo folclórico **Reisado** "Sergipano", do mestre Zacarias de Matos, de Guarujá — SP, em foto colhida no dia 17/8/1981 (17.º FEFOL de Olímpia). Foto: Emídio Luisi.

J. S.

# ANUÁRIO DO FOLCLORE

18.º FESTIVAL DO FOLCLORE

15 a 22 de agosto de 1982

Museu de História e Folclore  
"D. Maria Olímpia"

Comissão de Folclore  
(Conselho Municipal de Cultura)

OLÍMPIA - SP

Ano IX

22 de agosto de  
1982

N.ºs. 10, 11 e 12

## SUMÁRIO

**O Homem : História ou Folclore?**  
Palmira M. Degásperi Rodrigues

**Cem Dizeres de Caminhão**  
Meire Iráni

**Abrolhos e Abrolheiras**  
Iseh Bueno de Camargo

**O Mundo Encantado das Brincadeiras**  
Afonso Calixtro

**Cem Adivinhações**  
Antônio Clemêncio da Silva

**Cozinha Folclórica**  
Alzira Sant'Anna de Oliveira

**Folclore na Filatelia**  
Éden Eduardo Pereira

**O Dinheiro na Boca do Povo**  
José Carlos Rossato

**Estórias de Nosso Senhor**  
José Sant'anna

Leis e Decretos da Prefeitura Municipal de Olímpia  
Relativos ao Folclore

Em Busca da Criação de uma Faculdade de Folclore

Noticiário

## EXPEDIENTE

Rua Jorge Tibiriçá, 420

Caixa Postal 60

15 400 - Olímpia - SP

Diretor: Prof. José Sant'anna

Redator: Prof. Rothschild Mathias Netto

Assistente: Antônio Clemêncio da Silva

Todo trabalho de redação  
assinado é de total  
responsabilidade do autor

# BRADESCO

# O HOMEM: HISTÓRIA OU FOLCLORE?

Prof.<sup>a</sup> Palmira Marcelina Degásperi Rodrigues  
(Departamento de Folclore — Olímpia)

A aventura do homem sobre a Terra é fonte inesgotável de conjecturas, descobertas e hipóteses de caráter científico ou meramente especulativo.

Do homem primitivo ao chamado homem civilizado há uma gama quase imensa de conquistas e mudanças a serem consideradas.

O pensamento humano ensaia seus primeiros passos, na busca de explicações para o universo perceptível, cedendo à imaginação por força mesmo da lógica que lhe faltava. Assim, o homem primitivo elaborou seus mitos e suas lendas, desenvolveu credices e superstições, em que o fantástico e o sobrenatural preenchem de certa forma a necessidade de explicar o mundo para que nele o homem se situe com um mínimo de segurança.

À medida que o pensamento pré-lógico evolui dando lugar ao raciocínio estruturado e coerente, as explicações racionais sobre o universo vão se impondo sobre as anteriores, de caráter mítico e fantasioso. Agora já o homem observa, busca relações de causa e efeito, procura estruturar explicações de fatos à luz da razão e não da imaginação pura. Seu universo se amplia: a Terra e os homens, o universo como um todo, o produto das ações humanas, aquilo que o homem faz, pela utilidade ou pela beleza, a possibilidade de explicar um Ser Superior e contactar com Ele, a tudo o homem quer abranger na sua ânsia de saber e agir.

Conhecimentos específicos vão se delimitando, ganhando consistência e profundidade — o homem passa a fazer **Ciência**.

Técnicas rudimentares, para fazer coisas indispensáveis à sua sobrevivência, vão se aperfeiçoando e sofisticando em conseqüência do conhecimento científico que se desenvolve — o homem cria a **Tecnologia**.

Se este constitui, em linhas gerais, o desenvolvimento do homem como ser histórico, que cria a cultura, conservando e inovando sobre suas mais caras aquisições, este desenvolvimento tem muitos aspectos a considerar.

O homem é um ser histórico sim, tem consciência do seu passado, elabora o presente e se projeta no futuro. Talvez pareça estranho dizer que o homem, na sua complexidade, que é também sua grandeza, não é apenas um ser no tempo mas um ser “nos tempos”.

Tomado individualmente, cada adulto de hoje é a criança que foi e o adolescente que passou, cada qual deixando suas marcas: alegrias e tristezas, angústias, medos, frustrações ou realizações, ideais, sonhos...

Cada sociedade se constitui de grupos desigualmente situados no tempo; assim no Brasil, hoje, convivem grupos primitivos (indígenas em seu estágio original de cultura), e grupos ditos civilizados nos mais diversos estágios da cultura, conforme a região em que habitam.

Em cada estágio da cultura o homem procura criar sim, situar-se melhor no seu contexto, ampliar seu domínio sobre a natureza e aprimorar sua organização social. Mas criar e renovar não significam cortar as raízes. Por isso o homem preza as suas tradições e procura perpetuá-las.

A cultura do povo é herança comum; a cultura científica é apanágio de alguns poucos. Embora não haja solução de continuidade no crescimento e enriquecimento da cultura, é a cultura popular que dá ao homem comum a sua percepção de ser histórico. A sua existência presente não é um fato aleatório, mas se justifica por um passado que lhe foi transmitido pelas gerações anteriores. A efemeridade de sua própria existência deixa de ter uma conotação de “fim” porque ele transmitirá o legado desta cultura aos seus descendentes, e assim ele continuará a viver.

A cultura popular, o Folclore, é a infância da humanidade para muitos grupos humanos hoje absorvidos pelos requintes da tecnologia que tornam a vida mais fácil, mais cômoda, mas, às vezes, vazia de sentido.

Não queremos, com estas considerações, diminuir ou menosprezar a ciência e a técnica. Tal atitude seria a condenação ao uso da inteligência, portanto uma proposta de mutilação do homem.

Cada conquista realizada pela humanidade tem um espaço próprio que lhe compete ocupar. Nossa posição é a de que o homem — ser histórico, envolve o homem — ser folclórico. Na medida em que este homem deixar que se perca a cultura popular, ele terá perdido parte significativa de sua historicidade. Criará um vazio no seu tempo e no seu ser, terá perdido sua criança e seu adolescente.

---

---

## FOLCLORE VERBAL

### CEM DIZERES DE CAMINHÃO

MEIRE IRÁNI  
(Departamento de Folclore — Olímpia)

Não sou folclorista, mas tenho grande aptidão pelo estudo do folclore. Não tive ainda oportunidade de estudá-lo cientificamente, mas pretendo fazê-lo tão logo possa. E por falar em folclore confesso que os lemas de pára-choques de caminhões são que me deram inspiração ao início dos estudos.

Também não sei em que país nasceu a idéia de escrever frases em caminhões, nem em que época apareceram as primeiras, embora afirmem que somente em nosso país se usa escrever nos pára-choques. Só uma coisa sei: a primeira que vi me despertou o desejo de colecioná-las. E daí passei a observar todos os caminhões e a anotar todas as frases que encontrava. E minha preocupação se ampliava ao lê-las ainda nos pára-barros. Com o passar dos tempos, quase perdi o interesse por este trabalho, pois estas frases foram publicadas em série, em plástico, e levadas para os pára-brisas.

Com esta ocorrência, entristeci-me um pouco, pois as frases, por virem impressas, fabricadas, já não traduziam bem o pensamento dos motoristas. Mas não esmoreci.

Nos pára-choques é que centrei todo o meu entusiasmo. O motorista é, antes de tudo, um apaixonado pelo seu caminhão e pelas estradas. Todo motorista é forte e corajoso. Tem preferência por roupas simples no verão e exageram-nas no inverno. Usam óculos escuros para proteção das vistas em dias ensolarados. Não dispensam um toca-fitas no caminhão e têm gosto acentuado por músicas caipiras. A cabina do veículo serve também de cama para o repouso necessário, por isso carregam sempre uma arma de fogo para a defesa pessoal. São muito desinibidos e se vangloriam em conhecer as belezas naturais do país. Se solteiros, são gabolas e conquistadores de muitas “paqueiras” por onde passam. Fazem da profissão o meio de ganhar a vida, mas a põem em perigo quando não descansam suficientemente durante a viagem.

Quase todos os motoristas, quando católicos, têm o santo de devoção junto ao painel, na cabina. Uns chegam a levar quadros de santos e até imagens. A pintura de um santo protetor costuma acontecer. Se assim agem é porque pedem proteção aos santos contra desastres e outros contratemplos. O santo mais preferido é São Cristóvão, mártir cristão. Antes do batismo, Cristóvão chamava-se Réprobo. É hoje venerado como protetor dos peregrinos, dos viajantes, a quem preserva dos perigos. É também protetor dos motoristas e automobilistas, sendo comemorado em 25 de julho pela igreja latina. As notícias sobre sua vida e martírio são controversas. As lendas em torno de seu nome abundam tanto no Oriente como no Ocidente.

As lendas se manifestam em torno da origem do seu nome: Uma noite estava o gigante Óforos à beira de uma impetuosa corrente, quando dele se aproximou um menino e pediu-lhe que o transportasse para o outro lado

da margem. Depois de o ter passado, estranhou o peso do menino e este respondeu: "É porque levo comigo os pecados do mundo. Agora chamar-te-ás Cristóvão, que quer dizer: o que leva Cristo". Sua imagem é representada por um gigante de barbas longas, conduzindo uma criança nos ombros. É este o "Padroeiro dos Motoristas".

Ao lado de imagens de santo levam fotografias de membros da família, em molduras, com advertências ou súplicas: "Não corra, papai", "Vá com Deus, meu bem", "Deus te acompanhe", etc.

Sob o nome de Dísticos de Caminhões, Dizeres de Caminhão, Escritos de Caminhão, Frases de Pára-choques, Incrições de Caminhões, Lemas de Pára-choques, Linguagem de Motorista ou Sabedoria de Chofer, aparecem as frases dos caminhões. Essas frases constituem uma Literatura Folclórica, com linguagem própria, recheada de poesia, humor e filosofia e transmitem suas aspirações, seu humorismo, suas ilusões, seus sonhos, suas decepções sobre aquilo que pensam. Daí, classificá-las em amorosas, filosóficas, jocosas ou humorísticas, patrióticas, personalísticas, propagandistas e religiosas.

É muito comum, depois de um certo tempo, a substituição dos dizeres por outros que os motoristas acham mais simpáticos. Embora criativos, muitas vezes encontramos os ditados populares (Mulher e cachaça, em toda parte se acha) ocupando lugar nos pára-choques. Isto porque, analisando a vida, encontram nos provérbios a revelação daquilo que pensam.

Algumas frases de sentimento religioso "Deus me guia", de sentimento de vaidade "Chegou quem você queria" ou de humor "Pobre vive de teimoso" são comuns a vários caminhões. Até mesmo nomes de músicas que se tornaram famosas, são aproveitados.

Em Olímpia há muitos caminhões (a maior quantidade de transportes) e se identificam com os códigos YP e YS, infelizmente com o emprego da letra Y, já abolida do nosso alfabeto. As frases que anotei se referem a caminhões de Olímpia e a coleta se deu no dia 25 de julho de 1975, quando estes passavam, para receber a bênção, diante do monumento de São Cristóvão, erguido na Avenida Quinze de Novembro (hoje Deputado Valdemar Lopes Ferraz), esquina com a Rua General Osório.

#### Ei-las:

- 1 — O pobre só vai pra frente quando leva tropeção. (YS-8976)
- 2 — O pobre morre, o rico falece. (YP-9488)
- 3 — Pobre só come frango quando joga de goleiro. (YS-9299)
- 4 — Pobre só entra no banco para pagar conta de luz. (YS-9048)
- 5 — Pobre só vai pra frente quando a polícia corre atrás. (YS-9091)
- 6 — Pobre só sai do aperto quando desce de ônibus. (YS-9066)
- 7 — Folgado é garfo na casa de pobre. (YP-8871)
- 8 — Em casa de pobre, ladrão só leva susto. (YS-9205)
- 9 — Se cabelo fosse ouro, pobre nasceria careca. (YP-9105)
- 10 — Se ferradura desse sorte, burro não puxava carroça. (YS-9517)
- 11 — Se palpito fosse bom, ninguém dava; vendia. (YS-9216)
- 12 — Se bico valesse, tucano era rei. (YS-9169)
- 13 — Se amar for pecado, jamais serei perdoado. (YS-9246)
- 14 — Se a Lua fosse mulher não sairia sozinha. (YP-9539)
- 15 — Mulher é como árvore, só dá galho. (YS-9081)
- 16 — Mulher é como estrada, sendo boa é perigosa. (YP-9397)
- 17 — Mulher é como laranja, em qualquer lugar se arranja. (YS-9323)
- 18 — Não julgue a mulher pelo sorriso e nem o motorista pela profissão. (YS-9452)

- 19 — A mulher é como a música, só faz sucesso enquanto nova. (YS-9881)
- 20 — Não julgue o livro pela capa nem a mulher pelo sorriso. (YP-8941)
- 21 — Vitamina de chofer é carinho de mulher. (YS-9556)
- 22 — Caminhão é Ford, mulher é baiana e cerveja é Brama. (YS-8918)
- 23 — Saúde, dinheiro e mulher. (YP-9126)
- 24 — Horóscopo é como mulher do vizinho, nunca dá certo, mas a tentação é dar uma olhada. (YP-9137)
- 25 — Viúva é como lenha, chora mas pega fogo. (YP-9313)
- 26 — Às vezes se troca uma sogra por um estepe furado. (YP-9156)
- 27 — Velho é tua avó. (YS-8865)
- 28 — Os brutos também amam. Vivo porque te amo. (YP-9060)
- 29 — Macarrão sem queijo é como amor sem beijo. (YS-9182)
- 30 — Ame, porque do amor você nasceu. (YP-9730)
- 31 — "Ame". Pois foi do amor que você nasceu. (YP-9731)
- 32 — Ninguém vive sem amor. Adeus meu grande amor. (YS-9140)
- 33 — Dê amor para quem te ama. De longe também se ama. (YS-8939)
- 34 — Pra que te esquecer se ainda te amo? (YS-9300)
- 35 — O amor é como pirulito, começa no doce e acaba no palito. (YP-9054)
- 36 — Só o amor constrói. (YS-9330)
- 37 — Deus é a luz do meu caminho. (YS-9407, YS-8939 e YS-8982)
- 38 — Ao bom menino Deus ajuda. (YS-9054)
- 39 — Eu dirijo, Deus me guia. (YS-9528)
- 40 — Com Deus vou e volto. (YS-9121)
- 41 — Nós vamos com Deus. (YS-9214 e YP-9094)
- 42 — Confie em Deus, mas não nos candidatos. (YP-9400)
- 43 — Vai com Deus. Vai com Deus, meu amor. Em casa alguém reza por mim. (YS-9267 e YS-9094)
- 44 — Que Deus lhe dê em dobro tudo que você me deseja. (YS-5359)
- 45 — A saudade me fez voltar. Obrigado Senhor. Viva e deixa-me viver. Com Deus hei de vencer. (YS-8989)
- 46 — Saudade — palavra fácil de pronunciar, mas difícil de esquecer. (YP-9623)
- 47 — Mesmo que a vida seja triste, quero envelhecer sorrindo. (YS-9027)
- 48 — Na estrada da vida não há retorno. (YS-8930 e YS-9493)
- 49 — Nossa vida é um romance. (YS-9330)
- 50 — Vivo na estrada, mas não tropeço na escada. (YS-3500)
- 51 — Se pinga fosse fortificante o homem seria gigante. (YS-9366)
- 52 — Vivo todo arranhado, mas não largo de minha gata. (YS-6150, YS-8919, YS-9239 e YS-9338)
- 53 — Por onde passo, deixo saudade. (YS-3256)
- 54 — Por onde passei, saudade deixei. (YS-9108)
- 55 — Sou feio, mas sou gostoso. (YS-9136)
- 56 — Sou o que sou, não sei o que dizem. (YS-9157)
- 57 — Não sou parafuso, mas ando sempre apertado. (YP-9346)
- 58 — Não sou Moacir, mas sou franco. (YP-8960)
- 59 — Não sou batom, mas ando nas bocas. (YP-9338 e YS-9166)
- 60 — Não sou bengala de cego que vai pra onde se puxa. (YS-9068)
- 61 — Eu não sou bombeiro, mas apago o teu fogo. (YP-9572)
- 62 — Não me acompanhe, não sou novela. (YS-9721)
- 63 — Não dirija dormindo para não fazer chorar quem te espera. (YS-8968)
- 64 — Não tira bom resultado quem vai aonde não é chamado. (YP-9612)

## ABROLHOS E ABROLHEIRAS

Prof.<sup>a</sup> Iseh Bueno de Camargo  
(Departamento de Folclore — Olímpia)

**ABROLHOS...** “plantas rasteiras e espinhosas; estrepe; rochas que emergem do mar perto das costas; emaranhado; espinho... Abrolho (com pronúncia fechada) significando produção de abrolhos, lançar gomos, fazer nascer...” Nada relativo ao trabalho que pretendemos apresentar, significando magníficos rendados ou “amarrados” executados por mãos humildes, desde tempos imemoriais até nossos dias.

E as abrolheiras proliferam, incógnitas, singelas e quase inconscientes da beleza que suas mãos de fada produzem. A seus trabalhos, executados, geralmente, aos domingos e feriados, à noite à luz do lampião ou da luz elétrica, nos poucos momentos de folga de que dispõem são chamados, por elas — **bróia, bróio, abróio, abroio, broio** — numa clara deturpação da palavra através da linguagem popular.

Algumas dão-lhe o nome de **amarrados** ou **franjas**. Raríssimas dão-lhe o nome de abrolho (ô) ou abrolho (ó) — abrolhos (ô), em síntese.

De uma certa forma, em sua origem desconhecida, poderiam ter-lhe dado essa denominação devido à tarefa espinhosa que o mesmo exige, talvez ao fato de se fazer um autêntico emaranhado artístico ou, quem sabe, pela instintiva sensibilidade artística de ver nascer algo belo, útil, desejado, duradouro.

Afinal, que são **abrolhos**? Abrolhos, para nós, curiosos da preservação de toda cultura popular, **abrolhos** serão entendidos como singela ou deslumbrante tecitura de verdadeira renda rústica executada, via de regra, com fios do próprio tecido, de onde surgirão obras de arte com o simples nome de toalhas.

Sendo executadas com fios do próprio tecido, as toalhas não podem ser grandes e, como o material mais utilizado, quer pelo preço, quer pela maior durabilidade, quer por sua natural capacidade de enxugar melhor e maciamente, é o saco branco — de farinha ou de açúcar, a maioria dos abrolhos são brancos. Um saco aberto por completo, alvejado, desfiado até um ponto desejado e começa-se a urdidura que leva de 2 a 60 dias para ficar pronta; 2 dias no caso de apresentar trançado simples — amarrado para uso diário e muito mais tempo para franjas longas e com desenhos intrincados.

As abrolheiras não vivem exclusivamente desse trabalho, pois o que lhes rende, economicamente é muito pouco. Assim, sua confecção reforça, apenas, o orçamento doméstico.

Os abrolhos faziam parte integrante do enxoval de todas as noivas das primeiras décadas do século e quase todas as moças do campo o faziam com carinho e competiam entre si, a fim de “criar” novos “nós” ou “amarrados”. Nestes últimos anos ressurgem os abrolhos, não mais como peças indispensáveis de um enxoval, mas como requinte, luxo mesmo, não mais de sacos de farinha, mas de tecidos como linho ou outros de fios retos e maleáveis.

Muitas vezes são confeccionados para o batizado do bebê e guardados como recordação do acontecimento. São oferecidos como presentes de aniversário, casamento, bodas de ouro. Transformam-se em peças de museu, verdadeiras relíquias de um passado ainda quase presente. Utilizam-nos as Folias de Reis, em seus uniformes, amarrados como lenços no pescoço ou na cintura e essas toalhas, às vezes, são bordadas ou pintadas ao gosto dos festeiros e foliões. Nos altares de pequenas igrejas do interior ainda podem ser admirados belos e expressivos abrolhos. Os gaúchos, em suas danças folclóricas ou desfiles de gala, usam-nos nas calças, dos joelhos para baixo e, às vezes, na cintura, homenagem às suas “prendas”.

Algumas toalhas levam monogramas: iniciais do nome dos seus possuidores e, pelo apego a essas peças, ficam guardadas para ocasiões muito especiais ou para admiração dos amigos apreciadores da arte em fase de extinção.

- 65 — Quem tem cabeça de cera não deve pô-la ao sol. (YS-8786)
- 66 — Quem não serve para servir, não serve para viver. (YS-9248)
- 67 — Moleza é pente de careca. (YS-8869)
- 68 — Calúnia é arma de covarde. (YS-9225 e YS-9312)
- 69 — Vitamina de chofer é poeira. (YS-9441)
- 70 — A arma dos incompetentes é a inveja. (YS-9239)
- 71 — Palpite só na Loteria. (YS-9253)
- 72 — Segredo em três, só matando dois. (YP-9305)
- 73 — O mundo todo não vale o meu lar. (YS-9291)
- 74 — Batida só de pinga com limão. (YS-9362)
- 75 — Os homens fariam muitas coisas se não julgassem tantas coisas impossíveis. (YP-9141)
- 76 — Sogro rico e porco gordo só dá lucro quando morto. (YP-9144)
- 77 — Está com pressa, passe por cima. (YS-8908)
- 78 — Há mais prazer em dar do que em receber. (YP-5433)
- 79 — Estou rezando 1/3 para achar um 1/2 de levar você a 1/4. (YP-9761)
- 80 — Te achei no Maranhão, te perdi no sertão. (YS-9055)
- 81 — Hoje eu encontrei chorando quem no passado sorria de mim. (YS-9286)
- 82 — Onde a vaca vai o boi vai atrás. (YS-9240)
- 83 — Nunca é tarde para ser feliz. (YP-9157)
- 84 — Ser carinhosa é fácil, difícil é ser sincera. (YS-9436)
- 85 — É bom ser importante, mas é muito mais importante ser bom. (YP-9447)
- 86 — Eu vencerei mesmo sendo um professor. (YS-8049)
- 87 — Mantenha lonjura que meu caminhão sofre de loucura. (YS-9240)
- 88 — Seja como eu sou que serei como tu queres. (YS-9016)
- 89 — Realize mesmo chorando o que você prometeu sorrindo. (YP-8821)
- 90 — Tropece no teu orgulho e cai nos meus braços. (YS-9286)
- 91 — Queira como sou, breve serei como tu queres. (YS-9016)
- 92 — Queira-me como sou que serei como tu queres. (YS-9013)
- 93 — Para burro velho, capim novo. (YS-9435)
- 94 — Tamanho não é documento. (YS-9306)
- 95 — Quando a cabeça não regula, o coração padece. (YS-9156)
- 96 — O diabo acostuma-se com o inferno. (YS-9606)
- 97 — Cana da roça dá pinga, pinga na cidade dá cana. (YP-9011)
- 98 — Pense forte, pense ford. (YP-6414)
- 99 — O que é bom já nasce diesel. (YP-9240)
- 100 — Móveis de Olímpia para o Brasil. (YS-9055)

Não foi minha intenção nestes ligeiros apontamentos escrever tudo o que se deve acerca dos pára-choques dos caminhões.

Contentei-me em dar apenas uma idéia da impressão que me produziram pelo conteúdo fraseológico.

Um trabalho completo neste sentido demandaria muitas informações que me escasseiam e tempo de que não posso dispor.

Assim, me limitei, portanto, a estas anotações resumidas que poderão, porventura, um dia, servir como documentário dos pára-choques dos caminhões olímpenses.

Os lemas de pára-choques divulgam, por todo o Brasil, a filosofia dos motoristas de caminhões. São mensagens curtas que facilmente podem ser memorizadas.

Seus criadores deixam bem claras as comunicações que algumas vezes distraem, confortam e amenizam os sofrimentos; outras vezes denotam sofrimento, solidão.

O assunto interessa aos estudiosos do Folclore e é fonte inesgotável para a pesquisa. Também mereceriam estudo as pinturas das carrocerias dos caminhões. Vamos a elas...

Foi, portanto, com o objetivo de colher melhores informações sobre **Abrolhos** que fizemos algumas entrevistas com abrolheiras autênticas da cidade, recebendo delas as informações que anteriormente mencionamos. Todas as entrevistadas são pessoas simples, apaixonadas pelo seu trabalho, oriundas de meio sócio-econômico bastante singelo, porém, enriquecidos pelo fulgor dos olhos e das palavras que pronunciam ao falar de sua arte.

## ABROLHEIRAS DE OLIMPIA



### I — Sebastiana Narciso Batista

Senhora clara, sorridente, nascida em Olímpia a seis de dezembro de 1911, já se aproximando dos 70 anos, nem a doença a impede de executar suas belas “bróias” (assim denomina seus abrolhos). É casada com o senhor Francisco Batista de Carvalho e reside à Avenida Eugênio Storto, n.º 1, casa própria.

Tem 3 filhos casados e 2 solteiros, faz todo o serviço caseiro, não tem instrução escolar, sabendo assinar seu nome e ler com certa habilidade, aprendendo sem ajuda de ninguém.

Desde os 15 anos trabalha em suas “bróia”, tendo aprendido a tecê-las com a mãe, e já fez cerca de 300 toalhas, para uso próprio, para os filhos e para presentear amigos. Não trabalha para fora por falta de tempo, pois além dos abrolhos, borda em tecidos, faz crochê, flores artificiais, costura, é quituteira e quitandeira, especialista em biscoitos, rosca e doces.

Trabalha tanto em tecidos diversos como em sacos tradicionais, utilizando apenas as mãos na confecção de toalhas.

Leva, em média, um mês para terminar uma toalha, trabalhando de dia e de noite em suas horas vagas. Interrogada sobre o preço que cobraria se pudesse fazer para fora, embora jamais houvesse vendido uma só toalha, achou que, dando tudo, pediria uns cem cruzeiros por peça.

Teremos o prazer de apresentar nesta obra alguns dos seus trabalhos — “bróias”, confeccionadas em tecido e os nomes das tramas escolhidas são: **caracol, quadrinho, triângulo e aranha**.



### II — Rosa Maria dos Santos (Rosinha)

De cor parda, desembaraçada, falante, bem disposta, nasceu em Monte Azul Paulista a dois de fevereiro de 1913. Casada, sem filhos, vive sozinha, residindo em 2 cômodas à Avenida do Folclore n.º 566, tendo feito de seu cantinho humilde um oásis cercado de flores em profusão, horta e pequeno pomar.

Não tem instrução escolar, aprendendo um pouco de escrita e leitura com os patrões e seus filhos. Católica praticante — freqüente a igreja, comunga, assiste a missas e é conhecida benzedeira e prepara remédios caseiros para vários males. Além disso, prepara festas e folguedos, como Folia de Reis, quando dança caracterizada de palhaço, reclamando veementemente contra alterações que vêm sendo introduzidas no ritual das Folias.

Faz também crochê, flores artificiais e toca acordeão. Iniciou-se nas atividades de confecção de abrolhos (“bróias” como os denomina), aos 14 anos de idade, tendo aprendido a fazê-los com uma de suas patroas — Dona Amélia Sprove Lente.

Trabalha em tecido desfiado e sacos de farinha, calculando ter executado umas cem toalhas, pois alterna essa atividade com seus serviços domésticos, crochê, benzimento, trabalhando por vezes até altas horas da noite. Leva cerca de 15 dias para terminar uma toalha.

Vive da confecção das “bróias”, do crochê e de eventuais presentes oferecidos por pessoas a quem benzeu, curou ou prestou trabalhos “religiosos”. Apesar da grande procura que têm suas toalhas com abrolhos, não consegue atender a todos pela pouca disponibilidade de tempo. É procurada por noivas ricas e pessoas da elite local e fica pesarosa por não poder atendê-las.

Se fosse cobrar uma toalha encomendada, em saco de farinha, crê que Cr\$ 100,00 seria um preço razoável e, se em tecido, talvez pedisse Cr\$ 200,00 por peça. Prefere que as compradoras paguem espontaneamente, julgando seus trabalhos pelo que valem.

Utiliza somente as mãos para confeccionar seus abrolhos e, eventualmente, uma tesoura para igualar os fios. Os desenhos ou tramas que mais utiliza são: **aranha, escama de peixe, caracol, lição, abacaxis, entremeio, ziguezague e ponto segredo**.

Nesta obra, dona Rosinha apresenta alguns abrolhos, todos confeccionados em tecido, a fim de que possamos observar com que mestria, pessoa tão ocupada consegue realizar verdadeiras obras de artesanato — “bróias” de alto valor popular.



### III — Emília Biduti Bitencourt

Dona Emília, com 45 anos de idade, natura de Tabapuã, Estado de São Paulo, é casada com o senhor Hermisson Joaquim Bitencourt, mãe de 2 filhos e uma filha de 17 anos. É de cor clara, possui intensos olhos azuis, esbelta, desembaraçada, falando um português correto, reside em agradável casa onde seu toque artístico está presente em todos os cantos.

Trabalha em “franjas” (denominação que dá aos abrolhos, embora esclareça que os italianos dão-lhe o nome de “bróia”) desde os 20 anos de idade por não gostar desse gênero de artesanato, só o iniciando a fim de evitar ser tida como preguiçosa, como a chamava uma colega de serviço.

Desde essa época, acredita ter feito cerca de duas mil peças — enxoval de 4 irmãs, 10 sobrinhos, amigas, pessoas da elite — Jardim Glória, para quem mais trabalha e sabe executar **14 modelos** diferentes de franjas.

Trabalha em sacos de farinha e açúcar e tecidos que tenham condições de serem desfiados, utilizando agulha para corrigir algum erro, desmanchar nós difíceis. Além disso, trabalha como faxineira e lavadeira durante toda a semana e faz parte dos serviços caseiros no que é auxiliada pelos filhos. Borda à mão, costura para a casa, faz um pouco de tricô, só o deixando para fazer mais franjas.

Utiliza o termo “Amarrilhos” para mencionar as tramas ou urdiduras de suas franjas. Trabalha nelas só à noite, enquanto assiste a T.V. e aos domingos após o almoço, levando cerca de 6 dias para fazer uma toalha quando há mais disponibilidade de tempo e 15, quando o trabalho “aperta”.

Como as demais entrevistadas, não cursou a escola, por morar na roça, não podendo, por excesso de tarefas, cursar o "MOBRAL" e é católica praticante.

Dona Emília trabalha para fora, sob encomenda, embora não possa atender a todos que a procuram. Confeccionou suas franjas para grande quantidade de noivas, especialmente para famílias sírias da cidade e professoras em geral. O material é fornecido pelas freguesas e recebe, por peça, Cr\$ 60,00, em média. No ano passado teceu uma franja para acompanhante de noiva, em Franca, utilizando o "amarrilho" chamado **pauzinho**, cobrando pela peça Cr\$ 200,00.

Explica que, se no "amarrilho" romper-se um fio, é preciso emendá-lo, não podendo, portanto, trabalhar em tecido muito fino ou que encolha ao ser lavado.

Em algumas peças usa 3 fios (saco) e em outras 4 (linho), acontecendo, às vezes, de a "**franja**" ficar menor que a toalha, devido aos trabalhos dos "amarrilhos".

Nesta obra, veremos, de Dona Emília os seguintes "amarrilhos" em seus abrolhos **abacaxizinho, buraquinho** e outros mais que, por certo, encantarão a quem os vir e levará mais pessoas a procurá-la e receber um "não", por falta de tempo ou, com sorte, um "sim" que levará para um lar uma obra de arte de artesanato olimpiense.



#### IV — Odécima Aparecida Baptista de Carvalho

Odécima é solteira, mora com os pais à Avenida Eugênio Storto, n.º 1, Vila São José. É natural de Olímpia, onde nasceu a 31 de agosto de 1934 e, desde os 15 anos faz abrolhos (broi-

as) juntamente com a mãe com quem aprendeu.

Apresenta defeito físico desde os 3 anos de idade e, aos poucos seu corpo foi-se atrofiando, caminhando agarrada a uma cadeirinha que empurrava com rapidez e perícia até o ano passado. Agora não mais se locomove, a não ser carregada pelos familiares, passando o dia a trabalhar sentada no sofá da sala. Isso não impede que Odécima seja alegre, desembaraçada e que já tenha confeccionado, até o momento, mais de 250 "bróias", tanto em sacos como em tecido.

Além dos abrolhos, faz crochê, renda turca, bordado a mão, costura, **pinta instrumentos para Folias de Reis** após confeccioná-los ela própria, pintando primeiro o **aro** e depois o couro dos mesmos. Faz as flores de papel que enfeitam instrumentos e personagens das Folias de Reis, os uniformes de quase todos, isso de uns 20 anos para cá — primeiro, para cumprimento de promessa feita e depois por prazer de fazê-los.

É católica e cursou até a 3.ª série do 1.º grau, o que, talvez, explique o desembaraço e a euforia que demonstra ao apresentar as toalhas já confeccionadas e de mais trabalhos que artisticamente faz. Também pertence a uma família muito unida, simples mas extrovertida, onde todos se tratam com grande respeito e delicadeza. Tocam vários instrumentos rústicos, mas artísticos, por eles mesmos confeccionados, como flauta e bumbo.

Odécima faz trabalhos sob encomenda, cobrando em média, Cr\$ 200,00 a Cr\$ 300,00 por peça mais elaborada, não utilizando nada mais que o tecido ou saco de onde surgirá sua "bróia".

Veremos, nesta obra, alguns trabalhos de Odécima, onde as tramas ou "nós" aparecerão com os nomes

de **caracol, pauzinhos, quadrinhos e quadros maiores** (nestes utilizará 4 fios do tecido, formando "casinhas de abelha") e, de antemão diremos que são belos como bela é a alma dessa sofrida e humilde artesã popular de Olímpia.



#### V — Margarida Davidi Piveta

Natural de Sertãozinho, onde nasceu a 6 de abril de 1906, descendente direta de italianos, casada com o Senhor João Piveta, reside à Rua Coronel Francisco Nogueira, 1007 (fundos), casal sem filhos.

É uma senhora que, aos 74 anos de idade, ainda possui traços de beleza européia, cor clara, cabelos inteiramente brancos, boa constituição física apesar de sofrer de reumatismo que já deformou um pouco seus pés. Seus opacos olhos azuis quase não mais lhe permitem trabalhar e anda terrivelmente necessitada de óculos.

Não possui sequer instrução elementar e não escreve sequer o nome, explicando que viveu grande parte de sua vida na roça, trabalhando muito mais após o casamento.

Casada há 52 anos, ainda guarda algumas peças do seu enxoval, confeccionados anos antes desse acontecimento. São toalhas de saco branco com maravilhosos abrolhos e todas possuem bordados à mão e monogramas — M.D.

Trabalha em abrolhos — aos quais denomina "bróias" (esclarecendo que muitos lhes dão o nome de franjas) desde os 15/16 anos, tendo aprendido a fazer com a mãe.

Já executou mais de 500 peças para complementar enxoval de todos irmãos, sobrinhas, parentes e está concluindo, atualmente, uma toalha para uma sobrinha de 8 anos, para que a leve em seu enxoval. Fez, também, uma cobertura para berço de nenê, filho de uma sobrinha e diz que é admirado até hoje. Além disso já fez um número grande de abrolhos para panos de prato, toalhas de rosto e de banho, utilizando sempre o saco de farinha ou açúcar.

Até há pouco tempo, trabalhava à noite e, agora, devido à vista enfraquecida, só após o término das tarefas caseiras. Tece nos fios de próprio saco ou com linhas comuns, utilizando para os "nós" 2 ou 4 fios conforme a espessura da linha.

Tem sido a abrolheira que teceu as belas franjas com que os jovens olimpienses se apresentam nas danças gaúchas do mês de agosto. Também faz abrolhos para enfeitarem vestidos — manga, cintura e barrados.

Sabe fazer um grande número de "nós" ou "amarrados", dando a alguns denominações como **quatro fios, quatro linhas, nó de gravata, ponto segredo, escama de peixe, abacaxizinho**, concluindo que, diante de qualquer amostra não se embaraça, conseguindo fazê-las perfeitamente bem.

Dona Margarida trabalhou como lavadeira de roupas em Ribeiro dos Santos e Olímpia, só cessando suas atividades devido à doença.

Cobra Cr\$ 100,00 para cada perna de calças de gaúcho e não quer trabalhar para fora por achar que não se valorizam abrolhos nos dias atuais. Acha que, em tecido fino, uma toalha deveria ser cobrada pelo menos Cr\$ 500,00, desde que leva cerca de 15 dias para completar uma, trabalhando incessantemente.

Possui grande quantidade de amostras de abrolhos, tanto em saco como feitas em linha grossa e fina. Quando erra um "ponto", utiliza um alfinete para desmanchar e recomeçar. Atualmente utiliza um pedaço de madeira de uns 80 cm e, nas duas extremidades um pre-

guinho segura o fio de linha grossa, onde são presos os demais que comporão os abrolhos. Só assim pode levar seu trabalho para qualquer parte, inclusive quando viaja para casa dos sobrinhos.

São lindos os abrolhos de Dona Margarida e é pena que se dê a eles tão pouco valor, pois são verdadeiras "rendas" que nada ficam a dever às que são tão procuradas no Nordeste brasileiro ou no estrangeiro.



#### VI — Maria Narcisa de Carvalho

Noventa e cinco anos de idade, viúva há 40 anos, foi casada com Pedro Batista de Carvalho, teve 9 filhos, sendo 5 homens — 2 já falecidos e 4 mulheres. Reside à Rua Sete de Abril n.º 337 (fundos) nas proximidades do Largo de São Benedito. Natural de Minas Gerais, localidade que se

chama Santo Antônio do Mato Verde, veio para Olímpia com 15 anos e aos 16 casou-se.

Não possui qualquer instrução escolar e nem assina seu nome sequer.

Dona Maria já fez de tudo na vida — trabalhou na roça, fabricava farinha de mandioca em monjolo, fazia sabão caseiro, crochê (pronuncia croché), crivo, costurava roupas femininas e masculinas, até ternos para noivos.

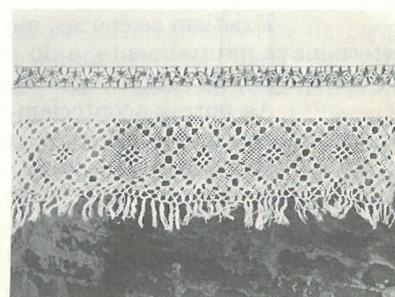
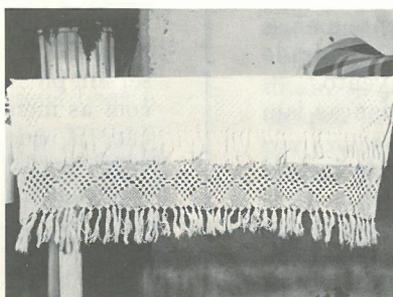
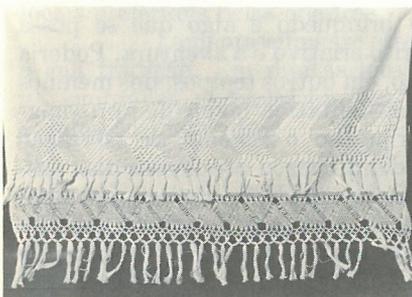
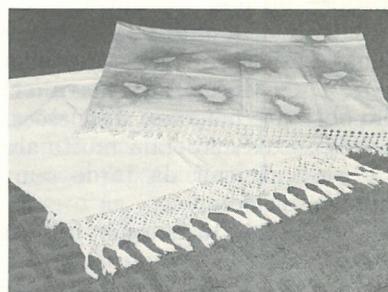
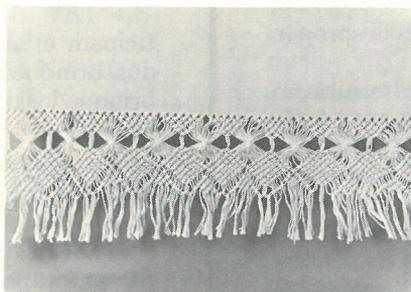
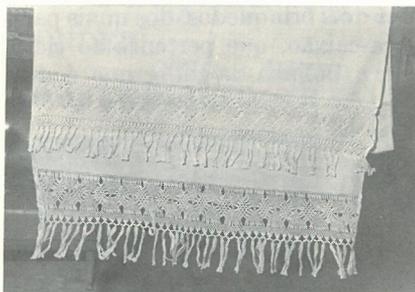
Apreendeu a fazer abrolhos (franja ou bróias como denomina), somente depois do casamento, desde então, sua atividade vem sendo grande nesse setor. Vendia suas toalhas a Cr\$ 25,00 depois a Cr\$ 50,00, Cr\$ 60,00, chegando a cobrar Cr\$ 200,00 por um par de "bróias". Foi ela quem confeccionou "bróias" que enfeitaram o enxoval de todos os filhos, noras, netos, sobrinhos, toalhas de mesa, de rosto, banho.

Todos os filhos e netos de Dona Maria foram batizados com toalhas que apresentavam abrolhos nas duas extremidades. Para estranhos não tem trabalhado muito, embora não permita se esqueça de que recebeu Cr\$ 200,00 por abrolhos que fez a uma senhora e que esta lhe deu, além do dinheiro, um corte de tecido para um vestido.

Seus "nós" recebem os nomes de **quadro, coração, caracol, bico e só gosta de trabalhar** em saco, ficando insatisfeita com uma toalha que fez em tecido.

Dona Maria, como já disse, tem 95 anos, está bem surda, quase não enxerga, anda com bengala após queda sofrida há algum tempo, quase não pode ficar sentada direito, mal ali estava, diante de nós, firme, ereta, curiosíssima por saber qual a finalidade de tantas perguntas, porém, esperando sarar logo para reiniciar suas atividades de "abrolheira" e "crochezeira". Ela é bem um retrato vivo das antigas senhoras que não podiam ficar de mãos ociosas e, enquanto deixavam o tempo "escorrer", obras de arte duradoura e bela iam "escorrendo" de seus dedos para alegria dos nossos olhos que vêem, ainda, no artesanato, a alma do verdadeiro brasileiro de ontem.

Eis, aqui, um pouco do que pudemos captar sobre abrolhos e, se já os conhecíamos no passado e os admirávamos, mais os admiramos agora, pois sabemos que não durarão indefinidamente por serem confeccionados com matéria-prima perecível e a vida agitada de nossos dias não permite mais que as meninas, que as moças se dediquem a tão bela e pouco vulgarizada arte popular.



# O MUNDO ENCANTADO DAS BRINCADEIRAS

Prof. Afonso Calistro

(Departamento de Folclore — Olímpia)

Não há um homem que não gostaria, de apenas por alguns instantes, retornar a alguns momentos da infância.

E o que levaria a tal aventura? Ao mundo encantado do “faz de conta”?

Os brinquedos seriam a grande e clássica resposta.

São quase 12 horas de um dia qualquer de agosto de 1964. Estou numa expectativa tremenda. Não agüento mais essa professora. Pelo movimento, as apostas do jogo do triângulo (bolinha de gude), vão ser ótimas.

Numa das avenidas de Olímpia (a Andrade e Silva), às sombras das aprazíveis, frondosas e cheirosas sibipirunas, nós nos reuníamos quase todos os dias para as disputas dos mais variados Brinquedos Tradicionais, de acordo com as “temporadas”, períodos esses que as próprias brincadeiras determinam — definindo como “épocas”.

Assim, naquela avenida larga e sombria, sem asfalto, sem pedras, sem guias e sarjetas, reuniamo-nos diariamente. Os meninos e, de vez em quando, as meninas, trajados bem à maneira das crianças da época, nos idos de 50 e 60: calças curtas, descalços, um estilingue no pescoço e um picuá em diagonal no corpo.

Num espaço de mais ou menos 150 metros de comprimento por 40 metros de largura, diariamente entre 50 e 60 crianças nos ajuntávamos vez mais, vez menos, e variavam as presenças de acordo com a preferência pelos brinquedos ou pelas “épocas”.

Os jogos se desenvolviam à vontade dos competidores: quem chegasse primeiro pegaria o melhor lugar. Cada qual sabia sua oportunidade, mas não desconhecia a separação automática entre a rodinha dos “bons”, dos “fracos” ou dos “patinhos”.

Era muito difícil haver um encontro desproporcional, embora houvesse algumas exceções.

Ali sempre reinava o clima da confraternização, não obstante houvesse discussões. Mais interessante é que os briguentos não eram muito aceitos naquelas rodas.

O cair da tarde sempre se anunciava com o grito de um líder:

— Quem quer brincar de salva ou rico-trico-pé-na-lata?

Os jogos iam se encerrando e as crianças se agrupando para a formação das turmas.

Havia sempre alguns curiosos que ali passavam horas, observando aquela incrível movimentação.

Fato interessante era que ninguém concordava com as chuvas. Vivíamos fazendo pedidos à Santa Clara (ovos inteiros no telhado) e desenhos do sol com sal, em forma de careta raiada. E sempre dava certo. Assim os anos passaram, sem que percebêssemos.

Existiam as épocas, mas a rigor somente uma se determinava naturalmente, a do papagaio (pipa, quadrado ou maranhão), no mês de agosto, por causa do vento.

As outras aconteciam quando as crianças iam se sentindo saturadas da época anterior.

Brinquedos que mais ou menos obedeciam às épocas, quase sempre começavam nas escolas: bétia, bolinha-de-gude (vidro ou biroca), papagaio, pião, carrinho-de-rolê, amarelinha, queima, pular corda, pular-varinha, bito, peteca, balança-caixão, estátua (boniteza), morto-vivo, etc.

Brinquedos que não obedeciam a temporadas, talvez por se tratarem ou dependerem de alguma técnica ou habilidade: arquinho (mão e arco), perna-de-pau, estilingue e outros.

Nas festas tradicionais, como nos Rodeios, Festas Juninas, Quermesses, Santos Padroeiros, havia também a participação da criança em: pau-de-sebo, pega-porco, égua-de-pau, briga-do-sabugo e outros.

Brinquedos noturnos eram aqueles desenvolvidos à noite, em locais preferidos como as esquinas e os postes de luz comum: salva, cruzada, rico-trico-pé-na-lata, pique, passar-rua, balança-caixão e outros.

As escolas, por sua vez, também eram centros irradiadores e conservadores dos Brinquedos Infantis nas suas Festas Cívicas: corrida-do-ovo-na-colher, corrida-do-saco, concursos de bonecas, pular-varinha e outros.

O mais bonito nos brinquedos tradicionais é que eles são frutos da mais pura espontaneidade e criatividade, que substituem as situações não previstas, com regras mais ou menos fixas. É interessante e curioso registrar que geralmente os “Brinquedos Tradicionais” não têm fim. Eles se encerram geralmente com os “gritos” das mães à procura dos filhos.

No entanto, o mais melancólico em tudo isso é que os Brinquedos Tradicionais estão vivendo os seus últimos dias. O futebol, a eletrização e eletrônica dos brinquedos, a televisão e o espírito de não visão do futuro, estão consumindo os Brinquedos Tradicionais e assassinando o espírito criativo da criança. Os males causados ao mundo infantil são os prejuízos psico-sociais incalculáveis.

Os Brinquedos Tradicionais, de uma forma ou de outra, obrigam a criança a pensar, a criar e desinibir-se, além de tantas outras maneiras de colaborar na formação da personalidade de um verdadeiro ser, que deverá passar pelos estágios normais de formação, ou seja, a infância, a adolescência e juventude, para atingir normal e naturalmente a maturidade.

Vamos descrever dois brinquedos, dos quais participam crianças: O balança-caixão, que pertence ao ciclo dos brinquedos da noite e a bolinha-de-gude, que é dos brinquedos da época.

## BALANÇA-CAIXÃO

“Balança-caixão, balança você, dá um tapa na bunda e vai esconder”.

Esse é, por assim dizer o grito de guerra desta brincadeira.



O Balança-caixão é uma brincadeira da qual participam meninas e meninos. E, segundo pesquisa regional, foi constatado que é uma das poucas brincadeiras que se conserva e é conhecida pelo mesmo nome em todo território paulista. Sua origem se perde no tempo. Não existe também um elo entre o brinquedo e algo que se possa assimilar, a não ser o espírito criativo e a aventura. Poderia ser um pressuposto contato, em outros tempos, dos meninos com as meninas. Seria uma tentativa maior de aproximação, já que era muito rigoroso o sistema de educação tradicional. E essa brincadeira chegou até nossos dias despreziosamente conservando a tradição. Poderíamos também, julgar o balança-caixão como um brinquedo inédito, divertido e onde o homem mostra à mulher detalhes de sua habilidade na maneira de se posicionar (esconder). O balança-caixão, talvez envolvido pelo mito do nome que o cerca e pelas condições que ele exige, é desenvolvido geralmente à noite; como quase em todos os brinquedos, curiosamente, existe um início organizado e um final bastante confuso.

## AS PERSONAGENS E O DESENVOLVIMENTO DA BRINCADEIRA

O **caixão** é o líder do grupo, geralmente o mais velho, que inicia a brincadeira. É o personagem que fica sentado numa posição de destaque e ordena a maneira como “os defuntos” deverão ser trazidos ao local de origem da brincadeira. Dificilmente ele é substituído durante a brincadeira, a não ser que se canse.

A **tampa** é o primeiro elemento da fila que fica debruçado nos joelhos do caixão, de olhos vedados. Ela tem a incumbência de ir localizar e trazer até o local de origem os participantes do brinquedo, os defuntos, de acordo com as ordens do caixão. Cada um é trazido de uma maneira diferente, representando um castigo. Pela orelha, pelos cabelos, de beliscão, mula-manca (a tampa imobiliza uma das pernas do defunto e este tem que vir pulando, com dificuldade), carriolinha (a tampa apanha o defunto pelos pés e este vem com as mãos apoiadas no chão, com bastante dificuldade) e outras maneiras. A tampa é substituída por outro elemento quando o defunto não é encontrado.

Os **defuntos** ficam debruçados uns sobre os outros, de olhos vedados, em fila indiana, tendo como guia a tampa, que é o primeiro elemento. A partir da resposta da tampa “dá um tapa na bunda e vai esconder”, ele procura se ocultar da melhor maneira possível, não muito distante do caixão (até cinquenta metros, mais ou menos). Aquele que não é encontrado, passa a ser a tampa, elemento que funciona mais ou menos como um carrasco, que procura, segundo a tradição infantil, descontar na sua vez os castigos impostos pelo caixão.

A brincadeira começa assim:

Os defuntos, uns debruçados sobre os outros, gingando o corpo de um lado para o outro, gritam em coro: **BALANÇA-CAIXÃO!**

O caixão responde:

**BALANÇA VOCÊ!**

A tampa ordena:

**DÁ UM TAPA NA BUNDA E VAI ESCONDER!**

O último defunto — **DÁ UM TAPA NA BUNDA DO PENÚLTIMO E VAI ESCONDER-SE.**

Essa operação se repete até que o último defunto bata na tampa. Aí o caixão ordena à tampa que vá buscar os elementos, de acordo com os castigos impostos por ele. Qualquer defunto, quando localizado pela tampa não pode fugir.

Esse fato se repete quantas vezes o número de participantes permitir.

A brincadeira quanto mais elementos tiver, mais entusiasmada se torna. Ela acaba de uma maneira engraçada e indesejada, quando as mães começam a recolher os filhos, pelo avançar das horas.

Com um número pequeno de participantes não tem muita graça a brincadeira.

Os postes de luz comuns e as esquinas eram os locais preferidos pelas crianças.

Lamentavelmente esse brinquedo está perdendo a sua tradição. Em muitas localidades é revivido apenas na lembrança daqueles que um dia viveram seus bons e agradáveis momentos.



## BOLINHA-DE-GUDE

Nós, normalmente falávamos “Vamos jogar bolinha...” Mas é um jogo de muitas variações nominais e técnicas diferentes, variando inclusive de bairro para bairro, dentro de uma mesma cidade.

Os nomes mais comuns são: jogo da bolinha, jogo de bolinha-de-vidro, jogo da bolinha-de-gude, jogo da biroca e outros.

Os jogos são: biroca ou casinha, triângulo, mata-mata, pingo, alta, cabecinha e outros.

Pode ser disputado em forma de apostas (as próprias bolinhas são as formas de pagamento das apostas), que é o jogo da “ganha”; ou somente para passar o tempo, jogo da “brinca”.

Pode-se também jogar em duplas ou individualmente, tanto “ganha como brinca”, dependendo da maneira como for combinado anteriormente. O jogo “ganha” é sempre disputado individualmente, com exceções feitas ao triângulo e à cabecinha que quanto maior for o número de participantes (no máximo cinco, colocando no triângulo até três bolinhas), mais serão as “carnes” (alvos fáceis).

O jogo da casinha ou da biroca se desenvolve, mais ou menos assim:

Os participantes iniciam o jogo através da decisão do “par ou ímpar”, quando o vencedor joga primeiro.

Um dos jogadores faz um buraco no chão, em lugar mais ou menos plano e limpo, do tamanho de uma xícara de chá.

Tomam uma distância aproximada de uns três ou quatro metros da biroca. A bolinha do jogador que mais se aproximar da casinha tem o direito à primeira jogada, jogada essa que será sem “palmo”.

Se esse jogador obtiver êxito, conta-se o primeiro ponto, ou seja, os dez primeiros pontos, porque eles são contados de dez em dez. Aí ele poderá dar início a uma série de jogadas, na bolinha do adversário e na casinha, intercalando ou repetindo as jogadas. Dependendo da distância em que se encontra a bolinha adversária, o primeiro jogador não precisará “buscá-la”; poderá colocar a sua bolinha à beira ou a um palmo da biroca, na frente da bolinha adversária, dizendo: “tudo aqui, tudo repique e nada meça”. O adversário deverá fazer uma ginástica tremenda para ter que acertar somente a biroca. Essa jogada poderá se repetir até 180 pontos. O 190 pontos deverá ser feito na bolinha adversária e se porventura o participante esquecer e o fizer na biroca, este perderá todos os pontos. Diga-se de passagem: as crianças são tremendamente rigorosas neste aspecto, não perdoam mesmo. O “200” pontos deverá ser feito somente na biroca.

Essa é uma jogada rara, em que o jogador procura segurar o jogo, não dando ocasião ao adversário para iniciar a série dos pontos. Quem pronunciar primeiramente as palavras chaves tem direito às jogadas. Normalmente eles “buscam” corajosamente a bolinha adversária. Há uma outra jogada em que “buscando” a bolinha adversária, nas tacadas, o jogador a atrai próximo à casinha. Se porventura conseguir atirá-la na biroca, acontece uma jogada chamada “tudo-tudo”, que renderá no mínimo 50 pontos (o jogador a atira dentro da biroca; a sua bolinha também cai e conta 10 pontos; bate três vezes na adversária e na quarta vez deverá atirar com bastante força para tirá-la da biroca. E se não o fizer, perderá os pontos contados). Antes, porém, deverá pronunciar o “tudo-tudo”.

Um bom jogador nunca deve demonstrar nitidamente as suas intenções ao adversário, a fim de poder apanhá-lo sempre desprevenido com as “palavras” que ditam as jogadas. Por sua vez o adversário deverá estar sempre prevenido para não ser surpreendido. A “meça”, por exemplo, é muito usada e de muita utilidade, anulada apenas pelo “nada meça”, desde que pronunciado antes.

Feitos os 200 pontos, o jogador iniciará a série do “mata”, jogada que definirá a partida. E quando o outro jogador atingir a série do mata, o jogo se torna mais difícil, o que raramente acontece, porque quem atinge primeiro os 200 pontos tem muito mais oportunidade de liquidar a partida.

As jogadas são realizadas, apoiando-se a mão atiradeira sobre um palmo estendido no chão, em frente de onde a bolinha atiradeira houver parado. Isto significa que

até os 200 pontos, as jogadas são rasteiras, a não ser que o jogador pronuncie "alta" ao estilo mata, quando julgar necessário.

As jogadas são alternadas sempre, após algum erro, ou quando alguém pronunciar "tudo aqui". Para isso não será necessário contar pontos. É uma liberdade que o jogador tem de querer ou não ir na jogada. O outro participante joga.

Lembrando que será necessário apenas um leve toque para que as jogadas se realizem ou os pontos sejam contados.

## Pequeno Glossário

**Ganha** — jogar em forma de apostas. Poderão ser apostadas quantas bolinhas os participantes julgarem necessárias. Normalmente a maior preferência recai sobre a "tacadeira, jogadeira ou tica", que é a bolinha mais bonita.

**Brinca** — pode ser um jogo apenas para passar o tempo ou poderá ser uma partida de teste, da qual sobrevirão as apostas.

**Tacadeira, jogadeira ou tica** — é a bolinha que a criança usa para as suas partidas. Nem sempre é a melhor, mas sempre é a mais bonita e a mais disputada.

**Carnes** — o jogador, ao concluir uma jogada, principalmente no jogo do triângulo, deixa uma série de bolas para o adversário; ou em outras jogadas, deixa certas facilidades ao adversário.

**Biroca ou casinha** — cavidade no chão, mais ou menos da profundidade e tamanho de uma xícara de chá, feita em lugar limpo e plano.

**Trolão** — embora não tenha sido mencionada, esta bolinha é digna de registro, por se tratar de uma curiosidade. Trata-se de bolinha de tamanho avantajado (equivale a duas de tamanho normal), difícil de ser encontrada. Geralmente não é aceita nos jogos normais e causa muita polêmica quando colocada em jogo, de surpresa.

**Licença - Meça** — uma liberdade de jogo para quem pronunciar primeiramente estas palavras. O pronun-

ciador procura uma melhor postura para a sua jogada (mudança de lado).

**Nada - Meça** — quem pronunciar primeiramente essas palavras, evitará a jogada pretendida pelo adversário.

**Tudo repique** — uma jogada muito comum no jogo do triângulo ou quando houver mais de um jogador em evidência. O participante deverá pronunciar primeiramente estas palavras para ter direito à continuidade de jogo, caso sua jogadeira ou bolinha por ele atingida bata ou resvale em outra.

**Nada repique** — quem pronunciar primeiramente estas palavras, caso haja repique, o jogador não terá direito a dar continuidade à jogada.

**Buscar** — ir atrás da bolinha adversária (jogando).

**Pingo** — se por acaso, em qualquer jogada, acontecer que uma jogadeira, ao atingir outra bolinha, não se distancie mais de quatro dedos, o participante atacado, ao pronunciar estas palavras em primeiro lugar, terá direito a se postar em pé. Leva-se a sua bolinha à altura dos olhos para "fazer mira", e soltá-la sobre a do adversário. Nesta jogada, se houver êxito, está definida a partida.

**Nada pingo** — quem pronunciar primeiramente estas palavras, evitará a jogada.

**Palmo** — as bolinhas, ao serem atingidas, deverão se distanciar uma das outras, mais de um palmo.

**Não deu palmo** — quando uma bolinha, ao ser atacada, não se distanciar um palmo ou mais da bolinha atacante, o jogador que iniciou a jogada (quem atirou), perderá a jogada.

Estão aí todas as jogadas prováveis e imagináveis do **jogo da casinha, biroca ou bolinha-de-gude**.

O jogo da bolinha é de grande importância para despertar na criança a atenção, a criatividade, a perspicácia e o conformismo, visto que ela deverá estar sempre prevenida, para não ser surpreendida e saber aceitar a supremacia do adversário, quando for o caso. Não há dúvida, vencerá sempre o melhor e o mais astuto.

# CEM ADIVINHAÇÕES

Antônio Clemêncio da Silva  
(Departamento de Folclore — Olímpia)

Dias depois de terminado o 15.º Festival do Folclore de Olímpia, ideei a elaboração deste pequeno trabalho sobre Adivinhas.

Apreciei a maneira pela qual as pessoas formulam perguntas e esperam respostas que muitas vezes martirizam nossa mente. O riso acode com facilidade aos lábios do perguntador quando divagamos a resposta. Muitas vezes a preguiça mental é a grande responsável pelo espetáculo que oferecemos. Fazer perguntas com quebra-cabeça é agradável em pequeno grupo de amigos, em meio da distração e bom humor dos companheiros.

E esse nosso interesse se iniciou, quando passamos dias na Fazenda Pouso Alegre, do Sr. Lázaro Clemêncio da Silva, nosso amigo, no Município de Olímpia.

Lá permanecemos poucos dias, alegremente. E, ao chegar a noite, após o jantar, falávamos de coisas interessantes e entre elas "O que é o que é?" que caracterizam os agradáveis momentos que passamos longe da televisão, do cinema ou de qualquer outro meio moderno de distração.

Observando algumas Adivinhas fizemos uma idéia de quão variadas distrações elas são, principalmente, para o homem do campo que se entrega com dedicação e afã à sua útil profissão. Mas elas estão presentes, também, na vida dos homens da cidade.

As Adivinhações são fatos que estão há muito tempo no domínio de todos. Resultam de uma força vivaz, de espírito criador, de uma inteligência que concebe e dirige os enigmas; pensando, calculando e resolvendo as respostas, cuja solução já se lhe formula no mundo interior do pensamento.

As Adivinhações envolvem assuntos diversos: históricos, geográficos, religiosos, fatos da gramática, etc. Algumas são de natureza matemática.

São manifestações da cultura popular da qual participam adultos e crianças e não passam de meras brincadeiras. São disputas entre grupo de pessoas e a finalidade é obter complicações ou dificuldades que ponham em prova o raciocínio dos disputantes.

Algumas se constituem de dístico rimado, como esta: "Redondico, redondaco, / Não tem fundo nem buraco". (ovo), ou de quadras onde há trova entre o segundo e o quarto versos:

"Abre a boca e mostra os dentes  
De cor clara e cor escura,  
Só fala, se acaso alguém,  
Lhe mexer na dentadura". (Piano)

Mas, a maioria delas se inicia com a interrogativa: "O que é o que é"?

Há Adivinhas em quase todas as culturas e línguas.

Muitas vezes uma Adivinha pode admitir além de uma resposta.

Quando alguém se embaraça ou responde erradamente a questão formulada, o pessoal ri, caçoa do disputante e assim forma-se um ambiente de espontânea e franca cordialidade.

Em Olímpia, recolhemos e apreciamos as Adivinhas que se seguem — prova maravilhosa à qual o nosso folclore empresta parte de seu bom humor.

- 1 — Qual o pai que não tem filhos?  
— O que só tem filhas.
- 2 — O que vem a ser a mãe da sogra da mulher de seu irmão?  
— Sua avó.
- 3 — Minha tia tem uma irmã que não é minha tia. Quem é?  
— Minha mãe.
- 4 — O que é que nós matamos com mais vontade?  
— A fome.
- 5 — Como tiraríamos um cachorro caído num poço?  
— Molhado.
- 6 — O que é que fala sem ter boca e anda sem ter pé?  
— A carta.
- 7 — Alto está e alto mora, todos o beijam mas ninguém o adora.  
— O copo.
- 8 — Num pasto há 4 vacas. Nenhuma deu cria. Quantas cabeças ficaram?  
— Cinco, pois Nenhuma é o nome de uma vaca.
- 9 — De que devemos encher um pote para que ele pese menos?  
— De buracos.
- 10 — O que é que quanto maior menos se vê?  
— A distância.
- 11 — O que é que se compra para comer e nunca se come?  
— Talheres.
- 12 — O que é que quando entra dentro de casa fica de fora?  
— Botão.
- 13 — O que é: uma caixinha de bom parecer e não há carapina que a possa fazer?  
— Amendoim.
- 14 — O que é que é vermelha e nós chamamos de verde?  
— Carne.
- 15 — O que é que anda mesmo pregado na parede?  
— Relógio.
- 16 — O que é: preto, pretinho, raiz de guiné, fala sem boca e caminha sem pé?  
— A carta.
- 17 — O que é que vai sempre ao céu mas não fica lá?  
— A língua.
- 18 — O que é que roda sem ter rodas, sai do lugar e canta até se acabar?  
— O disco.
- 19 — O que é que tem pés e não anda, mãos e não trabalha, olhos e não vê, orelhas e não ouve e tem boca mas não fala?  
— Uma estátua.
- 20 — O que é que rodam, rodam e não saem de onde estão?  
— Os ponteiros do relógio.
- 21 — O que é que quem não tem não quer ter e quem tem não quer perder?  
— Briga.

- 22 — O que é que não fala e nos conta tudo?  
— O livro.
- 23 — O que é que é feito para cozinhar e não se cozinha nunca?  
— O fogão.
- 24 — O que é que é mais alto sem a cabeça do que com ela?  
— O travesseiro.
- 25 — O que é que sobe morro, desce morro e não sai do lugar?  
— A cerca.
- 26 — O que é que quanto mais se bate maior fica?  
— A clara do ovo.
- 27 — O que é preciso para abrir uma mala?  
— Que ela esteja fechada.
- 28 — O que é que a formiga tem maior que o leão?  
— O nome.
- 29 — O que é que se queima com água e não com o fogo?  
— A cal.
- 30 — O que é que todos vêem, mas nunca alcançam?  
— O horizonte.
- 31 — O que é que tem pé redondo e rasto comprido?  
— O pneumático.
- 32 — O que é que vai andando e deixa a tripa no caminho?  
— A agulha com linha, quando se costura.
- 33 — O que é que tem asas e não voa, tem barba e não é homem, tem dente e não come, tem pé e não caminha?  
— Pé de milho.
- 34 — O que é que cresce com as raízes para cima?  
— Os dentes superiores.
- 35 — O que é mais fino que o buraco de uma agulha?  
— A linha.
- 36 — O que é que entra pela porta e sai pela janela?  
— O vento.
- 37 — O que é que no jardim é flor, no prato é doce e no coração é sentimento?  
— Suspiro.
- 38 — O que é que tem asa, mas não voa e bico, mas não belisca?  
— O bule.
- 39 — O que é que mata os vivos e conserva os mortos?  
— O álcool.
- 40 — O que é que se põe no pé e machuca na barriga?  
— A espora.
- 41 — O que é que come pela barriga e vomita pela costas?  
— A plaina.
- 42 — O que é que nem todos têm, mas ninguém passa sem ele?  
— O ferro de passar roupa.
- 43 — O que é que vê no escuro e não é gato, tem lanterna e não é guarda?  
— Vaga-lume.
- 44 — O que é que nasce todo vestido e crescendo vai perdendo a roupa?  
— O bambu.
- 45 — O que é que no mato corre e na terra limpa morre?  
— O fogo.
- 46 — O que é que tem asa como ave, voa como ave, não põe ovos e dá leite?  
— O morcego.
- 47 — O que é que de boca para cima está vazio e de boca para baixo está cheio?  
— O chapéu.
- 48 — O que é que dá um pulo e se veste de noiva?  
— Pipoca.
- 49 — O que é que nasce e não morre?  
— O que nasce morto.
- 50 — O que é que sai de casa, bate com a cabeça na parede e morre queimado?  
— Fósforo.
- 51 — Qual é a primeira coisa que uma pessoa faz quando acorda?  
— Abre os olhos.

- 52 — Qual é a primeira coisa que um gato faz de manhã quando sai o sol?  
— Sombra.
- 53 — Qual o homem que quando trabalha deixa a gente com a boca aberta?  
— O dentista.
- 54 — Qual o homem que vive do pão que os outros comem?  
— O padeiro.
- 55 — Qual o carro que todos sabem guiar?  
— Carrinho de mão.
- 56 — Qual o menino que pula mais alto que uma casa?  
— Qualquer menino, pois casa não pula.
- 57 — Qual a ave que não tem penas?  
— Ave-Maria.
- 58 — Qual o animal que anda sobre a barriga?  
— Cobra.
- 59 — Qual a semente que tem bico?  
— Grão-de-bico.
- 60 — Que cidade brasileira cujos nome e data de fundação se comemora em todo o mundo cristão?  
— Natal (RN).
- 61 — Qual é o Estado brasileiro que se tirarmos uma sílaba se transforma noutro Estado maior?  
— Paraná (Pará).
- 62 — Qual a cidade do Paraná que está em nossas mãos?  
— Palmas.
- 63 — Qual o Estado brasileiro que tem um veículo no nome?  
— Sergipe.
- 64 — Qual o Estado brasileiro que não tem a letra **a**?  
— Sergipe.
- 65 — Qual a cidade de Mato Grosso que sem a última letra é o nome de um peixe?  
— Dourados.
- 66 — Qual o Estado brasileiro que faz parte do corpo humano?  
— Pernambuco.
- 67 — Qual o Estado brasileiro que vai cear?  
— Ceará.
- 68 — Onde a cascavel carrega a casca?  
— No nome.
- 69 — O que é: com "c" é mudo, com "m" é de viagem, com "b" pode matar a fome ou matar a vida?  
— Cala, mala e bala.
- 70 — Em que lugar os padeiros amassam o pão com os joelhos?  
— Em qualquer lugar, pois ninguém tira os joelhos para amassar pão.
- 71 — Segue uma boiada com dez bois. O da frente olha para trás e conta o número de chifres. Quantos chifres há?  
— Nenhum, pois boi não sabe contar.
- 72 — Por que o boi baba?  
— Porque ele não sabe cuspir.
- 73 — Em que mês do ano as mulheres falam menos?  
— Em fevereiro.
- 74 — Por que o frango bate as asas antes de morrer?  
— Porque não pode batê-las depois de morto.
- 75 — O que é que quem vê não ocupa e quem ocupa não vê?  
— Caixão mortuário.
- 76 — Há um homem morto de sede. Perto dele há um balde de água pura. Por que ele não a bebe?  
— Porque está morto.
- 77 — Duas pessoas se encontram e uma delas diz: Você é meu filho, mas eu não sou seu pai. Quem é?  
— A mãe.
- 78 — É filho de meu pai e também de minha mãe, mas não é meu irmão. Quem é?  
— Sou eu mesmo.
- 79 — Está no começo do meio e no meio do começo.  
— A letra **m**.
- 80 — O que é que existe no meio da lua?  
— A letra **u**.
- 81 — O que é que principia em Lisboa e termina no Brasil?  
— A letra **l**.
- 82 — O que é que está sempre no princípio do meio?  
— A letra **m**.
- 83 — Como é que terminam as coisas?  
— Com a letra **s**.
- 84 — O que é que se vê numa semana e não se vê num ano?  
— A letra **m**.
- 85 — O que é igual tanto no Sol como na Lua?  
— A letra **l**.
- 86 — Qual a letra que não é cega?  
— A letra **v**.
- 87 — O que é que fica no meio do rio?  
— A letra **i**.
- 88 — O que é visto duas vezes no momento, uma vez no minuto e nenhuma vez no século?  
— A letra **m**.
- 89 — O que está no começo da rua, no meio da terra e no fundo do mar?  
— A letra **r**.
- 90 — O que é que eu não tenho, você tem e todos têm dois?  
— A letra **o**.
- 91 — Nasce no mato  
Morre no mar;  
Corre do alto,  
Sem se cansar.  
— Rio.
- 92 — Na água nasci,  
Na água me criei;  
Se para a água voltar,  
Na água morrerei.  
— O sal.
- 93 — A mãe é verde  
A filha encarnada;  
A mãe é mansa,  
A filha é brava.  
— Pimenta.
- 94 — Às vezes quietos,  
Às vezes agitadas;  
Dormindo de dia,  
De noite acordadas.  
— As estrelas.
- 95 — Fui ao mercado,  
Comprei um negrinho  
Que junto ao fogo  
Ficou vermelhinho.  
— O carvão.
- 96 — Chapéu sobre chapéu,  
Chapéu do mesmo pano,  
Se não adivinha agora,  
Não adivinha em todo o ano.  
— A casca da cebola.
- 97 — Moro bem no alto,  
Não faço mal a ninguém;  
Todos me batem  
E eu só faço o bem.  
— O sino.
- 98 — No campo me criaram,  
Metida em verdes laços;  
Choram por minha causa  
Os que me fazem em pedaços.  
— A cebola.
- 99 — No seco sou redondo  
Na água fico comprido,  
Se me apertarem com força  
Fico inteirinho despido.  
— Feijão soja.

100 — Uma meia, meia feita,  
Outra meia por fazer,  
Diga lá, ó meu menino,  
Quantas meias vem a ser.  
— Uma meia.

A adivinha é uma forma lúdica na qual a enunciação da idéia, fato, objeto ou ser, vem envolta numa alegoria, a fim de dificultar sua descoberta: ora é linguagem

metafórica, ora é a comparação que induz à decifração do onigma oral proposto. Não raro, as adivinhas se apresentam em forma metrificada o que facilita a decoração e mesmo a sua transmissão.

Elas distraem o povo. Atraem-no.

Não passam de uma brincadeira, uma curiosidade, mas exigem reflexão. Enfim, enriquecem a cultura popular brasileira.

## FOLCLORE ERGOLÓGICO

# COZINHA FOLCLÓRICA

Alzira Sant'Anna de Oliveira

(Departamento de Folclore — Olímpia)

Cozinhar é uma arte. É arte trabalhosa que distrai. Para a preparação de quitandas e quitutes é preciso que tenhamos a receita na memória ou em páginas de cadernos ou livros. Uma receita é sempre nova, porque o paladar nunca envelhece.

Avolumamos um não — sei — quantos números de receitas de quitandas que além de satisfazerem aos mais exigentes paladares são importantes pelo valor nutritivo que encerram.

Quitanda é tudo aquilo que serve com café, exceção feita ao pão comum.

Podem ser assadas no tradicional forno de tijolo (forno caipira), no forninho de ferro do fogão a lenha ou, nas ausências destes, no forno elétrico ou no fogão a gás. Também podem ser assadas em panela de ferro colocada sobre a chapa do fogão de lenha, com o fogo de brasas, fechada com tampa também coberta de brasas.

As receitas de rotina não são escritas. São transmitidas oralmente. Passa de mãe à filha e nunca desaparecem.

Outras receitas, de épocas especiais, para não caírem no esquecimento, merecem um caderno de anotações que, de vez em quando, é passado a limpo, pois Caderno de Receitas estraga-se facilmente ao lado de ingredientes gordurosos.

É costume de nossa gente servir o café da manhã, o café da tarde e, às vezes, o café da noite, acompanhado de quitandas.

O café matinal constitui a refeição mais importante do dia. É essa refeição que vai nutrir o organismo das energias necessárias às atividades diárias. Um bolo feito em casa pode substituir satisfatoriamente outros pratos ricos de nossa alimentação e traz bem estar e saúde a crianças e adultos.

Entre os diferentes tipos de quitandas está presente o **Bolo de Fubá**. E como é apreciado esse bolo! Fubá é milho moído.

O milho é uma gramínea de origem americana que a Europa só veio a conhecer após o descobrimento das Américas. Depois espalhou-se pelo mundo inteiro. É cultivado em grande quantidade pelos países de clima temperado e tropical.

No Brasil, é a cultura que ocupa a maior área e é cultivado em todas as regiões.

O milho é cereal que fornece energia ao corpo além de rico em vitamina A.

Nosso folclore explica seu surgimento por esta lenda indígena: "Era uma vez um velho chefe índio, cha-

mado Nhara. Ele sentia a necessidade de melhorar a alimentação de seu povo que lutava com dificuldades na caça, na pesca, e mesmo na procura de frutas do mato.

Então, que fez? Um dia pediu aos homens de sua tribo que limpassem um terreno. Isso foi feito. Depois pediu que nesse terreno abrissem muitas covas. E isso foi feito.

— Bem, disse o chefe Nhara, agora amarrem-me com uns cipós bem fortes. Depois, arrastem este velho sobre as covas até que morra e seu sangue salpique toda a terra.

— Não, chefe! Isso não podemos fazer! disseram os índios.

Mas Nhara insistiu, explicando que seu sacrifício seria para o bem de todos, pois daquelas covas nasceria uma planta muito útil, que a todos daria alimento certo, cada ano.

Embora com tristeza, cumpriram os índios o desejo do velho morubixaba.

Passaram-se três luas.

Então, voltando ao terreno, os índios viram que em cada cova havia nascido um pé de elegante planta, para eles desconhecida. Era alta como um forte guerreiro. As folhas pareciam lanças. Ao cimo, mostrava uma flor majestosa, que lembrava o cocar do velho Nhara. E, mais abaixo, brotavam lindas espigas, enfeitadas de cabelos longos e fartos.

Quando chegou o tempo próprio, essas espigas foram colhidas e serviram para a alimentação de toda a tribo.

Desde essa época, passaram os índios a cultivar a preciosa planta, que era o milho. Desse modo começaram a ensaiar a agricultura.

Na cozinha, são inúmeras as receitas que podem ser preparadas com milho: milho verde, milho seco e seus derivados.

Neste trabalho é nossa intenção apresentar uma seleção de receitas de **Bolo de Fubá** (já experimentadas), colhidas na cidade de Olímpia.

Mas, antes de sua apresentação, são necessários alguns esclarecimentos úteis a quem ainda não tem conviência na cozinha.

### Explicações Úteis

**Assar**; cozer-se sob a ação direta do fogo.

**Bater**: remexer fortemente a massa, fazendo uma mistura uniforme.

**Bicarbonato em sódio:** sal encontrado em farmácias. Serve para amaciar o bolo.

**Canela:** casca odorífera com a qual se fabrica um pó que serve de condimento.

**Claros de neve:** claras de ovo bem batidas. Quando em neve formam uma espuma muito branca e compacta.

**Erva-doce:** planta herbácea, usada para dar melhor gosto às quitandas.

**Leite condensado:** leite engrossado com açúcar, encontrado em mercearias, etc.

**Noz-moscada:** fruto da moscadeira. Serve para dar sabor especial às quitandas.

**Polvilhar:** espalhar farinha na assadeira.

**Pó roial:** fermento para fazer o bolo crescer. Obtém-se o pó roial com 125 gramas de bicarbonato de sódio e um pacote pequeno de maisena, misturados bem e passados, três vezes, na peneira.

**Pitada:** pequena porção de... apanhada com os dedos polegares e indicador.

**Untar:** engordurar levemente a assadeira.

### Observações Importantes

Para se fazer um bolo devemos usar ingredientes não muito envelhecidos. Ele deverá ser batido em vasilha de louça ou em gamela (vasilha de madeira). A colher utilizada também deve ser de madeira: colher-de-pau. Hoje, para facilitar o trabalho, podemos utilizar a batadeira manual ou a elétrica.

Não devemos abrir o forno antes de decorridos 20 minutos, porque a corrente de ar poderá abaixar o bolo e este ganhará formato irregular: alto e baixo.

O bolo de fubá pode ser servido com manteiga, acompanhado de leite, chocolate, chá ou simplesmente café.

### Bolo e Superstições

Há algumas superstições de cozinheira relacionadas à fabricação de bolo:

- 1) "A massa de bolo não pode ser batida por mais de uma pessoa, pois poderá acontecer que o bolo não cresça".
- 2) "Para evitar que o bolo fique duro este deve ser preparado longe de pessoas que tenham olhos gordos, isto é, olhos fortes".
- 3) "O bolo não pode ser feito por mulher menstruada. A massa derramará da forma ao ser assado".
- 4) "Bolo feito por mulher grávida é sucesso garantido. Cresce e fica macio".

### Bolo de Fubá

#### Receita n.º 1

**Ingredientes:** 2 copos de fubá. 2 copos de farinha de trigo. 2 copos de açúcar. 2 copos de leite. 4 colheres (sopa) de amendoim torrado e moído. 2 colheres (sopa) de manteiga. 1 colher (sopa) de gordura de porco. 1 colher (chá) de erva-doce. 1 colherinha (café) de sal. 2 ovos. 3 colheres (chá) de pó roial.

**Modo de fazer:** Bater as gemas com o açúcar, manteiga e gordura. Juntar o leite. Depois a farinha, o amendoim, o fubá e a erva-doce. Bater bastante. Colocar o pó roial e mexer a massa. Juntar as claras em neve e continuar mexendo. Assar em forma untada. Forno quente.

**Informante:** D. Judite Santana Nogueira, 44 anos (1970) — Olímpia.

#### Receita n.º 2

**Ingredientes:** 1 1/2 xícaras (chá) de fubá. 1 xícara (chá) de coco ralado (ou queije). 3 xícaras (chá) de açúcar. 3 colheres (sopa) de farinha de trigo. 4 xícaras (chá) de leite. 2 colheres (sopa) de manteiga. 3 ovos. 1 colher (sopa) de pó roial.

**Modo de fazer:** Bater tudo muito bem e assar em forma untada, em forno quente.

**Nota:** Depois de assado, o bolo ficará com duas camadas: uma seca e outra cremosa.

**Informante:** D. Lucinda Batista de Carvalho, 67 anos (1970) — Olímpia.

#### Receita n.º 3

**Ingredientes:** 2 copos de fubá. 2 copos de farinha de trigo. 1 copo de açúcar. 3 copos de água. 1 1/2 copos de leite. 1 colher (chá) de sal. 1 colher (sopa) de manteiga. 1 colher (sopa) de gordura de porco. 2 colheres (chá) de erva-doce. 2 ovos. 4 colheres (chá) de pó roial.

**Modo de fazer:** Misture o fubá com a água e leve ao fogo, mexendo sempre, até cozinhar (20 minutos). Retire do fogo, e depois de frio acrescentar os demais ingredientes. As gemas devem ser separadas das claras e estas em neve. Depois de tudo batido, pôr para assar em forma untada. Forno quente.

**Informante:** D. Maria Sant'Anna Irâni, 30 anos (1970) — Olímpia.

#### Receita n.º 4

**Ingredientes:** 2 copos de fubá. 2 copos de farinha de trigo. 2 copos de açúcar. 2 colheres (sopa) de manteiga. 2 colheres (sopa) de banha de porco. 2 copos de leite. 2 ovos. 1 colher (sopa) de pó roial.

**Modo de fazer:** Pôr todos os ingredientes numa vasilha e bater bastante. O pó roial deverá ser posto por último e depois de adicionado à massa não é aconselhável que se bata, mas que se mexa apenas. Forma untada. Forno quente.

**Informante:** D. Narcisca Batista de Miranda, 50 anos (1970) — Olímpia.

#### Receita n.º 5

**Ingredientes:** 3 litros de fubá. 12 colheres (sopa) de farinha de trigo. 1 1/2 litros de açúcar. 6 copos de leite. 6 ovos. 6 colheres (sopa) de manteiga. 1 colherinha (café) de sal. 1 colherinha (café) de canela em pó. 4 colheres (sopa) de pó roial.

**Modo de fazer:** Bater primeiramente as claras. Quando estiver em ponto de neve, juntar as gemas e continuar a bater. Misturar o açúcar. Depois de bem batido colocar os demais ingredientes, batendo sempre. Por último, pôr o pó roial dissolvido em um pouquinho de leite. Mexer mais um pouco e levar para assar. Forma untada. Forno quente.

N.B.: Assar em mais de uma forma.

**Informante:** D. Rosa Maria dos Santos, 57 anos (1970) — Olímpia.

#### Receita n.º 6

**Ingredientes:** 2 1/2 xícaras (chá) de açúcar. 2 xícaras (chá) de fubá. 2 xícaras (chá) de farinha de trigo. 1 xícara (chá) de coco ralado amolecido em 1/2 copo d'água. 2 copos de coalhada. 4 colheres (sopa) de manteiga. 4 ovos inteiros. 1 colher (chá) de pó roial.

**Modo de fazer:** Bater o açúcar e a manteiga. Juntar as gemas, as claras em neve, a coalhada e o coco. Misturar tudo e acrescentar o fubá, a farinha e o pó roial. Bater muito bem o bolo. Untar a assadeira com manteiga e polvilhá-la com canela. Assar em forno moderado.

**Informante:** D. Adelina Botozi Pereira, 66 anos (1975) — Olímpia.

#### Receita n.º 7

**Ingredientes:** 3 xícaras (chá) de fubá. 2 xícaras (chá) de açúcar. 1 xícara (chá) de farinha de trigo. 1 xícara (chá) de manteiga. 1 xícara (chá) de leite de coco. 1 xícara (chá) de leite de vaca. 5 ovos. 1 colher (sopa), bem cheia, de pó roial.

**Modo de fazer:** Misturar tudo muito bem. Forma untada e polvilhada com farinha. Forno quente.

**Informante:** D. Aparecida dos Santos, 55 anos (1975) — Olímpia.

#### Receita n.º 8

**Ingredientes:** 4 xícaras (chá) de leite. 3 xícaras (chá) de açúcar. 4 ovos. 1 pires (chá) de queijo. 1 colher (sopa) de manteiga. 1 1/2 xícaras (chá) de fubá. 1 colher (sopa) de farinha de trigo. 1 colher (sopa) de pó roial.

**Modo de fazer:** Misturar tudo e bater muito bem. Forma untada. Forno quente.

**Informante:** D. Cármen Aparecida Oliveira Gil Vermejo, 20 anos (1975) — Olímpia.

#### Receita n.º 9

**Ingredientes:** 3 xícaras (chá) de açúcar. 2 xícaras (chá) de fubá. 1 1/2 colheres (sopa) de farinha de trigo. 1 pires (chá) de queijo ralado. 3 copos de leite. 2 colheres (chá) de manteiga. 4 ovos. Erva-doce à vontade. 1 colher (sopa) de pó roial.

**Modo de fazer:** Bater bem a massa. Forma untada. Forno quente.

**Nota:** A massa deve ser mole para formar o creme.

**Informante:** D. Edigmar Cassilhas Spinéli, 41 anos (1975) — Olímpia.

#### Receita n.º 10

**Ingredientes:** 2 copos de fubá. 2 copos de farinha de trigo. 2 copos de açúcar. 1 1/2 copos de leite. 1 copo de leite de coco. 4 colheres (sopa) de manteiga. 4 ovos. 1 colher (sopa) de pó roial.

**Modo de fazer:** Bater a manteiga com as gemas e o açúcar. Pôr a farinha, o fubá, o leite e o leite de coco. Acrescentar as claras em neve e, por último, o pó roial. Assar em forma untada com manteiga e polvilhada com farinha de trigo. Depois de assado, furar o bolo com o garfo e molhá-lo com uma calda de leite com açúcar e coco, polvilhando-o com canela e açúcar cristal.

**Informante:** D. Elvira Matos Foganhóli, 50 anos (1975) — Olímpia.

#### Receita n.º 11

**Ingredientes:** 1/2 Kg. de fubá. 1/2 litro de leite. 1 colher (sopa) de gordura de porco. Açúcar (o suficiente para adoçar). 5 ovos. 1 pitada de sal. 1 pouco de erva-doce. 1 colher de pó roial.

**Modo de fazer:** Misturar o fubá, o leite, a gordura e o açúcar numa panela e levar ao fogo, mexendo sempre até formar um angu. Retirar do fogo e colocar numa vasilha. Depois de frio acrescentar os ovos, o sal, a erva-doce e o pó roial. Caso a massa fique meio dura, amolecê-la com leite. Bater bem. Forma untada. Forno quente.

**Informante:** D. Helena de Oliveira Batista, 53 anos (1975) — Olímpia.

#### Receita n.º 12

**Ingredientes:** 1 1/2 xícaras (chá) de açúcar. 9 colheres (sopa) de fubá. 4 xícaras (chá) de leite. 1 colher (sopa) de manteiga. 4 ovos (as claras em neve). 1 colher (sopa) de pó roial.

**Modo de fazer:** Numa gamela (ou tigela de louça) juntar os ingredientes, reservando as claras em neve para o final, juntamente com o pó roial. Assar em forma untada. Forno quente.

**Informante:** D. Iolanda Silva, 39 anos (1975) — Olímpia

#### Receita n.º 13

**Ingredientes:** 1 copo de fubá. 1 copo de farinha de trigo. 2 copos de leite. 2 copos de açúcar. 1 colher (chá) de erva-doce. 1 colher (chá) de canela em pó. 1/2 colher (chá) de noz-moscada ralada. 1 colher (chá) de sal. 4 colheres (sopa) de gordura de porco. 2 ovos. 2 colheres (chá) de pó roial.

**Modo de fazer:** Misturar o fubá com a erva-doce. Pôr para ferver o leite com o açúcar, a canela e a noz-moscada para esquentar o fubá. Mexer e deixar esfriar. Depois misturar as gemas, a gordura, o sal, a farinha e o pó roial. Mexer bem e acrescentar as claras em neve. Assar em forma untada e polvilhada com farinha. Forno quente.

**Informante:** D. Isaura de Sousa Clemêncio da Silva, 46 anos (1975) — Olímpia.

#### Receita n.º 14

**Ingredientes:** 2 copos de fubá. 2 copos de farinha de trigo. 2 copos de açúcar. 4 ovos. 2 colheres de gordura de porco (ou manteiga). 1 pitada de sal. Leite até amolecer. 1 colher de pó roial.

**Modo de fazer:** Misturar todos os ingredientes e bater muito bem. Forma untada. Forno quente.

**Informante:** D. Isolina Carlos Ferraudo, 60 anos (1975) — Olímpia.

#### Receita n.º 15

**Ingredientes:** 2 xícaras (chá) de fubá. 2 xícaras (chá) de açúcar. 1 xícara (chá) de farinha de trigo. 1 copo de leite de coco. 2 colheres (sopa) de manteiga. 3 ovos. 1 colher (sopa) de pó roial.

**Modo de fazer:** Colocar numa gamela ou tigela de louça todos os ingredientes secos, menos o pó roial. Acrescentar o leite de coco, a manteiga e os ovos batidos juntos. Caso a massa não fique no ponto de bolo, amolecê-la com mais leite de coco ou leite de vaca. Por último, pôr o pó roial. Forma untada. Forno quente.

**Informante:** D. Josefa Biliotário Tranqüilo, 60 anos (1975) — Olímpia.

#### Receita n.º 16

**Ingredientes:** 2 copos de fubá. 1/2 copo de farinha de trigo. 2 colheres (sopa) de maisena. 2 colheres (sopa) de queijo ralado. 2 colheres (sopa) de manteiga. 1 lata de leite condensado. 1 1/2 copos de leite de coco. 3 ovos. 1/2 colher (chá) de sal. 2 colheres (chá) de pó roial.

**Modo de fazer:** Bater a manteiga com as gemas, o leite de coco, o leite condensado e o queijo ralado. Depois acrescentar os ingredientes secos. Coloque as claras em neve. Bater muito bem. Asse em forma untada. Forno quente.

**Informante:** D. Judite Batista de Carvalho, 48 anos (1975) — Olímpia.

#### Receita n.º 17

**Ingredientes:** 1 1/2 xícaras (chá) de fubá. 1 xícara (chá) de açúcar. 1 pires (chá) de queijo ralado. 1 colher (sopa) de manteiga. 4 xícaras (chá) de leite. 3 ovos. 1 colher (sopa) de pó roial.

**Modo de fazer:** Em vasilha de louça ou gamela, reunir todos os ingredientes e batê-los bem. O pó roial deverá ser colocado por último. Forma untada e polvilhada com farinha. Forno quente.

**Informante:** D. Léia Ferranti, 50 anos (1975) — Olímpia.

#### Receita n.º 18

**Ingredientes:** 1 1/2 xícaras (chá) de fubá. 2 xícaras (chá) de açúcar. 2 colheres (sopa) de farinha de trigo. 1 pires (chá) de queijo ralado. 1 colher (sopa) de manteiga. 4 xícaras (chá) de leite. 3 ovos. 1 colher (sopa) de pó roial.

**Modo de fazer:** Misturar tudo muito bem, deixando o leite por derradeiro. Levar ao forno quente em assadeira untada.

**Informante:** D. Maria Aparecida Santana Batista, 27 anos (1975) — Olímpia.

#### Receita n.º 19

**Ingredientes:** 3 xícaras (chá) de açúcar. 9 colheres (sopa) bem cheias de fubá. 1 1/2 xícaras (chá) de coco ralado. 3 xícaras (chá) de leite. 1 xícara (chá) de água morna. 2 colheres (sopa) de manteiga, a 1 colher (sopa) de pó roial.

**Modo de fazer:** Misturar bem as gemas, o açúcar e a manteiga. Juntar o leite, a água, o fubá, o coco e o pó roial. Assar em forma untada. Forno quente.

**Informante:** D. Maria da Conceição Basso, 61 anos (1975) — Olímpia.

#### Receita n.º 20

**Ingredientes:** 2 xícaras (chá) de fubá. 2 xícaras (chá) de açúcar. 2 xícaras (chá) de leite. 1 xícara (chá) de leite de coco. 1 colher (sopa) de manteiga. 4 ovos. 1 colher (chá) de pó roial.

**Modo de fazer:** Misturar tudo muito bem. Forma untada. Forno quente. Depois de assado polvilhar com açúcar e canela.

**Informante:** D. Marta Maria Pereira Miranda, 34 anos (1975) — Olímpia.

#### Receita n.º 21

**Ingredientes:** 5 xícaras (chá) de fubá. 2 xícaras (chá) de açúcar. 1 xícara (chá) de leite de coco. 2 xícaras (chá) de leite de vaca. 3 colheres (sopa) de manteiga. 6 ovos. 1 pitada de sal. 1 colher (sopa) de pó roial.

**Modo de fazer:** Bata as claras em neve. Bata a manteiga com o açúcar. Junte as gemas, uma a uma, batendo-as bem. Acrescente o fubá e o pó roial e, por fim, o leite de coco e o de vaca. Depois de tudo bem misturado, acrescente as claras em neve. Asse em forma untada. Forno quente.

**Informante:** D. Narcisa Batista Franzin, 37 anos (1975) — Olímpia.

#### Receita n.º 22

**Ingredientes:** 2 xícaras (chá) de leite. 2 xícaras (chá) de açúcar. 2 colheres (sopa) de manteiga. 2 xícaras (chá) de fubá cozido. 4 cravos. 1 colherinha (café) de canela em pó. Um pouquinho de erva-doce. 4 ovos (as claras em neve). 1 colher (sopa) de pó roial dissolvido em 1 xícara (chá) de leite.

**Modo de fazer:** Cozinhar o fubá com leite ou água. Misturar todos os ingredientes e bater muito bem. Assar em forma untada. Forno quente.

**Informante:** D. Natalina de Carvalho de Oliveira, 68 anos (1975) — Olímpia.

#### Receita n.º 23

**Ingredientes:** 2 xícaras (chá) de farinha de trigo. 2 xícaras (chá) de fubá. 1 pires (chá) de queijo ralado. 2 xícaras (chá) de leite (ou coalhada). 2 colheres (sopa) de manteiga. 4 ovos. 1 colher (chá) de pó roial. 1 colherinha (café) de bicarbonato de sódio.

**Modo de fazer:** Misturar os ingredientes, batendo muito bem. Assar em forma untada. Forno quente.

**Informante:** D. Olésia Madalena Menino, 40 anos (1975) — Olímpia.

#### Receita n.º 24

**Ingredientes:** 3 ovos. 2 colheres (sopa) de manteiga. 2 xícaras (chá) de açúcar. 2 xícaras (chá) de fubá. 2 xícaras (chá) de farinha de trigo. Um pouco de erva-doce. Leite (o suficiente para amolecer a massa). 1 pires (chá) de queijo ralado. 2 colheres (sopa) de pó roial.

**Modo de fazer:** Bater até esbranquiçar a manteiga, as gemas e o açúcar. Juntar, em seguida, aos poucos a farinha e o pó roial, alternadamente, com leite. Por último, pôr a erva-doce e as claras em neve. Forma untada. Forno quente.

**Informante:** D. Paulina Miranda do Amaral, 71 anos (1975) — Olímpia.

#### Receita n.º 25

**Ingredientes:** 1 1/2 xícaras (chá) de fubá. 1 1/2 xícaras (chá) de farinha de trigo. 1 1/2 xícaras (chá) de açúcar. 1 1/2 xícaras (chá) de leite. 2 colheres (sopa) de queijo ralado. 2 colheres (sopa) de banha de porco. 2 colheres (sopa) de manteiga. 2 ovos. 1 pitada de sal. 2 colheres (chá) de pó roial.

**Modo de fazer:** Mistura-se tudo muito bem e leva-se ao forno em forma untada com manteiga. Forno quente.

**Informante:** D. Sebastiana Narciso, 63 anos (1975) — Olímpia.

#### Receita n.º 26

**Ingredientes:** 2 1/2 xícaras (chá) de açúcar. 5 copos de água. 2 1/2 xícaras (chá) de fubá. 1 xícara (chá) de leite. 2 colheres (sopa) de manteiga. 4 ovos. 2 colheres (chá) de erva-doce. 3 pitadas de sal. 1 colher (sopa) de pó roial.

**Modo de fazer:** Numa vasilha de louça pôr o fubá, a água e o sal. Sobre esses ingredientes jogar a manteiga já derretida. Levar ao fogo para cozinhar, mexendo sempre até formar um angu. Retirar do fogo e deixar esfriar. Acrescentar os ovos ligeiramente batidos e o leite. Misturar tudo muito bem. Untar a assadeira. Forno quente.

**Informante:** D. Maria Sônia Rodrigues Soares, 25 anos (1977) — Olímpia.

#### Receita n.º 27

**Ingredientes:** 2 xícaras (chá) de fubá. 1 xícara (chá) de farinha de trigo. 2 xícaras (chá) de açúcar. 1 xícara (chá) de leite. 1/2 colher (sopa) de gordura de porco. 1/2 colher (sopa) de manteiga. 3 ovos. 1 colher (sopa) de pó roial.

**Modo de fazer:** Misture todos os ingredientes. Forma untada. Forno quente.

**Nota:** Se puser somente gordura, pode pôr, então, um pouco de queijo ralado.

**Informante:** D. Iraci de Jesus Menino, 30 anos (1978) — Olímpia.

#### Receita n.º 28

**Ingredientes:** 3 copos de fubá. 1 copo de farinha de trigo. 2 copos de açúcar. 2 copos de coco ralado. 3 copos de leite. 3 colheres (sopa) de manteiga. 6 ovos. 2 colheres (sopa) de pó roial.

**Modo de fazer:** Bater os ovos inteiros com a manteiga e o açúcar. Adicionar os outros ingredientes. Bater muito bem. Por último, acrescentar o pó roial. Forma untada. Forno quente.

**Informante:** D. Maria de Lourdes do Carmo, 45 anos (1978) — Olímpia.

### Receita n.º 29

**Ingredientes:** 3 xícaras (chá) de fubá. 1 colher (sopa) de farinha de trigo. 3 xícaras (chá) de leite. 2 xícaras (chá) de mel de abelha. 1 colher (sopa) de manteiga. 3 ovos (batidos inteiros). 1 colher (sopa) de pó roial.

**Modo de fazer:** Amassar todos os ingredientes, reservando o pó roial para o fim. Assar em forma untada com manteiga. Forno quente. Depois de assado, enquanto quente, cobrir levemente com pinceladas de mel.

**Informante:** D. Nair Justino Tobias, 39 anos (1978) — Olímpia.

### Receita n.º 30

**Ingredientes:** 1 copo de fubá. 1 copo de farinha de trigo. 1 copo de leite. 3 ovos (batidos inteiros). 1 xícara (chá) de queijo fresco cortado em pedacinhos. 1 colher (sopa) de pó roial.

**Modo de fazer:** Bater juntos os ingredientes, menos o pó roial e o queijo. Depois de bem batido, colocar o pó roial. Em último lugar, acrescentar o queijo em pedacinhos e mexer a massa para distribuí-lo bem. Forma untada. Forno quente.

**Informante:** D. Odécima Aparecida Batista de Carvalho, 44 anos (1978) — Olímpia.

### Receita n.º 31

**Ingredientes:** 1 copo de fubá. 1 copo de maisena. 1 copo de farinha de trigo. 2 copos de açúcar. 1 copo de aveia. 1 copo de leite. 3 colheres (sopa) de manteiga. 1 colher (sopa) de banha de porco. 3 ovos (as claras em neve). 1 colher (sopa) de pó roial.

**Modo de fazer:** Bater muito bem todos os ingredientes. Assar em forma untada. Forno quente.

**Informante:** Sandra Aparecida Fogagnóli, 16 anos (1978) — Olímpia.

### Receita n.º 32

**Ingredientes:** 2 xícaras (chá) de açúcar. 3 copos de leite. 1 pires (chá) de queijo ralado. 2 colheres (sopa) de manteiga. 2 1/2 xícaras (chá) de fubá. 2 colheres (sopa) de farinha de trigo. 4 ovos. 1 colher (sopa) de pó roial.

**Modo de fazer:** Bater muito bem e levar para assar.

**Nota:** Este bolo fica com 2 camadas: 1 seca e outra cremosa.

**Informante:** D. Aparecida dos Santos, 58 anos (1978) — Olímpia.

### Receita n.º 33

**Ingredientes:** 1 copo de fubá. 1 copo de farinha de trigo. 1 copo de leite. 1 copo de açúcar. 1 colher (sopa) de manteiga. 3 ovos. 1 colher (sopa) de pó roial. 1 pitada de canela.

**Modo de fazer:** Bater todos os ingredientes, colocar em tabuleiro untado, assar em forno brando.

**Informante:** D. Darcini Moreira da Silva Mortati, 36 anos (1978) — Olímpia.

### Receita n.º 34

**Ingredientes:** 2 xícaras (chá) bem cheias de açúcar. 3 xícaras (chá) de farinha de trigo. 2 1/2 xícaras (chá) de fubá. 2 xícaras (chá) de manteiga. 2 colheres (sopa) de óleo. 2 ovos. 2 1/2 xícaras (chá) de leite. 1 colher (sopa) bem cheia de pó roial.

**Modo de fazer:** Bata o açúcar com a manteiga, o óleo e as claras em neve. Acrescente as gemas. Coloque o fubá, a farinha, a erva-doce e o leite. Por último, o pó roial. Untar a forma com manteiga. Forno quente.

**Informante:** D. Lúcia Aparecida de Oliveira Peres, 20 anos (1978) — Olímpia.

### Receita n.º 35

**Ingredientes:** 2 xícaras (chá) de fubá. 2 xícaras (chá) de açúcar. 2 xícaras (chá) de leite. 2 colheres (sopa) bem cheias de manteiga. 4 ovos. 1 pires (chá) de queijo ralado. 1 colher (chá) de erva-doce. 4 cravos. 1 casca de canela. 1 pitada de sal. 1 colher (sopa) de pó roial (dissolvido em 1 xícara (chá) de leite).

**Modo de fazer:** Faz-se um angü com o fubá, o açúcar, o leite, a manteiga, a erva-doce, o cravo, a canela e o sal, mexendo sempre. Quando desprender da panela, retirar do fogo e deixar esfriar. Amolecer a massa com as gemas bem batidas e as claras em neve. Adicione o queijo e o pó roial dissolvidos no leite. Bater bem. Forma untada. Forno quente.

**Informante:** D. Jaine Maria Machado de Sousa, 25 anos (1978) — Olímpia.

### Receita n.º 36

**Ingredientes:** 4 xícaras (chá) de fubá. 2 xícaras (chá) de açúcar. 4 colheres (sopa) de gordura. 2 xícaras (chá) de coalhada. 1 colher (sopa) de pó roial. 3 ovos. Erva-doce.

**Modo de fazer:** Misture o fubá, o açúcar e a gordura, formando uma farofa. Acrescente a coalhada, o pó roial, os ovos, a erva-doce e bata bem. Unte uma assadeira, coloque a massa e leve ao forno.

**Informante:** D. Maria Benfatti, 51 anos (1978) — Olímpia.

### Receita n.º 37

**Ingredientes:** 6 ovos. 2 colheres (sopa) bem cheias de manteiga. 1/2 xícara (chá) de óleo. 2 1/2 copos (americanos) de fubá mimoso. 2 1/2 copos (americanos) de farinha de trigo. 3 copos (americanos) de açúcar. 1 copo (americano) de leite. 2 vidros de leite de coco. 2 colheres (sobremesa) de pó roial. 1 pacote (50 gramas) de coco ralado.

**Modo de fazer:** Bater as gemas com o óleo e a manteiga até formar um creme bem leve. Juntar a farinha de trigo, o fubá, o açúcar, o leite, 1 vidro de leite de coco e a metade do pacote do coco ralado, misturando bem. Por último, colocar o pó roial e as claras batidas em neve. Este bolo deve ser assado em 2 vasilhas.

**Nota:** Depois de assado, ainda quente, furar bem o bolo com um garfo e regar o caldo preparado com 1 vidro de leite de coco e 1 xícara de açúcar, bem misturados. E, finalmente, polvilhar o bolo com o restante do coco ralado.

**Informante:** D. Isabel Masue Takeuchi, 38 anos (1980), residente em Olímpia.

### Receita n.º 38

**Ingredientes:** 2 xícaras (chá) de fubá mimoso. 1 xícara (chá) de farinha de trigo. 1 pires (chá) de coco ralado. 1 pires (chá) de queijo ralado. 2 1/2 copos (americano) de açúcar. 1/2 litro de leite. 2 colheres (sopa) de manteiga. 3 ovos. Erva-doce e noz-moscada. 1 colher (sopa) de pó roial.

**Modo de fazer:** Bater a manteiga, o açúcar e as gemas. Acrescentar os ingredientes secos, menos o pó roial. Pôr o leite morno. Por último, as claras em neve e o pó roial. [Forma untada. Forno moderado.

**Informante:** D. Vilma Sachetim, 35 anos (1978) — Olímpia.

### Receita n.º 39

**Ingredientes:** 1 1/2 copos (americano) de leite fervente. 1 copo (americano) de fubá mimoso. 2 copos (americano) de açúcar. 2 colheres (sopa) de manteiga. 1 colher (sopa) de pó roial. 1 pacote de Sococo (50gr). 1 pacotinho de queijo ralado (1 pires de chá). 2 ovos (claras em neve).

**Modo de fazer:** Escaldar o fubá com o leite fervente e deixar uns 15 minutos (mexendo sempre). Juntar os outros ingredientes pouco a pouco, por último o pó roial dissolvido em meio copo de leite. Assar em forma untada.

**Nota:** Colocar o Sococo no pirex e juntar 4 colheres d'água, misturar bem e deixar descansar, para ficar soltinho. Fica um delicioso bom-bocado.

**Informante:** D. Teresinha Lopes de Melo, 51 anos (1978) — Olímpia.

### Receita n.º 40

**Ingredientes:** 2 colheres (sopa) de manteiga. 1 lata de leite condensado. 3 ovos. 1 xícara (chá) de queijo parmesão ralado. 1 1/2 xícara (chá) de fubá. 2 colheres (sopa) de farinha de trigo. 1 colher (sopa) de fermento em pó. 3 xícaras (chá) de leite.

**Modo de fazer:** Bata os três primeiros ingredientes. Junte o queijo, o fubá, a farinha peneirada com

o fermento e por último misture o leite. Despeje em assadeira untada e polvilhada com fubá. Asse em forno quente por 25 minutos. Fica cremoso.

**Informante:** Zelina Lourenço Vicente, 38 anos (1978) — Olímpia.

### Receita n.º 41

**Ingredientes:** 2 xícaras (chá) de fubá. 3 xícaras (chá) de leite. 2 xícaras (chá) de açúcar. 1 xícara (chá) de manteiga. 1 pitada de sal. 5 ovos. 1 colher (sobremesa) de pó roial.

**Modo de fazer:** Juntam-se o fubá, o leite, o açúcar, a manteiga e o sal para cozinhar, até desgarrar da panela. Depois de frio, batem-se os ovos. Em seguida, mistura-se tudo. Por último, o pó roial. Levar logo ao forno para assar. Forma untada. Forno brando.

**Informante:** D. Aparecida Campo Piano de Miranda, 32 anos (1978) — Olímpia.

Há mais receitas — é grande o **Receituário de Bolo de Fubá** — porém, registramos algumas delas para comparação com as diferentes maneiras de preparar esse bolo. Às vezes temos mais este ingrediente que aquele outro e as variantes da receita podem resolver um problema de momento. Para não nos alongarmos, paremos por aqui. Experimente uma das receitas... e bom apetite!

## FOLCLORE NA FILATELIA

Éden Eduardo Pereira

(Departamento de Folclore — Olímpia)

A Filatelia Nacional, através da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, vem aproveitando, sucessivamente, as fontes de nosso rico folclore em suas emissões comemorativas.

Em 1981 duas séries folclóricas foram emitidas, a primeira em 22 de agosto — Dia do Folclore — retratando os “Folguedos e Bailados Populares” e a segunda em 10 de novembro, focalizando “Presépios Populares”.

Os Caboclinhos, a Marujada e o Reisado, manifestações tradicionais de nosso folclore foram os temas escolhidos dentre os folguedos e bailados populares.

Os “Caboclinhos”, um dos bailados mais antigos do Brasil, representam a luta dos primeiros donos da terra contra o invasor. Sua origem talvez se encontre entre as danças índias que “os curumis” executavam sob a vista dos catequistas. Os jesuítas iniciam a conquista do bugre através de seus filhos menores e, certamente, incentivaram a prática desta forma lúdica tão do gosto da “indiada”.

### Caboclinhos

No Nordeste o vocábulo “caboclo”, em sua acepção mais generalizada é de designar o índio, o autóctone, o filho da terra, o natural, o legítimo brasileiro que, quando muito, cruza de índia com branco, dando aquele tipo de cor bronzeada e cabelos escorridos, lisos. São

os “caboclinhos” — filhos dos caboclos.

Nesse bailado, o auto, de profundo sentimento nativista, exalta e realça as belezas naturais, o código moral do indígena, dramatiza fatos históricos, em prosa e verso, comparecendo perós (portugueses), caçadores, caboclos, archotes, africano, índios titulados, rei, rainha, etc.

Os caboclos usam tangas de penas e adornos singelos, enquanto os graduados (rei, rainha, cacique, morubixaba) se distinguem pelos vistosos cocares e signos do poder: círculo de cipó com seta e machadinha. Os demais usam indumentária correspondente à das personagens representadas.

Em filas, os “Caboclinhos” cantam e dançam acompanhados pelo tarol, maracá, surdo, caixa, pífanos e preacas (flecha atravessada ao meio do arco, nele percucindo ao ser puxada). É do ciclo do Natal, do Carnaval e de São João.

### Marujada

A “Marujada”, bailado popular, tem uma origem controversa. Para uns, é obra anônima, relativamente moderna, para outros, é muito antiga, originária de Portugal.

No Brasil, muito freqüente no Nordeste, a Marujada, auto folclórico do ciclo natalino, denominado Fandango, Barca, Chegança ou Nau Catarineta, aborda uma temática relacionada com a vida marítima, entremeada, de aventuras. Integram o grupo, a oficialidade de bordo, marujos, calafate, capelão, gajeiro, ração, vassoura, cômicos. A dramatização comporta geralmente 24 jornadas e se alonga por 3 ou 4 horas.



O auto se inicia com a chegada ao palco de um barco a velas, movimentado pelos marujos; as jornadas se sucedem com acompanhamento de rabeca, viola, cavaquinho e banjo. Em alguns modelos, a estrutura dramática se diversifica com a inclusão da chegada de mouros, que atacam, abrem alas diplomáticas, lutam, são vencidos e batizados em meio a alegres e felizes comemorações.



## Reisado

No período natalino na região brasileira da jangada, aparece o "Reisado", auto popular, com danças cantadas, narrativas de assuntos e motivos os mais variados em que se misturam amor e guerra, religião e história local, representando a guerra com o vibrar de espadas e toques de maracás.



O Reisado desfila pelas ruas, cantando e dançando, ao som da sanfona, tambor e pandeiros. Segue-se a "abrição de porta", com pedido de entrada na casa e louvores ao seu dono, terminando, após várias visitas, com a exibição de seu teatro em praça ou local apropriado. Suas origens se prendem às danças e folguedos medievais de Portugal (Janeiras ou Reis), comemorativas do nascimento de Jesus.

No Brasil, principalmente no Nordeste, a denominação refere-se ao grupo que louva o Salvador do mundo, e faz uma dramatização, cujas personagens, reais ou fantásticas, simbolizam e atuam como rei, embaixador, secretário, cômicos, mestre, corcunda, lobisomem, zabelê, diabo, boi, urso, anjo, pai-do-mato, etc.

O espetáculo, em forma de revista, apresenta um enredo influenciado pelos autos dos "Congos" (embai-xadas, cenas de guerras), cabendo ao boi o final apoteótico com reverências, danças e mesuras, morte e repartimento, ressurreição e despedida.

O Reisado apresenta trajes garridos e vários enfeites de espelinhos, vidrilhos, lantejoulas, aljófares que enchem os saiotes axadrezados e capas de cetim. A parte mais atraente está no chapéu todo enfeitado de fitas e espelinhos. Estes espelhos servem para o choque de retorno: todo o mal, todos os maus desejos que baterem naqueles espelhos retornarão para quem os tenha tido. Eles têm função amuletiva, defensiva protetiva.

Não resta dúvida que os participantes desses três folguedos populares têm neles uma oportunidade para aparecer, para serem notados pelos demais membros da comunidade, daí os gastos não raro excessivos com a indumentária dando vazão ao exibicionismo que mora na alma de muita gente, catártica do folclore, segundo Alceu Maynard Araújo, grande folclorista brasileiro.

Os três selos da ECT, nas taxas de Cr\$ 50,00, Cr\$ 55,00 e Cr\$ 60,00, respectivamente, apresentam toques primitivistas próximos da gravura popular nordestina, traduzindo a autenticidade dessas manifestações genuinamente brasileiras, com o artista João Oliveira utilizando cores vivas, composição quase simétrica e ausência de perspectiva.



## Presépios Populares

A série comemorativa do Natal-81 apresenta quatro selos tendo como tema presépios populares de algumas regiões brasileiras.

A cena do presépio é o maior símbolo do Natal. Sobre palhas de um presépio está Jesus, ladeado por José e Maria. O boi e o burro procuram aquecê-lo. A gruta resplandece com a estrela do Oriente. Um pastor, emocionado, contempla o Menino que o Anjo Glória lhe revelou. O galo canta anunciando a Boa Nova. Mais tarde, viriam

os três Reis Magos, para a oferta dos símbolos: ouro, incenso e mirra.

Além de permear a arte cênica, o tema — presépio — foi tomado pela literatura, música e artes plásticas, na área da erudição e estética e no meio do povo, formando-se neste, o patrimônio do ciclo natalino folclórico, com quatro séculos de loas, danças, folguedos, artes e artesanatos folclóricos.

Os conjuntos de Eugênia (São José dos Campos — SP) e de Cândida (Taubaté — SP) se apresentam por inteiro nos selos de Cr\$ 55,00 e Cr\$ 60,00; nos de Ciça (Juazeiro do Norte — CE) e de Vitalino Filho (Caruaru — PE), o quadro foi composto com o núcleo central dos símbolos nos selos das taxas de Cr\$ 12,00 e Cr\$ 50,00.

As figuras de cerâmica retratam o universo do artista e seu condicionamento à expressão regional. A manipulação destes componentes, a seu modo e jeito, é a força que impele o seu fazer. O próprio barro o induz à feitura da peça, é convite e desafio.



## Ciça

Ciça destaca a Estrela do Oriente, dimensionando-a na sua importância de estrela-guia, orientadora e reveladora do Natal aos Reis Magos. E representa a lua e sol diante do Menino, submissos ao seu poder.



## Vitalino

Vitalino Filho, formado na escola paterna, compõe o presépio com todos os animais ajoelhados, numa atitude de reconhecimento da realeza de Jesus, homenagem de respeito e humildade.



Eugênia e Cândida praticam a arte ceramista há várias décadas e seus presépios têm a uniformidade de concepção do Vale do Paraíba do Sul — SP, por incluírem, entre os animais, o gambá, recordado na região através das lendas que o ligam ao nascimento de Jesus.



## Eugênia

A gruta de Eugênia é encimada pelo "galinho do céu", figura típica do Vale.



## Cândida

O rancho de Cândida, à semelhança dos antigos ranchos de tropeiros cobertos de sapé, recorda o abrigo de Belém.

Para manter a total fidelidade dos presépios foi utilizada a técnica fotográfica. O fundo colorido realça a beleza das figuras e, ao mesmo tempo que individualiza cada um dos selos, confere unidade à série.

Essas são obras de artistas do povo que integram o processo de elaboração da arte folclórica brasileira, imprimindo-lhe a beleza, a marca e os signos do seu tempo.



# O DINHEIRO NA BOCA DO POUO

José Carlos Rossato

(Departamento de Folclore — Olímpia)

No vernáculo encontramos diversas denominações dadas ao dinheiro, em virtude das variadas situações. Assim é que, os acionistas dão-lhe a denominação de **dividendos**; os administradores, **orçamento**; os agricultores, **lucro**; os aposentados, **pecúnia** ou **aposentadoria**; os arrendatários, **renda**; os associados de clubes, **mensalidade**; os bancários, **cifrão**; os banqueiros, **juros**; os beneméritos, **legado**; os benfeitores, **caridade**; os capitalistas, **valores**; os chefes em geral, **gratificação**; os comerciantes, **prêmio**; os contadores e economistas, **receita**; a Casa da Moeda, **papel-moeda**; os corretores, **comissão**; os criados, ou mesmo outra classe operariada, **salários**; os devedores, **promissórias**; os dirigentes do esporte bretão, **folha de pagamento**; os doadores, **oferta**; os financistas, **moeda**; os funcionários públicos, **holleriths**, **proventos** ou **vencimentos**; os futebolistas, **luvas**; os governantes, **verba**; os indivíduos idôneos, **crédito**; os industriais, **fatura**; os magistrados, **emolumentos**; os menores de idade que não têm uma profissão remunerada, **mesada**; os militares, **soldo**; os ministros e secretários de Estado, **recursos**; os necessitados, **empréstimos**; as noivas, **dote**; os operários, **diária**; os parceiros na atividade agrária, **parte** (meia, terça, quarta); os pagadores, **recibo**; os parlamentares, **subsídios**; os pedintes, **adjutório**; os prestamistas, **carnês**; os pretensos sócios de clubes, **jóia**; os profissionais liberais, **honorários**; os promotores de vendas, **ajuda de custo**; os queixosos, **indenização**; os religiosos, **espórtula**; os representantes do povo, exceto os vereadores, **representação**; as seguradoras, **pecúnia**; os separados judicialmente, **pensão alimentícia**; os sócios, **cotas**; os vendedores, **comissão** ou **porcentagem**; os vereadores, **subsídios** ou **auxílio**; além de outras formas menos utilizadas.

Observe que são as circunstâncias, convenções ou conveniências os elementos que dão ao dinheiro, quando se remunera, a sua correta denominação no espaço. Por outro lado, quando o vil metal é ofertado, dado, recebe as seguintes nomenclaturas: **dízimo** ou **oferta**, nas igrejas e, **esmola** aos paupérrimos.

A cultura popular é pródiga em oferecer anedotas, crendices, superstições e algo mais a respeito do dinheiro. Na gíria encontramos um vasto vocabulário relativo à moeda corrente no País.

## ANEDOTAS

Muitas anedotas existem a respeito do dinheiro. Elas fazem referência, no geral, aos sovinos “turcos” (árabes, judeus, libaneses, sírios e os turcos propriamente ditos), ou então quando novas cédulas ou moedas entram em circulação. Quando houve mudanças no sistema monetário nacional, com Getúlio Vargas, em 42, com a substituição do “mil-réis” pelo “cruzeiro”. O mesmo ocorreu quando da reforma monetária de Castelo Branco, em 67, sendo “cruzeiro novo” o nome posto em lugar do anterior, para posteriormente voltar a ter a denominação da época absolutista do Caudilho dos pampas.

## CRENDICES E SUPERSTIÇÕES

Há muitas crendices, como: colocar uma cédula ou moeda aos pés de uma imagem (Nossa Senhora Aparecida, São José, Padre Cícero, etc.); atirar moedas em determinados lagos artificiais de jardins públicos, de costas, para dar sorte; guardar três moedinhas em carteira, no último dia do ano civil para ter dinheiro o ano todo; tem o mesmo propósito a economia que deve ser feita no primeiro dia do ano; depositar sete moedas numa encruzilhada, à meia-noite, para desaparecer o azar; fazer uma novena, às sextas-feiras, colocando uma contribuição às almas,

livra de doenças a família de quem a faz; afixar uma nota de um cruzeiro atrás da porta da sala, nunca faltará dinheiro; a mesma conotação tem uma cédula, geralmente de pequeno valor, dobrada e transformada num pequenino pacotinho de aproximadamente um por dois centímetros (é raro encontrar quem sabe fazer tal dobradura que deve estar sempre na carteira para surtir efeito); para quem tem coragem, no 1.º dia do ano, à meia-noite em ponto, ir a uma encruzilhada e levar uma garrafa de pinga, uma garrafa de “champagne” e treze moedas; oferecer as moedas ao Exu Tranca Ruas e à Pomba Gira para que estes tranquem os inimigos e malfeitores que cruzem os caminhos; quebrar a garrafa de pinga e ofertá-la ao Tranca Ruas e quebrar a de “champagne” e oferecê-la à Pomba Gira, para que nunca falte dinheiro; além de outras.

Na Igreja, no decorrer da missa, quando se passa recolhendo as oferendas, dá sorte, colocar uma nota de maior valor e retirar o troco. Esse mesmo expediente, se bem que muito raro, já observamos em relação às esmolas dadas aos menos favorecidos pelo destino.

As moedas que são perfuradas e afixadas em alguns locais (balcão, atrás de portas, etc.) têm o mesmo significado.

Colecionar moedas e/ou cédulas, de um ou mais países, tem no contexto o mesmo sentido. Enquanto isso ocorre, há aqueles que têm verdadeira ojeriza pelo dinheiro e só trabalham com cheques. Fazem de tudo para não pegar esse sórdido instrumento de comunicação.

Cócegas nas mãos significa que a pessoa vai receber dinheiro.

É comum a existência de correntes, onde o dinheiro é uma constante.

Certamente a mais popular é a Corrente de Santo Antônio de Pádua. Nesta, o indivíduo ao recebê-la deve fazer nove cópias iguais e em cada uma delas colocar o dinheiro suficiente para que a pessoa ao recebê-la possa comprar um pãozinho e dar ao primeiro pobre que vir. Geralmente esta quantia que segue anexa à corrente é de dois cruzeiros. Essas nove cópias devem ser enviadas para igual número de pessoas, que assim sucessivamente passam para a frente. Nesta corrente há referências (positivas e negativas) para quem cumprir ou deixar de executar a tarefa proposta. Esta alusão é sempre baseada em dinheiro. Exemplificando: Fulano cumpriu as obrigações da corrente e ganhou “X” na Loteria; Beltrano impediu a seqüência da corrente, sofreu um acidente automobilístico e gastou “Y” para voltar à saúde normal e reparar o veículo; Sicrano não cumpriu plenamente as fases da corrente, sonogando (talvez inconscientemente). Foi multado por um fiscal em “W” cruzeiros.

A Corrente de Santa Rita de Cássia é análoga.

Quando a pessoa a encontra, num dos bancos de uma Igreja, deve seguir rigorosamente as instruções contidas e fazer uma novena. O tributo é uma necessidade imperiosa. Deve-se fazer nove cópias iguais. Ir a um templo católico levando uma das cópias. Esta deverá ser lida e seguida de três Pai-nossos, três Ave-marias e três Salve-rainhas. A colaboração a ser colocada num dos cofres, caso não haja a imagem da Santa, nessa Igreja, é de um cruzeiro, mas pode-se aumentar, caso queira. Se porventura existir a citada imagem, a contribuição deve ser para ela. Esta operação deve ser repetida por nove dias consecutivos e não há necessidade de ser no mesmo local. Quanto maior o número de locais, melhor. O ideal é realizar esta empreitada em nove santuários diferentes.

Há outras correntes envolvendo os nomes de santos dos católicos. Entretanto, essas duas são as mais populares.

Nos últimos anos, voltou à baila, um tipo de corrente que visa a eventual lucro para quem dela participar.

O indivíduo é convidado, através de algum amigo, a participar. Caso aceite, receberá a corrente. Deve enviar ao primeiro da lista a quantia estipulada. Esta remessa pode ser através de uma agência bancária, às vezes, até indicada previamente, ou por intermédio de um vale postal. É variável entre cem a um mil cruzeiros o prêmio constante na cláusula.

A seguir, procede-se à confecção das cópias. O segundo nome é colocado na cabeceira da ordem; o terceiro, na segunda posição e assim sucessivamente vão subindo de colocação os participantes. Obviamente o nome de quem adentrou ao jogo fica no derradeiro espaço.

Nesta corrente há promessas de se conseguir elevadas quantias monetárias. Surgem também muitos boatos, sempre tendo por meta o vil metal. Exemplificando: Fulana já recebeu tantos mil cruzeiros; Sicrana ganhou o suficiente para comprar um automóvel; e tantas outras estórias mirabolantes.

O popular São Benedito é facilmente encontrado em muitos lares, sobretudo na zona rural. Quer seja sob a forma de imagem ou em quadro, ele pode aparecer tanto em dormitórios, como nas cozinhas.

É hábito colocar moedas numa pequena cumбуca (ou outra vasilha qualquer) situada aos pés de São Benedito, no decorrer do ano civil.

Às vésperas do Natal, esse dinheiro coletado é recolhido para ser doado a Asilo, ou a uma Igreja, ou ainda para se comprar algo prioritário que sirva para os menos favorecidos. Segundo a crença popular, este ato dá sorte para quem colaborar e traz saúde para a família que mantém a imagem ou o quadro que representa o padroeiro dos cozinheiros e dos escravos.

O povo recorre muito também a Santo Antônio.

Quando desaparecer qualquer objeto é só fazer uma promessa a Santo Antônio, oferecendo qualquer quantia para que ele apareça de imediato. Assim pensam os devotos de Santo Antônio.

Existe outro tipo de promessa que é feita ao santo de devoção da pessoa quando ela está em situação difícil. Nem sempre esse santo foi canonizado pela Igreja. É o caso do Padre Doniséti, do Padre Cícero e de outros.

Este tipo de promessa, além das orações e velas, é acompanhado de alguma pequena importância em dinheiro.

Vale a pena registrar a oração a São Vicente, para aumentar o dinheiro, recolhida pelo professor José Sant'anna, em Olímpia, cuja informação é da senhora Ermelinda Batista de Oliveira (D. Lola), casada, católica, pouca instrução, 40 anos (1980):

“Deus te salve, ó Lua Cheia,  
Com toda a sua enchente  
A louvor a São Vicente,  
Quando fores e voltares  
Trazei-me desta semente”.

(Enquanto rezar, mostrar a numeração de uma nota de dinheiro à Lua).

## DINHEIRO E RITOS

Nos rituais dos terreiros de Umbanda e de Candomblé, o dinheiro é sempre oferecido aos guias para se atingir determinado propósito.

Quem quiser ganhar na Loteria, à meia-noite, de uma sexta-feira maior (Sexta-feira santa) deve estar num terreiro de Quimbanda com sete notas novas de um cruzeiro e entregar uma para cada Exu que aparecer. À medida que se entrega a nota, faz-se o pedido, dá-se um gole de pinga para a entidade e toma um outro. Se sobrar,

deve jogar ao chão e atirar fogo, sempre renovando o pedido.

No último dia do ano, à meia-noite, quem tiver coragem de ir a uma encruzilhada e chamar um Exu, entregando-lhe treze moedinhas, simultaneamente, ao acender um maço de velas vermelhas e outro de pretas, ganhará muito dinheiro em negócios o ano inteiro. Este ritual de Candomblé é realizado por muitas pessoas em Fernandópolis (SP).

## O PODER DA GÍRIA

Em viagens de estudos, conhecemos praticamente todo o Brasil. Arrolamos as mais estranhas formas de gíria, ao nos referirmos ao dinheiro. Muitas delas já caíram em desuso (abóbora ou abobrinha, cabral, getulinho, pedro, tiradentes, etc.). Em vista disso, não dispensaremos a elas, qualquer atenção.

O dinheiro pode ser chamado de: arame, baba, bagarote, barão, bombom, bom-bril, bororó (uso restrito), bufunfa, cacau, carvão, chocolate, cruza, erva (pouco usado), fiapo, ferpa, gaita, grana, gronha, jaburu, jibungo, jimbongo, jimbra, malandro, mango, metal, milho, miúdo, mônei, nota, pacote, pataco, pau, pelego, pila, prata, puto, ouro, solda, sórdi, situação, trocado, troco, tutu, sem enumerarmos outras que a memória fica devendo. Em contrapartida, bunda de santo, duro, limpo, liso, na difícil, na lona, na menor, na pior, pindaíva, pronto, puro, quebrado, reto e teso indicam ausência de dinheiro, no Folclore.

Endividado recebe os seguintes termos e expressões: com a corda no pescoço, dependurado, na forca, enforcado, no prego, pendurado, quebrado, etc. Abriu o bico, significa falido.

Há frases e palavras que têm o sentido de avarento: mãe-de-são-pedro, mãe-do-sarampo, não abre a mão nem para despedir, não abre a mão nem para cumprir, não abre a mão nem para jogar bola, não abre a mão nem para jogar peteca, mão dura, abre a mão só para receber, abre a mão só pra comer, etc.

Caro, alto preço, exorbitância, excessivo custo, recebem, na linguagem popular: os olhos da cara, pela hora da morte, etc. Entretanto, achado, micharia, bacia das almas, galinha morta, de graça, nica, nonada, migallice, nuga, trica, tuta-e-meia, bagatela, etc. têm o sentido oposto.

Gorjeta é representada por gorja e gruja.

Gastador é mão aberta. Egoísta é fominha, em todas as acepções. Gastar é torrar. Trambique é negócio ilícito. Trambiqueiro é trapaceiro. Russo e porco significam situação difícil. Rachar é dividir despesa entre companheiros (também tem o sentido de estudar bastante). Fazer uma vaca (ou vaquinha) é dividir cotas entre amigos para comprar algo que sirva para todos, como uma bola, por exemplo. É uma espécie de cooperativa.

No populário bancário encontramos: borboleta, com o sentido de ilegalidade através de cheques, e papa-gaio significando promissória.

Convém esclarecer que, muitas vezes, uma palavra, ou então, uma expressão solta não tem sentido, em algumas áreas culturais. Elas não podem ser desligadas dos respectivos contextos sócio-culturais, para não se esvaziar de conteúdo. Portanto, o meio ambiente, o meio físico-geográfico, não pode ser dissociado do vocábulo, ou da frase, para conservar a real conotação.

## DINHEIRO E CAMINHÃO

No nosso acervo de frases de caminhão encontramos dezenas que fazem referência ao dinheiro. Dentre elas destacamos:

Sogra, nem com muito dinheiro. Dinheiro é sangue. Dinheiro é sangue e sangue não se dá. Dinheiro custa ganhar. Dinheiro chama dinheiro. Dinheiro cheira dinheiro. Dinheiro não tem cheiro. Dinheiro parado não dá juros. O cachorro é fiel porque não conhece dinheiro.

## DINHEIRO E QUADRAS

O dinheiro, tradicional veículo de comunicação, aparece até nas quadrinhas folclóricas. A seguir, apresentaremos algumas, cedidas pelo Prof. José Sant'anna, recolhidas no Município de Olímpia.

Há quem pense que o dinheiro  
É que traz felicidade;  
Mas só quem goza saúde  
É que é feliz de verdade.

Dizem que foi o Demônio  
Quem inventou o dinheiro,  
Mas quem quer ver o Demônio,  
Fique com bolso maneiro.

A mulher e a galinha  
São dois bicho interesseiro,  
A galinha pelo milho  
E a mulher pelo dinheiro.  
(Esta é conhecida em quase todo o território nacional)

Quer o rico, quer o pobre,  
Todos têm seu amorzinho;  
O rico com seu dinheiro,  
O pobre com seu carinho.

O dinheiro tudo compra,  
O dinheiro compra tudo,  
Compra até o silêncio  
Do mais triste linguarudo.

Como se vê, dinheiro e literatura popular, também se acasalam.



## DINHEIRO E O CANCIONEIRO FOLCLÓRICO

A palavra dinheiro, talvez a mais pronunciada no mundo do capitalista, sob suas variadas formas, também faz parte de músicas folclóricas. Eis alguns exemplos:

Minha mãe me dá dinheiro  
pra eu comprar um cinturão  
pra fazer a ponta fina  
Pra dá no Lampião.

Estribilho  
Ai bumba chora,  
Ai, ai, chora meu bumba.

Do livro Retalhos de Folclore, do escritor Adelino Brandão, publicado em Araçatuba (SP).

Note, pela letra da música apresentada que o dinheiro sempre esteve presente no Ciclo do Banditismo, no Nordeste Brasileiro. Ele foi reclamado para se integrar no Ciclo do Lampião, no Cangaço. Manifestou-se contra a situação de intensa miséria e de injustiça social existentes no sertão nordestino no início deste século. É a presença do dinheiro na música do povo.

Também constatamos o valor do dinheiro para a sobrevivência nos cantos de cegos. São diversas as melodias cantadas por pessoas desprovidas de visão, como um meio de ganhar a vida.

Esta melodia a ser apresentada é um canto de cego. Ela é o resultado de uma pesquisa realizada na cidade de Olímpia (SP) pelo confrade José Sant'anna.

O cego canta pedindo. Geralmente é acompanhado dos acordes de cavaquinho ou pandeiro. Mas, há os que executam sanfona, cuca e gaita. É mais raro os que tocam viola ou violão.

Quem pede, pede chorando,  
Quem dá merece bondade;  
Dá esmola ao pobre cego  
Na maior necessidade.

Depois que recebe o adjutório, ele canta agradecendo, sempre acompanhado pelo seu instrumento musical. Assim:

Deus lhe pague, Deus lhe ajude  
Deus lhe dê vida e saúde.  
A saúde é caridade,  
Caridade é virtude.

Há muitos que entremeiam com músicas sertanejas. Geralmente cantam em estações (rodoviárias e ferroviárias) ou em logradouros públicos.

Verificamos em Cosmorama (SP) a presença de um cego que cantava enquanto executava simultaneamente sanfona e gaita, sendo que esta estava adaptada sobre aquela.



## DINHEIRO NA IDEOLOGIA DE CORDEL

O significado cultural do dinheiro está inserido no espírito folclórico da literatura de cordel, na literatura popular nordestina. Parece-nos que a ideologia dessa literatura identifica, com muita propriedade, o dinheiro. Para tal, é só recorrer aos folhetos desses poetas, como: A Crise na Porta do Pobre, de Antônio Alves da Silva; O Peso da Carestia, de Manoel Tomás de Assis; Os Tubarões do Comércio e a Carestia em Geral, de Francisco Firmino de Paula; Tudo Agora Levantou, de José Costa Leite; além de outros.

Note os versos do poeta que escreveu — Tudo Agora Levantou:

“Comida agora em mosqueiro  
é um caso verdadeiro  
um lanche é tanto dinheiro  
que ninguém nunca pagou  
por um taco de cabelouro  
e um café choco e gouro  
estão cobrando um tesouro  
tudo agora levantou”.



## DINHEIRO E FRASEOLOGIA

Frases como: quanto mais tem, mais quer; quanto mais rico, mais ridico; indicam indivíduo ambicioso.

É grande o número de frases envolvendo o dinheiro, o símbolo do Capitalismo. Eis apenas alguns exemplos:

Dinheiro de trouxa é farra de sabido. Dinheiro, carinho e reza, nunca se despreza. Dinheiro na mão de pobre só faz baldeação. A desgraça do pobre é não ter dinheiro. Dinheiro no meu bolso é manga de colete.

Nos estabelecimentos comerciais podemos encontrar frases alusivas ao dinheiro. Com maior frequência elas aparecem em impressos, mas também constatamos algumas poucas escritas nas paredes. Muitas vezes elas estão acompanhadas de desenhos que por si só dizem tudo.

Essas frases fazem referência ao fiado, ou seja, lembram aos fregueses que não se vende sem dinheiro. Eis alguns exemplos encontrados em núcleos urbanos da Alta Araraquarense, no Estado de São Paulo (Jales, Mirassol, Santa Fé do Sul, Valentim Gentil e Votuporanga):

“Quem vende fiado, perde a mercadoria e o freguês”. “Fiado, só ontem”. “Fiado, só amanhã”. “Freguês educado não pede fiado”. “Cigarros e bebidas só à vista”. “Fiado, só na Mylene”. (nome de loja). “De vender fiado, fiquei quebrado”. “Fiado, cinco letras que choram”. “Quem bebe pra esquecer deve pagar antes de beber”. “A bebida faz esquecer, então pague antes de beber”. “Freguês educado não cospe no chão, não pede fiado e não diz palavrão”. “Para não ficar quebrado, nunca vou vender fiado”.

“Para servi-lo aqui estou,  
trabalho e não sou folgado,  
de amigo, parente e doutor  
foi o fiado cortado”.

“Por imposição de Lei está proibido vender gasolina fiado”.

“Não passe sem parar,  
Não pare sem entrar,  
Não entre sem comprar,  
Não compre sem pagar”.

“Lei Federal proíbe vender fiado”. “Gasolina só à vista”. “O fiado acabou”. “Você chegou tarde e o fiado foi embora”. “Fiado já era”. “Fiado até ontem”. “O Governo proibiu vender produtos derivados de petróleo fiado”. “Ontem acabou o fiado”. “Pague o que você deve porque o fiado acabou”. “Não passe sem parar, não pare sem comprar, mas à vista”. “Não pare sem entrar, mas compre à vista”. “Não peça fiado”. “Não entre sem gastar e nem saia sem pagar”.

“Fui  
Irmão e  
Amigo  
Do infeliz  
Otávio, falido”.

Há outra tipologia que através de eufemismo está implicitamente fazendo referência ao dinheiro, como as que seguem:

“Agradecemos a preferência”. “Você é o freguês mais importante do mundo”. “Desejo em dobro o que você quer pra mim”. “Aqui o freguês tem sempre razão”. “Se não fosse você, esta loja não existia”. “Você é a causa do nosso progresso”. “Obrigado e volte sempre”. “A tua visita muito nos honra, mesmo sem comprar”. “Trabalhamos para servi-lo bem”.

### DINHEIRO E PRAGAS

Pragas são frases onde há pedidos para que males recaiam sobre o inimigo ou concorrente. Observe que nos exemplos que seguem, a patente alusão ao dinheiro:

“Sicrano há de ficar pobre pra aprender a respeitar os pobres”. “Na outra geração, Fulana precisa nascer debaixo de uma ponte”. “Beltrano, o teu dinheiro a terra vai encobrir”.

### DINHEIRO E PÃO-POR-DEUS

Na área litorânea de dois Estados brasileiros — Alagoas e Santa Catarina — é comum as pessoas menos favorecidas enviar bilhetes a outras melhor aquinhoadas pelo destino, solicitando favores. Este modesto bilhete, portador de pedido de favor, é denominado “Pão-por-deus”. Tem a forma de um coração, daí também ser conhecido pelo nome desse órgão.

Conhecemos um, na praia de Itajubá (SC), em 76, que é, uma verdadeira obra artística: rendilhado a tesoura e com o desenho de um botão de rosa. Nele a pessoa escreveu para o gerente do hotel, situado naquela praia:

“Com pena eu pego na pena,  
com pena de te escrever,  
com muita delicadeza  
peço dinheiro à minha mesa”.  
Maria Antônia

Pelo que se pode supor, à primeira vista, pelas evidências, não deve ter sido redigido pela necessitada.

### DINHEIRO E LENDAS

É considerável o número de lendas existentes, onde é evocado o dinheiro. Lendas como a da Mãe-de-Ouro, de baús repletos de moedas e outras análogas são bem conhecidas.

### DINHEIRO E GESTOS

Os gestos populares constituem o verdadeiro idioma da raça humana. É universal e antecede qualquer tipologia de linguagem. As mãos podem expressar melhor que os lábios.

Ao mover o dedo indicador sobre o polegar todos sabem que está se referindo ao dinheiro. Batendo uma das mãos fechadas sobre a outra significa sem dinheiro.

## DINHEIRO E BOATOS

É verbas comum os boatos envolverem o dinheiro nos subornos, desfalques, golpes, falências e congêneres falcatruas.

### DINHEIRO, BIJUTERIA E LEGISLAÇÃO

No decorrer da ditadura de Vargas, consoante informação de Aristides Vendramini, de Tanabi (SP), um Decreto-lei, impedia que se utilizassem moedas como adorno e que se escrevesse em cédulas. No entanto, mesmo não revogado aquele diploma legal, notamos com visível frequência, a existência de colares, chaveiros, cintos, gargantilhas, pulseiras e até bolsinhas confeccionadas com moedas.

### DINHEIRO, VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO

Na cultura espontânea do povo encontramos facilmente frases grafadas em papel moeda. Colecionamos um número considerável dessas notas, o que enuncia o valor do dinheiro como veículo de comunicação de idéias.

Comprovamos que a maioria das cédulas arroladas são as de um cruzeiro. Este registro deve-se ao fato de que é mais fácil o povo ter cédulas desse insignificante valor e também pelos motivos expostos, se perder a legalidade pouco prejuízo pecuniário terá o indivíduo. Corroboramos, confirmamos que à medida que as cédulas vão tendo maior valor legal, menor é a possibilidade de se encontrar legendas nelas. Tanto isso é verdade que defrontamos apenas com uma cédula de valor máximo: mil cruzeiros.

### CÉDULAS DE Cr\$ 1,00 (UM CRUZEIRO)

1 — AO2549/053468: “Quem pegar este dinheiro é considerado um ladrão”. 2 — B05725/094956: “Se eu te perder nunca mais te encontrarei”. 3 — B08818/026292: “Você já viu o diabo? Não!!! Fique sem dinheiro”. 4 — B11459/064695: “Quando você foi, fiquei duro!”. 5 — N10312/033147: “322717 José Luiz”. (provavelmente é número de telefone) 6 — B03522/082044: “Dalvina meu amor, onde estiver volte por favor”. 7 — B10578/027812: “A você feliz natal e próspero ano novo são os melhores votos de sua colega...???”.

### CÉDULAS DE Cr\$ 5,00 (CINCO CRUZEIROS)

1 — B05256/079486: “Quem pegar neste dinheiro está muito feliz porque eu não faço nada nele porque ele vai para a mão do juiz. Quem pegar neste dinheiro vai ter muita sorte com o seu amor. Ailto”. 2 — B06889/059690: “Vire este dinheiro e verá uma mulher pelada na bicicleta”. No verso: “Você demorou e ela já passou”. 3 — B08089/034852: “No posto Shell só tem vagabundo”. 4 — B11883/057964: “Mantenha a cidade limpa matando um preto por dia”. 5 — B10241/088137: “Se gritos fossem flores cabeça de paulista era jardim”.

### CÉDULAS DE Cr\$ 10,00 (DEZ CRUZEIROS)

1 — B01175/010993: “Quem pegar nesse dinheiro é burro”. 2 — A06362/066366: “Vem ver São Cipriano. Quem receber esta nota copia estas palavras em três cédulas. Nada lhe faltará”. 3 — A07051/098656: “Fui confessar-me. Disse ao padre que estou amando. Como penitência ele me disse que fosse continuando”.

### CÉDULAS DE Cr\$ 50,00 (CINQUENTA CRUZEIROS)

1 — B04014/084689: “Vida! de que vale a vida! Se minha vida está envolvida na vida de tua vida!” 2 — A02558/021955: “Roberto e Adriane”. 3 — B04151/071560: “Eu sou bonito, solteiro e estudado”.

### CÉDULAS DE Cr\$ 100,00 (CEM CRUZEIROS)

1 — A05219/003889: “Sibéle e Paulo” No verso: “Marlene e Valdir”. 2 — A05926/076969: “Em caso de incêndio vire rápido”. No verso: “Eu disse em caso de incêndio... burro”.

Temos ainda centenas de cédulas, do Banco Central do Brasil, todavia, já demos uma amostragem suficiente do valor folclórico nelas inserido.

## CONCLUSÃO

Nos primórdios da civilização, o comércio era realizado pela troca de objetos. Contudo, essa troca de utilidades acarretava problemas (quantitativos e qualitativos) que impediam o desenvolvimento econômico.

Na antiguidade, quando foram cunhadas as primeiras moedas, na Grécia ou em Roma, tinham elas como símbolo a cabeça de um boi (daí a palavra latina "pecunia", que vem de "pecus", ou seja "gado"). Na Itália, as moedas mais antigas eram enormes barras em forma quadrilátera, espécie de ladrilhos de cobre em que são representados os mais variados animais. Posteriormente, os figurões da política, os reis, generais, heróis nacionais, os deuses e os artistas passaram a ter a sua efígie estampada nas moedas. Os pequenos dentes das bordas das moedas têm várias funções: legitimidade na identificação, legitimidade do metal; diminuição do peso. Surgiu na mais remota antiguidade, quando as bordas eram limadas para que o receptor desconfiado se certificasse da autenticidade do metal, então o ouro.

Através dos tempos, muitas modalidades de moedas foram empregadas pelo homem, como: o chá, na Antiga China; as peles, entre os caçadores canadenses; o sal, entre algumas tribos africanas; retalhos de couro estampado, ao Norte da Antiga Rússia; barras ou objetos de metal de formas e pesos variados; e o cacau (semente, grão) entre os índios astecas da porção central da América.

A lingüística nos revela que do latim "pecus" = gado, veio pecúnia; "caput" = cabeça, deu capital; do russo "Koutnitsa" = marta; "Kouna" = moeda.

Com o passar dos tempos, difundiu-se o uso de notas de papel, ou seja, papel-moeda, que se universalizou. Resumidamente podemos afirmar que a Humanidade passou do sistema de trocas para um determinado tipo de moeda em cada país.

Para finalizar, convém deixar bem patente que o fato folclórico, ocorrido no Brasil em relação ao dinheiro, sucede também nos outros países. Os outros povos têm também o dinheiro inserido no Folclore. Não é privilégio só dos brasileiros.



## FOLCLORE VERBAL

# ESTORIAS DE NOSSO SENHOR

José Sant'Aanna

(Diretor do Museu de História e Folclore "D. Maria Olímpia")

O povo daquele tempo desconhecia a comunicação televisual e poucos eram os meios de comunicação auditiva. Também não usava fogão a gás nem aparelhos eletrodomésticos. Porém, jogava peteca no pátio das residências e largo da igreja. A Quermesse da Igreja prolongava-se por nove dias consecutivos e constava de banda de música, de todos chamada "furiosa". Os espetáculos pirotécnicos quebravam a mudez do lugarejo, proporcionando ao mesmo tempo, um ambiente de alegria ou de pavor.

Ainda não se registravam esmagamentos por automobilismo, mas era comum o chiar enervante dos carros de bois, máquinas primitivas, armadas de cabreúva nas rodas e nas xedas, tendo por soalho o cedro, rolando pesadas e monotonamente.

Ponto de encontro e distração era a estação ferroviária, prédio de construção simples, passeio predileto dos mais jovens. Nela parava o trenzinho cuja locomotiva a vapor era conhecida por "maria-fumaça".

A canalização de água e a luz elétrica nunca passaram de uma apagada esperança...

Eis descrita, rapidamente, a fisionomia do distrito de Ribeiro dos Santos nos idos de 1940.

Os velhos hábitos ainda correntes perscrutando-lhes as reminiscências dos costumes patriarcais já se iam diluindo na desenvolvimento civilizadora.

Entretanto, nossa avó, obediente aos ensinamentos ancestrais, sem embargo do seu natural e espontâneo modo de ser, narrava-nos estórias da tradição oral.

Tais estórias eram-nos contadas nas horas monótonas de lazer, principalmente em noites chuvosas.

E de lá, no interior da sala ou da cozinha, do sentimento religioso brotava o fervor da crença em sua primitiva pureza.

Nossa avó, extremamente religiosa, de pouca cultura, porém inteligente, modificava a entonação de voz e gesticulava sempre para não nos cansar, ao mesmo tempo em que procurava a formação do nosso caráter. Formação grande e salutar com estórias criadas com fundamentos na religião.

Serviram como estímulo de alento para nossa crença não vacilar.

E assim nossa narradora, num colorido poético e religioso, à medida que ia contando as estórias, estas formavam enorme cena que forçosamente atuavam sobre nosso espírito infantil.

Conservando as estórias da tradição popular, com metucioso cuidado e carinho, nós, sempre consagrados ao folclore, lembramos, ainda, alguns casos de **Quando Nosso Senhor Andou no Mundo**, que nos foram confiados à memória.



### 1 — A INVENÇÃO DAS PULGAS

Quando **Nosso Senhor** andou no mundo, São Pedro seguiu-o arrastando os pés e sempre resmungando.

Fazia calor e havia muita mutuca mordedeira. À sombra de um ingazeiro, São Pedro falou:

— Mestre, paremos aqui um pouco. Eu já não posso mais!

Jesus teve pena do velho e parou. Sentaram-se debaixo das árvores. Daí a pouco viram ali perto sob uma moita fresca uma mulher indolentemente deitada.

Via-se pela roupa que era pessoa abastada. De certo, a filha do grande fazendeiro da redondeza, que andava passeando.

A moça cochilava e parecia tão preguiçosa quanto faceira.

Jesus olhava-a com um olhar doce, misto de piedade e de ironia.

De repente, apanhou um pouco de saibro grosso e atirou-lhe em cima, acordando-a de todo. Ela olhou-o com espanto e Ele tranqüilamente lhe disse:

— Mulher, a ociosidade é a mãe de todos os vícios. Dei-te agora alguma coisa com que te entreterás...

Então, ela começou a coçar-se e a apanhar as **pulgas**, que a mordiam por todo o corpo.

## 2 — AS ABELHAS

Quando **Nosso Senhor** andou no mundo, viu um dia São Pedro ficar furioso na raiz de uma serra. O santo sentara-se, por acaso, à beira dum córrego, junto duma moita em que as abelhas tataíras tinham feito sua casa. Por distração, tocara nela e um dos insetos o mordera no rosto. Enfuriado pela dor, pela ardência daquela picada, o santo começara a matar com pés e mãos todas as abelhas que saíam da colmeia.

Jesus exproboou-lhe a ira e ele explicou:

— Uma delas deu-me uma ferroadada.

— Não é razão plausível para matar todas. Bastaria que esmagasses aquela que te picou.

— Mas como distingui-la das outras? São todas iguais.

Nosso Senhor prosseguiu com a maior doçura:

— Meu amigo, se fosses Deus serias capaz de fazer com os homens o que estavas fazendo com as pobres abelhas? Se um dentre eles te ofendesse, pecasse, vingarte-ias de todos?

São Pedro, confuso, baixou a cabeça e murmurou:

— Senhor, perdoai-me. Vós tendes toda a razão.

## 3 — A MULHER DO CARREIRO

Quando **Nosso Senhor** andou no mundo, ia de tarde por uma longa estrada, muito fatigado.

De repente, ouviu canto de aboiado e surgiu à sua frente um carro puxado por quatro juntas de possantes bois. Um menino guiava-os, adiante, cantando. Velho carreiro, de aguilhada ao ombro, sentado junto ao timão, cabeceava de sono e, na mesa do carro, dois sujeitos jogavam bisca.

Nosso Senhor dirigiu-se a ambos e pediu-lhes humildemente um lugarzinho ali, para continuar sua viagem mais descansado. E mostrou-lhes seus pobres pés sangrando dos estrepes e pedras do caminho.

Vendo-o esfarrapado, eles chasquearam e riram. Mas o velho carreiro acordou com o barulho e chamou-o suplicante:

— Venha cá, meu velhinho, sente-se no meu lugar.

Pôs Nosso Senhor ali e a pé foi tangendo os bois. Quase ao chegar à vila próxima, anoitecia. O pobrezinho falou ao carreiro:

— Mateus, há dez anos a tua mulher vive paralítica sobre um catre. Hoje, quando chegares em casa, há de encontrá-la andando, a cantar e a cozinhar o teu feijão.

Quando o interpelado se voltou para o pobre, ele havia desaparecido.

Mas o que predissera, aconteceu.

## 4 — O BEZERRO DO CHOCALHO DE OURO

Quando **Nosso Senhor** andava pelo mundo, certo dia se vestiu de mendigo e, apoiado a um bastão, seguiu pelos caminhos, pedindo esmolas pelo amor de Deus.

Mas as gentes eram más e por toda a parte nada lhe davam e o insultavam, incitando até os cães contra o mendigo.

Ao anoitecer do primeiro dia dessa peregrinação, Nosso Senhor bateu à porta da humilde casa dum vaqueiro chamado José.

— Amigo, estou cansado e ainda não comi. Dê-me qualquer coisa para cear, pelo amor de Deus!

— Entre, meu pobre, a casa é sua, respondeu o vaqueiro.

O ano era péssimo. José, a única coisa que possuía era um bezerro de estimação. Apesar disso, matou-o e deu de comer ao mendigo. Então, após ter matado sua fome, este lhe disse:

— Apanhe todos os ossos do bezerro e junte-os à porta de casa. Verá o que vai acontecer amanhã.

E foi dormir.

José assim fez. Pela manhã, o mendigo desaparecera e a pastar no terreiro, o vaqueiro viu, vivo, o seu bezerrinho de estimação, com um chocalho de ouro ao pescoço.

## 5 — O DINHEIRO

Quando **Nosso Senhor** andou no mundo, passou uma tarde por um caminho muito sombrio. Ia a cavalo e São Pedro acompanhava-o a pé, murmurando contra a mania dessas peregrinações por este mundo, onde os homens são vis e perversos, onde se lapidam os bons e se crucificam os messias.

Os dois tinham descido, naquele dia mesmo, do céu. Havia dormido à sesta debaixo dum cajueiro e agora seguiam viagem.

Jesus ouviu os zumbidos de má vontade do seu companheiro e, maliciosamente, de sopetão, lhe perguntou: — Pedro, trouxeste dinheiro?

— Nem um níquel, Senhor.

— Eu também não. Esqueci-me disso ao sair do céu.

Então, o velho santo quis aproveitar a oportunidade:

— Senhor, regressemos lá acima depressa. Sem dinheiro a gente não arranja nada neste mundo.

Jesus sorriu. Eram chegados a uma curva brusca da estrada, onde um ipê esgalhado, imóvel no crepúsculo arroxeadado, se toucava de flores cor de ouro.

Passando o cavalo sob ele, Nosso Senhor pegou um dos galhos com a mão direita e agitou-o fortemente. Logo uma chuva de moedas de ouro se espalhou, tinindo e retinindo, sobre o chão negro e endurecido...

## 6 — O FERRADOR DE CAVALOS

Quando **Nosso Senhor** andou no mundo, um dia atravessava a praça duma povoação, em companhia de São João e São Pedro, e viu à porta de sua oficina, um ferrador de cavalos procurando ferrar uma mula brava.

O animal pulava e dava coices a valer. O ferrador, furo de raiva, gritava:

— Raios te partam, diabo, mula do diabo, filha do diabo!

Ouvindo tantas vezes o nome do diabo, Nosso Senhor aproximou-se e pediu ao zangado:

— Ferrador, você me deixa ferrar essa mula?

— Vá embora, seu diabo, deixe-me em paz!

Apesar da brutalidade da resposta, Nosso Senhor falou com paciência e brandura:

— Ferrador, você me deixa ferrar essa mula?

Espantado, o ferrador consentiu. Nosso Senhor pegou um facão e cortou três pernas do animal. E, virando-lhes os cascos para cima, pregou-lhes as ferraduras com a maior facilidade e grudou-os de novo à mula.

Depois, afastou-se sorridente, seguido pelos dois apóstolos.

Mal partira, o ferrador decepou com o facão a perna que faltava ferrar e ia com ela à bigorna, quando viu que a mula se esvaía em sangue. Aflito, como louco, correu atrás de Nosso Senhor e suplicou-lhe que voltasse e lhe salvasse o animal. Nosso Senhor voltou, pôs a ferradura no casco e a perna no seu lugar.

Então, ao colérico ferrador disse, suavemente:

— Sirva-lhe de lição, amigo. Nunca mais chame tantas vezes pelo diabo.

## 7 — O FÍGADO DO CARNEIRO

Quando **Nosso Senhor** andou no mundo, ia uma tarde por um caminho e avistou um rapaz dormindo debaixo duma árvore. Acordou-o e perguntou-lhe porque não trabalhava em vez de andar vagabundando pelas estradas. Ele replicou que não achava onde trabalhar e Nosso Senhor tomou-o a seu serviço.

Na primeira vila em que entraram, Nosso Senhor comprou um gordo carneiro. Hospedaram-se sob um telheiro, detrás das últimas casas.

— Enquanto você mata e assa o carneiro, vou até a venda buscar farinha, disse Nosso Senhor, e partiu.

Quando voltou, o carneiro estava assado, mas faltava-lhe o fígado, que o rapaz comera.

— Onde está o fígado do carneiro?, perguntou Jesus.

— O outro respondeu, cinicamente:

— Este não tinha fígado.

Nosso Senhor nada disse.

No dia seguinte, continuaram seu caminho.

De repente, Nosso Senhor se abaixa e apanha um saco cheio de patações de prata.

Cresceram os olhos do rapaz.

Sentaram-se à sombra de uma árvore. Nosso Senhor contou as moedas: cento e vinte.

Dividiu-as em três montinhos de quarenta cada um e falou:

— Esta aqui é minha; esta ali é tua, e a terceira é de quem comeu o fígado do carneiro.

O rapaz gritou, ávido:

Ah! então é minha também. Fui eu quem comeu o fígado do carneiro.

Nosso Senhor sorriu e entregou-lhe as moedas. O rapaz recebeu-as nas duas mãos em concha, mas elas, transformadas subitamente em brasas, queimaram-lhe os dedos.

Essas tradições eram os melhores exemplos, as mais proffcuas lições de moral cristã que nossos maiores podiam ensinar-nos com base na religião, com admoestações e conselhos amigos.

Seria curioso o estudo das origens dessas estórias e da imaginação do homem e seu empenho na conquista da moral pela inteligência e espírito. São ensinamentos empíricos — casos poéticos do cristianismo que derramam muitos mistérios na tradição do povo.

Depois de algumas horas de audiência, estávamos preparados para um sono tranqüilo. Eram momentos de paz que nos convidavam ao silêncio e à meditação.

Nossa avó, assim terminava: “O céu que os ampare e a religião que os console”.

E de tudo isto resta a imagem da saudade que conservaremos de nossa avó e de nossa antiga casa.

## LEIS E DECRETOS DA PREFEITURA MUNICIPAL DE OLÍMPIA RELATIVOS AO FOLCLORE

### LEI N.º 1.271, DE 18 DE ABRIL DE 1977

**Declara de utilidade pública o Festival do Folclore de Olímpia, anualmente realizado em agosto.**

ÁLVARO CASSIANO AYUSSO, Prefeito do Município de Olímpia, Estado de São Paulo, etc., usando das atribuições que lhe são conferidas por lei,

FAZ SABER que a Câmara Municipal aprovou e ele promulga a seguinte lei:

ARTIGO 1.º — Fica declarado de utilidade pública o FESTIVAL DO FOLCLORE anualmente realizado no mês de agosto, na cidade de Olímpia.

ARTIGO 2.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Olímpia, em 18 de abril de 1977. —

a) ÁLVARO CASSIANO AYUSSO  
Prefeito Municipal

Registrada e publicada na Diretoria Geral do Expediente da Prefeitura Municipal de Olímpia, em 18 de abril de 1977. —

a) LÁZARO ROBERTO FERREIRA  
Diretor Geral



### LEI N.º 1.272, DE 18 DE ABRIL DE 1977

**Dispõe sobre oficialização do cognome “CAPITAL DO FOLCLORE” à cidade de Olímpia.**

ÁLVARO CASSIANO AYUSSO, Prefeito do Município de Olímpia, Estado de São Paulo, etc., usando das atribuições que lhe são conferidas por lei,

FAZ SABER que a Câmara Municipal aprovou e ele promulga a seguinte lei:

ARTIGO 1.º — É declarado oficial o cognome “CAPITAL DO FOLCLORE”, à cidade de Olímpia.

§ ÚNICO — A adoção oficial de novo cognome não implicará no abandono da expressão “Cidade Menina-Moça”.

ARTIGO 2.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Olímpia, em 18 de abril de 1977. —

a) ÁLVARO CASSIANO AYUSSO  
Prefeitura Municipal

Registrada e publicada na Diretoria Geral do Expediente da Prefeitura Municipal de Olímpia, em 18 de abril de 1977. —

a) LÁZARO ROBERTO FERREIRA  
Diretor Geral



### LEI N.º 1.273, DE 18 DE ABRIL DE 1977

**Dispõe sobre a Semana do Folclore em Olímpia e dá outras providências.**

ÁLVARO CASSIANO AYUSSO, Prefeito do Município de Olímpia, Estado de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei,

FAZ SABER que a Câmara Municipal aprovou e ele promulga a seguinte lei:

ARTIGO 1.º — Fica instituída e oficializada a Semana do Folclore em Olímpia, a realizar-se entre a segunda e a terceira semanas do mês de agosto de cada ano.

ARTIGO 2.º — Durante a Semana do Folclore, será realizado o Festival do Folclore.

ARTIGO 3.º — O período ou semana de realização do Festival do Folclore, bem como a sua organização, serão programados pelo Chefe do Executivo e pela Comissão Municipal Executiva do Festival do Folclore, com a assistência da Comissão Municipal do Folclore.

ARTIGO 4.º — Fica autorizada a utilização das Praças da Matriz e Rui Barbosa, para as promoções relativas à Semana e ao Festival do Folclore.

ARTIGO 5.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

## CURUPIRA



Curupira é um menino de cabelos bem avermelhados, tem o corpo peludo, dentes verdes e os seus pés são virados: o calcanhar para a frente e os dedos para trás. É ele quem cuida dos animais da floresta. Dizem que esses ruídos misteriosos que vêm da mata são causados por ele. Só tolera os caçadores que caçam por necessidade. Mas não tem pena dos caçadores maldosos,

principalmente dos que matam os filhotes. Quando vê um caçador que mata por prazer, judia tanto dele, mas tanto que o pobre ou morre ou fica meio louco para sempre. Para proteger os animais, ele usa uma porção de modos a fim de iludir o caçador: gritos, assobios, gemidos. O caçador pensa que é um animal ou uma ave e vai atrás do Curupira. Quando percebe está perdido na floresta. Ao aproximar-se uma tempestade, o Curupira, corre toda a floresta e vai batendo nos troncos das árvores. Assim ele vê se elas estão fortes para agüentar a ventania. Se percebe que alguma árvore poderá ser derrubada pelo vento, ele avisa a bicharada para não chegar perto da árvore condenada.



### DECRETO N.º 1.314, DE 2 DE AGOSTO DE 1979

#### **Aprova o Regimento da Comissão de Folclore para a concessão do Troféu Curupira.**

ÁLVARO CASSIANO AYUSSO, Prefeito do Município de Olímpia, Estado de São Paulo, etc., usando das atribuições que lhe são conferidas por lei,

#### **DECRETA:**

ARTIGO 1.º — A indicação de personalidades, pela Comissão de Folclore, ao Executivo, para o recebimento do Troféu Curupira, de que trata o Decreto n.º 1.313, de 22 de agosto de 1979, será efetivada nos termos desta regulamentação.

ARTIGO 2.º — A Comissão de Folclore se reunirá durante o mês de julho, de cada ano, para a escolha dos nomes a serem indicados ao Executivo, como merecedores do recebimento do Troféu Curupira.

§ 1.º — É da competência do Presidente da Comissão de Folclore, a fixação do dia e horário para a reunião de que trata este artigo.

§ 2.º — O Presidente da Comissão tomará as providências necessárias a fim de assegurar, quando da reunião, a presença de todos os membros que compõem o órgão. Na impossibilidade de se verificar esse "quorum" durante duas reuniões seguidas, será providenciada uma terceira reunião, que se realizará com a presença da maioria absoluta dos seus membros.

§ 3.º — A reunião para a escolha dos indicados será realizada a portas fechadas, sem que à mesma tenha acesso público.

§ 4.º — Cada membro da Comissão poderá fazer a apresentação de dois nomes a serem indicados pela Comissão.

§ 5.º — Iniciados os trabalhos da reunião, o Presidente anunciará, pela ordem de recebimento das apresentações, os nomes a serem indicados, procedendo, a seguir, a votação individualizada de cada proposição.

§ 6.º — O primeiro voto caberá sempre ao Presidente, colhendo-se, a seguir, os votos dos demais membros pela ordem alfabética.

§ 7.º — Será considerado aprovado, e assim indicado ao Executivo, o nome que obtiver a maioria simples dos votos dos presentes.

§ 8.º — Registrando-se empate, caberá ao Presidente o voto de desempate.

ARTIGO 3.º — Somente poderão ser propostos nomes de pessoas que, reconhecidamente, venham colaborando, há mais de cinco anos, com a realização dos Festivais do Folclore, promovidos em Olímpia durante o mês de agosto.

ARTIGO 4.º — De cada reunião da Comissão, será lavrada ata, em livro próprio, a qual conterá o resumo dos trabalhos e os resultados das votações realizadas, subscrita por todos os presentes.

PARÁGRAFO ÚNICO — A ata permanecerá nos arquivos da Comissão, não sendo permitido o acesso da mesma ao público, sendo, no entanto, facultado ao Executivo requerer cópia autenticada, da mesma, quando necessário.

ARTIGO 5.º — Definida a escolha das personalidades a serem homenageadas, o Presidente providenciará a indicação de seus respectivos nomes, por escrito, ao Executivo.

ARTIGO 6.º — Recebida a comunicação do Presidente da Comissão, o Executivo editará decreto oficializando a indicação dos nomes das personalidades a serem homenageadas com a outorga do Troféu Curupira.

ARTIGO 7.º — Após a edição do decreto de oficialização dos nomes indicados, o Presidente da Comissão providenciará, juntamente com os demais membros da Comissão de Folclore:

- a) a comunicação aos homenageados;
- b) a preparação dos Troféus e dos respectivos diplomas de outorga;
- c) a solenidade para a entrega dos Troféus.

PARÁGRAFO ÚNICO — A Comissão de Folclore manterá livro próprio, no qual obrigatoriamente serão registrados todos os diplomas expedidos na forma deste artigo.

ARTIGO 8.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Registre-se e publique-se. —

Prefeitura Municipal de Olímpia, em 22 de agosto de 1979. —

a) ÁLVARO CASSIANO AYUSSO  
Prefeito Municipal

Registrado e publicado na Diretoria Geral do Expediente da Prefeitura Municipal de Olímpia, em 22 de agosto de 1979.

a) LÁZARO ROBERTO FERREIRA  
Diretor Geral



### DECRETO N.º 1.396, DE 1.º DE AGOSTO DE 1980

#### **Institui e regulamenta a expedição de Diplomas a Visitantes Ilustres, durante as comemorações do Festival do Folclore.**

ÁLVARO CASSIANO AYUSSO, Prefeito do Município de Olímpia, Estado de São Paulo, etc., usando das atribuições que lhe são conferidas por lei,

#### **DECRETA:**

ARTIGO 1.º — Durante a realização do Festival do Folclore, promovido anualmente pelo Município, serão oficialmente conferidos, pelo Prefeito, Diplomas de Visitante Ilustre às autoridades e personalidades notáveis que comparecerem a Olímpia para participar das programações folclóricas.

Prefeitura Municipal de Olímpia, em 18 de abril de 1977. —

a) **ÁLVARO CASSIANO AYUSSO**  
Prefeito Municipal

Registrada e publicada na Diretoria Geral do Expediente da Prefeitura Municipal de Olímpia, em 18 de abril de 1977. —

a) **LÁZARO ROBERTO FERREIRA**  
Diretor Geral



**DECRETO N.º 1.286, DE 1.º DE AGOSTO DE 1979**  
**Dispõe sobre a instituição do patrono do Festival do Folclore.**

**ÁLVARO CASSIANO AYUSSO**, Prefeito Municipal de Olímpia, Estado de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei e, Considerando que

- 1) agosto é o mês do Folclore;
- 2) Olímpia realiza, em agosto, o seu Festival do Folclore;
- 3) durante o período do Festival o Município se transforma, adicionando às suas atividades econômicas, financeiras e sociais, aquelas outras decorrentes do culto e da vivência do folclore brasileiro;
- 4) no transcorrer do referido período as atividades folclóricas se sobrepõem às demais atividades próprias da urbe e gente olimpienses;
- 5) ao Executivo Municipal, como um órgão que auspicia o Festival do Folclore, cabe dispor sobre a sua organização no aspecto material e sobre o seu relevo no aspecto promocional;
- 6) as raízes do Folclore Brasileiro encontram-se também nos Mitos criados por nossa gente;
- 7) os mitos vivem no mundo mental das pessoas simples, tornando-o mais rico;
- 8) repetindo o mestre Basílio de Magalhães: "O mito é a transfiguração dos seres e fenômenos naturais em corpos inaturais e forças sobrenaturais...";
- 9) dentre os Mitos do Folclore Brasileiro, o Curupira "é um menino escurinho da cor de índio que tem os pés voltados para trás e vive metido no meio do mato. Pressentindo as tempestades que poderão trazer danos à floresta, bate nas árvores para que estas se despertem e assim resistam à fúria das intempéries".
- 10) "a utilização racional dos recursos naturais do País, permite, de um lado, o seu aproveitamento com o objetivo de promover o bem-estar social e o desenvolvimento econômico, e preserva, de outro lado, a sua integridade, diante das ações poluidoras e predatórias decorrentes de seu uso indiscriminado";
- 11) "administrar corretamente o potencial da flora e fauna significa assegurar, para a atual geração e para os nossos descendentes, padrões de qualidade de vida condizentes com os altos objetivos nacionais e possibilita, entre outros aspectos, a ocupação efetiva e permanente do nosso território, a exploração planejada daqueles recursos de valor econômico, e o levantamento e o estudo, em tempo hábil, do patrimônio vivo ou inerte da natureza do Brasil".

**DECRETA:**

**ARTIGO 1.º** — Fica instituído o **Curupira** — mito primário — como patrono do Festival do Folclore de Olímpia, cabendo-lhe proteger nossas matas, nossos bosques e jardins.

**ARTIGO 2.º** — Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Registre-se e publique-se. —

Prefeitura Municipal de Olímpia, quarta-feira, 1.º de agosto de 1979.

a) **Álvaro Cassiano Ayusso**  
Prefeito Municipal

Registrado e publicado na Diretoria Geral do Expediente da Prefeitura Municipal de Olímpia, 1.º de agosto de 1979. —



a) **Lázaro Roberto Ferreira**  
Diretor Geral

**Curupira é o patrono permanente dos Festivais do Folclore de Olímpia.**

**DECRETO N.º 1.313, DE 22 DE AGOSTO DE 1979**

**Dispõe sobre a instituição e outorga do Troféu Curupira e dá outras providências.**

**ÁLVARO CASSIANO AYUSSO**, prefeito do Município de Olímpia, Estado de São Paulo, etc., usando das atribuições que lhe são conferidas por lei,

**DECRETA:**

**ARTIGO 1.º** — Fica instituído, no Município de Olímpia, e em caráter permanente, o **Troféu Curupira**.

**ARTIGO 2.º** — O Troféu Curupira será outorgado anualmente, conforme indicação expressa da Comissão de Folclore, órgão do Conselho Municipal de Cultura de Olímpia, a personalidades expressamente indicadas para esse fim.

**ARTIGO 3.º** — A indicação da Comissão de Folclore deverá recair sobre pessoas que, reconhecidamente, venham colaborando, há mais de cinco anos, com a realização dos Festivais do Folclore, promovidos em Olímpia, durante o mês de agosto.

**ARTIGO 4.º** — Procedida a indicação dos nomes escolhidos pela Comissão do Folclore, a mesma será oficializada mediante decreto do Executivo.

**ARTIGO 5.º** — O Troféu Curupira consistirá numa figura de bronze, representando a mitológica personagem do Folclore Nacional.

**ARTIGO 6.º** — O Executivo editará, através de decreto, a regulamentação a ser obedecida pela Comissão do Folclore, referente à indicação das personalidades a serem homenageadas a outorga do Troféu Curupira.

**ARTIGO 7.º** — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Registre-se e publique-se. —

Prefeitura Municipal de Olímpia, em 22 de agosto de 1979. —

a) **ÁLVARO CASSIANO AYUSSO**  
Prefeito Municipal

Registrado e publicado na Diretoria Geral do Expediente da Prefeitura Municipal de Olímpia, em 22 de agosto de 1979.

a) **LÁZARO ROBERTO FERREIRA**  
Diretor Geral

§ 1.º — Como autoridades serão considerados todos aqueles que estejam no exercício de cargo ou função pública de maior hierarquia e representatividade, nos níveis federal, estadual e municipal.

§ 2.º — Como personalidades notáveis ficam entendidos todos aqueles cujas funções ou serviços sejam considerados de relevância para as atividades sócio-culturais do país.

ARTIGO 2.º — Caberá à Comissão de Folclore, do Conselho Municipal de Cultura, anotar as presenças ilustres, na forma dos parágrafos 1.º e 2.º do artigo anterior, e indicar, ao Prefeito, aqueles que deverão ser agraciados com o Diploma de Visitante Ilustre.

PARÁGRAFO ÚNICO — Os serviços de expedição, registro e entrega dos diplomas serão providenciados pela Secretaria da Prefeitura em coordenação com a Comissão de Folclore.

ARTIGO 3.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Registre-se e publique-se. —

Prefeitura Municipal de Olímpia, em 1.º de agosto de 1980. —

a) **ÁLVARO CASSIANO AYUSSO**  
Prefeito Municipal

Registrado e publicado na Diretoria Geral do Expediente da Prefeitura Municipal de Olímpia, em 1.º de agosto de 1980.

a) **LÁZARO ROBERTO FERREIRA**  
Diretor Geral



#### DECRETO N.º 1.400, DE 22 DE AGOSTO DE 1980

**Dispõe sobre a bandeira do Folclore de Olímpia e dá providências correlatas.**

ÁLVARO CASSIANO AYUSSO, Prefeito Municipal de Olímpia, Estado de São Paulo, etc., usando das atribuições que lhe são conferidas por lei,

**DECRETA:**

ARTIGO 1.º — Fica instituída a Bandeira do Folclore de Olímpia, cujo projeto foi elaborado pela Comissão de Folclore (Conselho Municipal de Cultura) da Prefeitura Municipal de Olímpia.

ARTIGO 2.º — A Bandeira ora instituída, tem a seguinte descrição: retangular, de amarelo, com um triângulo de vermelho movente da tralha, carregado de um triângulo de branco, sobrecarregado das figuras do Curupira e um tamanduá, ao natural, afrontadas.

ARTIGO 3.º — Tem a Bandeira 14 m (quatorze módulos) de altura, por 20 m (vinte módulos) de comprimento; o triângulo de vermelho, tem a base coincidente com a tralha e 17 m (dezessete módulos) de altura; o triângulo de branco, tem a base superposta à do primeiro e 9 m (nove módulos) de altura: as figuras, afrontadas, têm 5,5 m (cinco módulos e meio) de altura.

ARTIGO 4.º — A Bandeira do Folclore de Olímpia será hasteada no território municipal em todas as festividades de natureza folclórica promovidas pela Municipalidade e fora do território sempre que o Município de Olímpia se faça representar em atividades do referido gênero.

ARTIGO 5.º — Será permitido o uso e hasteamento da Bandeira, por sociedades particulares com sede no Município de Olímpia, que tenham por objetivo a divulgação do folclore em suas promoções e festejos.

ARTIGO 6.º — Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Registre-se e publique-se.

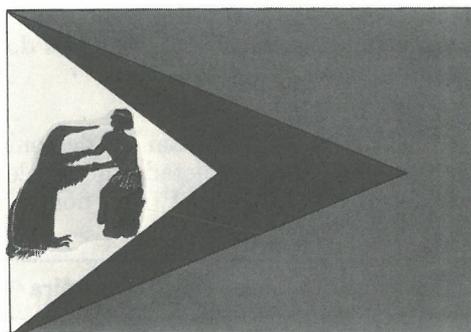
Prefeitura Municipal de Olímpia, em 22 de agosto de 1980.

a) **ÁLVARO CASSIANO AYUSSO**  
Prefeito Municipal

Registrado e publicado na Diretoria Geral do Expediente da Prefeitura Municipal de Olímpia, em 22 de agosto de 1980.

a) **LÁZARO ROBERTO FERREIRA**  
Diretor Geral

Bandeira do Folclore de Olímpia



#### POR QUE O CURUPIRA NA BANDEIRA DO FOLCLORE DE OLÍMPIA ?

O Curupira é um anão. Anda com os pés ao contrário: calcanhar para a frente, dedos para trás. Por isso seus rastros enganam os caçadores, que acabam se perdendo na mata.

É definido como o “demônio da floresta”.

Outros, porém, vêem no Curupira um protetor da fauna e da flora.

Pertence à crença dos índios brasileiros. Até o padre José de Anchieta, num relato de 1560, fez referência ao **Curupira** como um ente da mata, enganador, invencível, protetor de bichos e plantas.

Em 13 de agosto de 1976, através do Decreto n.º 1023, o **Curupira** foi instituído o Patrono do 12.º Festival do Folclore e a partir da assinatura do Decreto n.º 1286, de 1.º de agosto de 1979, o Patrono efetivo de todos os Festivais do Folclore de Olímpia.

Por esta razão é que essa figura mitológica figura na Bandeira do Folclore de Olímpia.



#### DECRETO N.º 1.455, DE 1.º DE JUNHO DE 1981

**Dá denominações a vias públicas do Núcleo Habitacional Jardim “Luís Zucca” de Olímpia.**

ÁLVARO CASSIANO AYUSSO, Prefeito Municipal de Olímpia, etc.

IV — CONSIDERANDO QUE:

**CURUPIRA:** Segundo o Mito, o Curupira é um caboclinho de calcanhares virados para a frente, com a mania de fazer com que os caçadores intrusos se percam na mata. É confundido com Caapora, Caiçara ou Zumbi no Sul.

Tem cães e porcos por amigos inseparáveis. Stradelli afirma que Curupira é a Mãe-do-mato. Benéfico ou maléfico, conforme as circunstâncias. O Curupira bate

nas grandes raízes das **árvores** em noite de tempestade, avisando animais, homens e plantas para que se reguardem. Segundo Câmara Cascudo, o Curupira "Faz contratos com os caçadores, dando-lhes armas infalíveis, a troca de alimentos sem pimenta ou alho, que abomina, exigindo, acima de tudo, segredo absoluto. Pune com a morte ou o abandono, equivalente à morte fatal, os que esquecem os pactos". Mas, de modo geral, "é o enganador", fazendo os homens perderem-se na selva. É ele, "senhor dos animais, **protetor das árvores**", quem dirige a caça.

De acordo com o Decreto n.º 1286, de 1.º de agosto de 1979, da Prefeitura Municipal de Olímpia é ele o Patrono dos Festivais do Folclore de Olímpia, anualmente realizados no mês de agosto. E, nos termos do Decreto n.º 1313, de 22 de agosto de 1979, também da Prefeitura de Olímpia, que dispõe sobre a instituição e outorga do Troféu Curupira, em figura de bronze, representando a mitológica personagem do nosso Folclore Nacional, a pessoas que, reconhecidamente, venham colaborando, há mais de cinco anos, com a realização dos Festivais do Folclore, promovidos em Olímpia,

#### **DECRETA:**

ARTIGO 1.º: Passam a demoninar-se as Ruas, a Avenida e as Praças Projetadas no Núcleo Habitacional "Luís Zucca", de OLÍMPIA, com nomes relacionados à Flora Brasileira:

.....  
Avenida A: Avenida do **Curupira**  
.....

Artigo 5.º — Na Avenida que se denominará Curupira, deverá ser erigido um monumento de grande porte no qual se apresenta a figura do Curupira, em forma de modelagem ou escultura.

Artigo 6.º — Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Registre-se e publique-se. —

Prefeitura Municipal de Olímpia, 1.º de junho de 1981. —

a) **ÁLVARO CASSIANO AYUSSO**  
Prefeito Municipal

Registrado e publicado na Diretoria Geral do Expediente da Prefeitura Municipal de Olímpia, em 1.º de junho de 1981.

a) **LÁZARO ROBERTO FERREIRA**  
Diretor Geral



#### **DECRETO N.º 1.523, DE 9 DE JUNHO DE 1982**

##### **Institui o "Certificado de Participante", referente aos Concursos e Eventos do Festival do Folclore e dá outras providências.**

Erciley Parolim, prefeito municipal de Olímpia, Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições por lei,

#### **DECRETA:**

ARTIGO 1.º — A todos aqueles que participarem dos concursos e eventos promovidos oficialmente pela Comissão de Folclore, durante os Festivais de Folclore de Olímpia, será conferido o "Certificado de Participante".

PARÁGRAFO PRIMEIRO — Terá direito ao certificado, a pessoa que, regularmente inscrita, venha a participar efetivamente do respectivo concurso, na conformidade das normas estabelecidas para o mesmo.

PARÁGRAFO SEGUNDO — Ficam programados os seguintes concursos e eventos a serem programados durante o Festival do Folclore:

Concurso "Folclore Olímpense" (Prêmio "Dr. Silviano Pinto"), Concurso Folclore/1982, Torneio Cultural Folclórico, Maratona Intelectual Folclórica, Concurso "Painéis com Figuras Folclóricas" (Prêmio "Osvald de Andrade Filho"), Concurso "Quadros Folclóricos", Concurso "Artes Fotográficas Sobre Folclore", Festival da Seresta, Gincana de Brinquedos Tradicionais Infantis, Campeonato de Truco e Campeonato de Malha.

ARTIGO 2.º — Os "Certificados de Participante", que conterão as assinaturas do Prefeito Municipal, na qualidade de Presidente do Conselho Municipal de Cultura, e também do Presidente da Comissão de Folclore, serão registrados em livro próprio, especialmente formalizado para esse fim.

PARÁGRAFO ÚNICO — Do registro no livro próprio, constarão o nome do homenageado e a data de expedição do diploma.

ARTIGO 3.º — Os Diplomas serão expedidos durante o período do Festival do Folclore e a entrega dos mesmos dar-se-á no dia 22 de agosto de cada ano.

ARTIGO 4.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Registre-se e publique-se.

Prefeitura Municipal de Olímpia, em 9 de junho de 1982.

a) **Erciley Parolim**  
Prefeito Municipal

Registrado e publicado na Diretoria Geral do Expediente da Prefeitura Municipal de Olímpia, em 9 de junho de 1982.

a) **Lázaro Roberto Ferreira**  
Diretor Geral



#### **DECRETO N.º 1.524, DE 9 DE JUNHO DE 1982**

##### **Institui o Diploma de Louvor ao Mérito e dá outras providências.**

Erciley Parolim, Prefeito Municipal de Olímpia, Estado de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei,

#### **DECRETA:**

ARTIGO 1.º — Fica instituído o "Diploma de Louvor ao Mérito" pela prestação de serviços relevantes à preservação da cultura popular brasileira, a ser outorgado anualmente pelo Conselho Municipal de Cultura, na forma deste decreto.

ARTIGO 2.º — O "Diploma de Louvor ao Mérito" será conferido às pessoas que tenham se destacado por sua colaboração ou pelo seu trabalho em prol do "Festival do Folclore de Olímpia", anualmente promovido pela Prefeitura Municipal de Olímpia.

ARTIGO 3.º — O número de homenageados e as pessoas a serem distinguidas com o Diploma de Louvor ao Mérito serão estabelecidos pela Comissão Municipal de Folclore, durante os Festivais de Folclore realizados anualmente.

ARTIGO 4.º — Os "Diplomas de Louvor ao Mérito", que conterão as assinaturas do Prefeito Municipal, na qualidade de Presidente do Conselho Municipal de Cultura, e também do Presidente da Comissão de Folclore, serão registrados em livro próprio, especialmente formalizado para esse fim.

PARÁGRAFO ÚNICO — Do registro no livro próprio constarão o nome do homenageado e a data de expedição do diploma.

ARTIGO 5.º — Os Diplomas serão expedidos durante o período do Festival do Folclore e a entrega dos mesmos dar-se-á no dia 22 de agosto de cada ano.

ARTIGO 6.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Registre-se e publique-se.

Prefeitura Municipal de Olímpia, em 9 de junho de 1982.

a) Erciley Parolim  
Prefeito Municipal

Registrado e publicado na Diretoria Geral do Expediente da Prefeitura Municipal de Olímpia, em 9 de junho de 1982.

a) Lázaro Roberto Ferreira  
Diretor Geral



#### DECRETO N.º 1.532, DE 1.º DE JULHO DE 1982

##### Institui o Diploma de Louvor Folclórico e dá outras providências.

Erciley Parolim, prefeito municipal de Olímpia, Estado de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei,

##### DECRETA:

ARTIGO 1.º — Aos grupos folclóricos que tenham por objeto a preservação das tradições folclóricas nacionais, e que venham a participar

dos Festivais de Folclore de Olímpia, serão conferidos diplomas de louvor folclórico.

ARTIGO 2.º — O “Diploma de Louvor Folclórico” conterá as assinaturas do Prefeito Municipal, na qualidade de Presidente do Conselho Municipal de Cultura, e também do Presidente da Comissão de Folclore, e será registrado em livro próprio, especialmente formalizado para esse fim.

ARTIGO 3.º — Do registro no livro próprio constarão o nome do grupo contemplado, a sua sede ou local de origem, e a data de expedição do diploma.

ARTIGO 4.º — Os diplomas serão expedidos durante o período do Festival do Folclore e a entrega dar-se-á no dia 22 de agosto de cada ano.

ARTIGO 5.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Registre-se e publique-se.

Prefeitura Municipal de Olímpia, em 1.º de julho de 1982.

a) ERCILEY PAROLIM  
Prefeito Municipal

Registrado e publicado na Diretoria Geral do Expediente da Prefeitura Municipal de Olímpia, em 1.º de julho de 1982.

a) LÁZARO ROBERTO FERREIRA  
Diretor Geral



## EM BUSCA DA CRIAÇÃO DE UMA FACULDADE DE FOLCLORE

### PROJETO PARA A CRIAÇÃO E INSTALAÇÃO DA FACULDADE DE FOLCLORE EM OLÍMPIA

#### EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

O Município de Olímpia orgulha-se de ter adquirido, ao longo dos anos, a experiência de valorizar o Folclore Brasileiro através de uma série de medidas que o tornam ponto obrigatório de referências, tanto em estudos sobre a problemática da Cultura Brasileira, como enfoque que procure enobrecer os diversos segmentos da cultura do povo.

Alcançou-se tal posição graças ao persistente trabalho da Comissão de Folclore (Conselho Municipal da Cultura) da Prefeitura de Olímpia que, a duras penas e vencendo todos os maiores obstáculos, deu prosseguimento a uma série de medidas concretas, sem as quais não teríamos hoje o orgulho de apresentar o Município como um dos mais preocupados, no país, com os destinos dos estudos folclóricos em nossa geração, haja vista o que já realizou e continua realizando:

- 01 — Dezoito Festivais do Folclore ininterruptos (8 dias de duração), realizados no mês de agosto.
- 02 — Publicação, desde 1970, de um Anuário do Folclore.
- 03 — Criação, em 1967, de uma Comissão de

Folclore, integrante do Conselho Municipal de Cultura.

- 04 — Instalação, em 1964, do Departamento de Folclore de Olímpia.
- 05 — Criação, em 1965, do Centro de Pesquisas e Estudos Folclóricos.
- 06 — Gravação de uma série de compactos-duplos dos grupos folclóricos de Olímpia.
- 07 — Criação e instalação, em 1973, do Museu de História e Folclore “D. Maria Olímpia”.
- 08 — Instituição de concursos artísticos e literários sobre Folclore.
- 09 — Produção de filmes, de curta metragem, acerca do Folclore.
- 10 — Realização de inúmeros cursos de expansão cultural, seminários e conferências sobre o Folclore Brasileiro.
- 11 — Apoio a todos os grupos folclóricos da região de Olímpia.
- 12 — Exposição-feira de Arte e Artesanato Folclóricos.
- 13 — Denominação de ruas e logradouros públicos com nomes de Folguedos, Danças e Mitos Folclóricos.

Apesar da rede de ensino universitário que se estende por todo o País, somada à presença das cadeiras afins de Antropologia, Etnografia e Etnologia como elementos integrantes dos cursos de Ciências Humanas de

nossas Faculdades, ainda não se deu a devida importância ao estudo do Folclore a nível universitário, salvo poucas Universidades que contam com cadeiras desta disciplina, por exemplo, Folclore Musical, no Rio de Janeiro, Folclore Ibero-Americano e Folclore Musical na Universidade Federal de Goiás. Daí, a importância e inquestionável necessidade de se implantar uma Faculdade de Folclore sob a forma de Projeto-Piloto, visando a formar professores de Folclore e/ou treinar os de Língua Portuguesa, Cultura Brasileira, O.S.P.B., etc., a fim de que os currículos de nosso ensino de 1.º e 2.º graus não permaneçam lacunosos no que tange ao estudo e ao enfoque global da Cultura Brasileira da qual, por questão de justiça e de aprimoramento científico, deverá participar também a cadeira axiológica da cultura de nosso povo.

Não faltaram esforços, entre outros, os de Celso de Magalhães, Gonçalves Dias, Couto de Magalhães, Sílvio Romero, João Ribeiro, Amadeu Amaral, Afrânio Peixoto, Renato Almeida (no passado) até os atuais de Luís da Câmara Cascudo que insistiram na coleta, análise e divulgação de nosso folclore além de sonharem com instituições voltadas para o estudo sistemático do acervo cultural folclórico brasileiro em vários níveis.

Se muitos destes estudiosos que acabamos de enumerar realizaram apenas, em parte, seus sonhos, vale a pena salientar que conseguiram implantar, pelo menos, de forma descontínua a prática em favor do ensino do Folclore. Suas obras e os poucos cursos esporádicos que ministraram foram os responsáveis por muitas vocações que desabrocharam e deram frutos em nossos campos científicos.

A importância desse Projeto-Piloto repousa no fato de se poder dar continuidade a esse ideário em favor da melhoria da qualidade dos que militam e vão militar no setor do ensino e da educação quando se virem obrigados a lançar mão dos elementos da cultura folclórica no processo de enriquecer e explicar melhor a Cultura Brasileira, não muito distanciada das fontes que a robustecem.

Esse projeto pretende estender os seus frutos às diversas regiões do Estado e demais unidades da Federação. Para isso, pretende adotar uma estratégia didática flexível mediante assinatura de convênios com instituições afins, sobretudo, universitários, possibilitando a troca de experiência, e a requisição de pessoal docente, responsáveis por uma programação de alto nível científico. Convém ainda salientar que este projeto enfatizará de maneira contínua e incisiva tudo que se refira à memória cultural brasileira, procurando descobrir e valorizar os referentes de nossa identidade nacional.

Os cursos a serem ministrados pela futura Faculdade de Folclore poderão obedecer ao seguinte cronograma e quadro de distribuição de matérias:

- a) formação de pesquisadores e técnicos em folclore (curso de duração plena).
- b) Treinamento de professores da rede de ensino (1.º, 2.º e 3.º graus) no exercício das disciplinas: Língua Portuguesa, Literatura Brasileira, Cultura Brasileira, O.S.P.B., Educação Moral e Cívica, Educação Musical e Educação Artística para que possam influir nos respectivos programas de suas cadeiras a parte dedicada ao estudo do Folclore. Este item prender-se-á à programação de expansão cultural, uma vez que os cursos seriam de curta duração — licenciatura breve.

## DEPARTAMENTO DE FOLCLORE

9 CADEIRAS

- 1 — Folclore I (a ciência). 2 — Folclore II (no Brasil).
- 3 — Folclore Verbal. 4 — Folclore Musical. 5 — Folclore Mágico. 6 — Folclore de Devoções. 7 — Folclore Ergológico. 8 — Arte e Artesanato Folclóricos. 9 — Folclore na Literatura Brasileira.

## DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

18 CADEIRAS

- 1 — Antropologia I (conceitos fundamentais). 2 — Antropologia II (desenvolvimento de pensamento antropológico). 3 — Cultura Brasileira. 4 — História da Arte. 5 — História Geral. 6 — História do Brasil.
- 7 — Língua Portuguesa. 8 — Sociologia Geral. 9 — Estudos de Problemas Brasileiros. 10 — Fundamentos de Filosofia. 11 — Ética. 12 — Metodologia Científica. 13 — Métodos e Técnicas de Pesquisa em Folclore I. 14 — Métodos e Técnicas de Pesquisa em Folclore II. 15 — Noções de Museologia, Biblioteconomia e Arquivística. 16 — Geografia do Brasil. 17 — Geografia Turística. 18 — Estatística Aplicada à Pesquisa do Folclore.



## DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

6 CADEIRAS

- 1 — Educação Física. 2 — Psicologia da Educação. 3 — Estrutura e Funcionamento de Ensino de 1.º e 2.º Graus. 4 — Aproveitamento do Folclore na Educação. 5 — Didática. 6 — Prática de Ensino.

### QUADRO DAS DISCIPLINAS DO CURRÍCULO PLENO, SUAS ABREVIATURAS E PRÉ-REQUISITOS

Disciplinas	Símbolos	Carga Horária	Pré-requisitos	Créditos
1 — Folclore I	FL I	90	—	6
2 — Folclore II	FL II	90	FL I	6
3 — Folclore Verbal	FLV	90	FL II	6
4 — Folclore Musical	FLMu	90	FLV	6
5 — Folclore Mágico	FLMa	60	FLV	4
6 — Folclore de Devoções	FLD	90	FLV	6
7 — Folclore Ergológico	FLE	60	FLV	4
8 — Arte e Artesanato Folclóricos	AAFL	60	FLV	4
9 — Folclore na Literatura Brasileira	FLLB	60	FLV	4
10 — Antropologia I	ANT I	60	—	4
11 — Antropologia II	ANT II	90	ANT I	6
12 — Cultura Brasileira	CB	60	ANT II	4
13 — História da Arte	HA	90	—	6
14 — Educação Física	EDF	180	—	12
15 — História Geral	HG	60	—	4
16 — História do Brasil	HB	60	—	4
17 — Língua Portuguesa	LP	60	—	4
18 — Sociologia Geral	SOC	60	—	4
19 — Estudos de Problemas Brasileiros	EPB	60	—	4
20 — Fundamentos de Filosofia	FIL	60	—	4
21 — Ética	E	60	FIL	4
22 — Metodologia Científica	MET	60	—	4
23 — Métodos e Técnicas de Pesquisa em Folclore (I e II)	TPFL	90	MET e FLV	6
24 — Noções de Museologia, Biblioteconomia e Arquivística	NMBA	60	—	3
25 — Geografia do Brasil	GEOB	60	—	6
26 — Geografia Turística	GEOT	90	GEOB	6
27 — Psicologia da Educação	PSI	60	—	4
28 — Estrutura e Funcionamento do Ensino de I e II Graus	EFE	90	—	6
29 — Didática	D	90	—	6
30 — Prática de Ensino	PE	120	—	8
31 — Estatística Aplicada à Pesquisa do Folclore	EAPFL	90	—	6
32 — Aproveitamento do Folclore na Educação	AFLE	120	—	8

### DISTRIBUIÇÃO DAS DISCIPLINAS POR SEMESTRE

1.º SEMESTRE

Disciplina	H/aula	N.º de Créditos	Pré-Req.
Folclore I	90	6	—
Língua Portuguesa	60	4	—
Sociologia Geral	60	4	—
História Geral	60	4	—
E.P. Brasileiros	60	4	—
Educação Física	30	2	—
<b>Total</b>	<b>360</b>	<b>24</b>	

## 2.º SEMESTRE

Folclore II	90	6	FL I
Antropologia I	60	4	—
Folclore na Lit. Brasileira	60	4	FLV
Fundamentos de Filosofia	60	4	—
História do Brasil	60	4	—
Educação Física	30	2	—
	360	24	

## 3.º SEMESTRE

Folclore Verbal	90	6	FL II
Antropologia	60	6	ANT I
História da Arte	90	6	—
Ética	60	4	FIL
Educação Física	30	2	—
	24	360	

## 4.º SEMESTRE

Folclore Musical	90	6	FLV
Folclore de Devoções	90	6	FLV
Folclore Mágico	60	4	FLV
Cultura Brasileira	60	4	ANT II
Metodologia Científica	60	4	—
Educação Física	30	2	—
	390	26	

## 5.º SEMESTRE

Folclore Ergológico	60	4	FLV
Arte e Artesanato Folclóricos	60	4	FLV
Métodos e Técnicas de Pesquisa em Folclore (I e II)	90	4	MET
Noções de Museologia, Biblioteconomia e Arquivística	45	3	—
Geografia do Brasil	60	4	—
Psicologia da Educação	60	4	—
Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1.º e 2.º Graus	90	6	—
Educação Física	30	2	—
	495	3	

## 6.º SEMESTRE

Geografia Turística	90	6	GEOB
Aproveitamento do Folclore na Educação	120	8	—
Didática	90	6	—
Prática de Ensino	120	8	—
Estatística Aplicada à Pesquisa do Folclore	90	6	—
Educação Física	30	2	—
	540	36	



## DISCIPLINA: FOLCLORE I

Carga Horária: 90 h/a Créditos: 6

**Ementa:** Conceituação, limites e postulados fundamentais do folclore, bem como sua filiação às ciências antropológicas.

**Objetivos:** 1.º) Fornecer ao aluno de licenciatura em folclore o embasamento necessário ao estudo em volume da ciência;  
2.º) identificar a vinculação do folclore com a antropologia, a fim de aplicar seu método científico no conhecimento da realidade tomada para exame;  
3.º) desenvolver atitudes mentais adequadas para trabalhar dentro da cultura popular tradicional.

**Programa:** Falsas noções de folclore. Causas das distorções de seu conceito.

A palavra. Reações contra o anglicismo. Antropologia e folclore.

A palavra **povo**, um termo equívoco.

Caracterização do fato folclórico.

Significado de tradição. Diferentes sentidos que esta palavra pode assumir no folclore. Funções da tradição. Folclorização. Função social do folclore.

UNESCO e razões de seu amparo ao folclore. A Sociedade Internacional de Etnologia e Folclore e o Conselho Internacional da Música Folclórica.

Os limites do folclore. Lugar do folclore no quadro das ciências. O conceito e o fato. Importância do folclore e objetivos a alcançar.

**Bibliografia:** 1 — Dicionário do Folclore Brasileiro (2 volumes), de Luís da Câmara Cascudo; 2 — Dinâmica do Folclore, de Edson Carneiro; 3 — Essências do Folclore Brasileiro, de Renato Almeida; 4 — Evolução dos Estudos Folclóricos no Brasil, de Edson Carneiro; 5 — Cultura e Folclore, de Osvaldo R. Cabral; 6 — Folclore, de Renato de Almeida; 7 — Folk-lore, Ciência de Interpretación, de Renato Almeida; 8 — Importância dos Estudos Americanos de Folclore, de Renato Almeida; 9 — Inteligência do Folclore, de Renato Almeida; 10 — O Folclore, de Teo Brandão; 11 — O Folk-Lore, de João Ribeiro; 12 — O Nosso Folclore, de Sílvio de Almeida; 13 — Sociologia do Folclore Brasileiro, de Roger Bastide; 14 — Tradições Populares, de Amadeu Amaral.



## DISCIPLINA: FOLCLORE II

Carga Horária: 90 h/a Créditos: 6

**Ementa:** Conhecimento da história do folclore no Brasil, a partir dos primeiros registros, e progressivo desenvolvimento dos métodos e técnicas empregados.

**Objetivos:** 1.º) Dar uma visão global dos estudos de folclore no Brasil;  
2.º) fazer análise de cultura popular comparada em suas dimensões de espaço e tempo;  
3.º) conhecer a organização dos estudos folclóricos no Brasil e principais instituições destinadas ao seu incentivo e preservação.

**Programa:** Perspectiva do folclore no Brasil: considerações gerais.

A lenda das amazonas e seu registro no diário de bordo do Frei Gaspar de Carvajal. Registros feitos por padres jesuítas de fatos folclóricos. José de Anchieta e Manuel da Nóbrega.

A obra dos viajantes estrangeiros e registros destes acerca de ocorrências folclóricas, principalmente: John Luccock, Saint Hilaire e Debret.

O Peregrino da América. Análise minuciosa da obra de Nuno Marques Pereira. Madre Deus. Couto de Magalhães. Pereira Coruja. Barbosa Rodrigues. Melo Moraes Filho. Barão de Sant'Anna Néri. Celso de Magalhães. Carlos Teschauer. Sílvio Romero. Análise minuciosa dos

### Cantos e Contos.

Manuel Querino. Vale Cabral. Pereira da Costa.

João Ribeiro. Lindolfo Gomes. Basílio de Magalhães. Afonso Arinos. Amadeu Amaral. Mário de Andrade.

A Discoteca Pública Municipal de São Paulo: pesquisas e concursos.

Fundação da Comissão Nacional de Folclore. Renato Almeida e seu grupo. Boletins e Comunicações mimeografados da CNFL. Semanas e Congressos. A carta do Folclore Brasileiro: análise crítica.

Os festivais de Olímpia, a Capital do Folclore.

**Bibliografia:** 1 — Anais do I Congresso Brasileiro de Folclore (3 volumes); 2 — Antologia do

Folclore Brasileiro, de Luís da Câmara Cascudo; 3 — Anuários do Folclore do Conselho Municipal de Cultura da Prefeitura Municipal de Olímpia; 4 — Bibliografia do Folclore Brasileiro, de Bráulio do Nascimento; 5 — Bibliografia do Folclore Brasileiro, de Cristina Argenton Colonelli; 6 — Catálogo de Livros Sobre Folclore Brasileiro — Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; 7 — Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros — Actas (Lisboa); 8 — Comissão Nacional de Folclore — Boletins e Comunicações Mimeografadas; 9 — Folklore in Brazil, de Edson Carneiro; 10 — Folkloristas e Instituciones Folklóricas del Mundo — Buenos Aires; 11 — O Folclore Nacional, de Edson Carneiro; 12 — O Folclore no Brasil, de Basílio de Magalhães; 13 — O Folclore no Brasil, de Gastão Bettencourt; 14 — O Folclore no Brasil, de Guilherme Santos Neves; 15 — O IBECC e os Estudos de Folclore no Brasil, de Renato Almeida.



### DISCIPLINA: FOLCLORE VERBAL

Carga Horária: 90 h/a

Créditos: 6

**Ementa:** Análise da expressão e comunicação verbais nas camadas populares.

- Objetivos:** 1.º) Conhecer o sistema sócio-lingüístico da linguagem empregada pelas criaturas mais simples da sociedade e seus princípios de organização;
- 2.º) Examinar as principais formas de expressão verbal;
- 3.º) Registrar e analisar o valor semiótico da linguagem informal dos gestos.

**Programa:** A fala do povo: considerações gerais.

Introdução à Dialetolegia.

Localismos, regionalismos e brasileirismos.

Frases feitas.

Topônimos e antropônimos. Alcunhas.

A panteonímia folclórica.

Parlendas, mnemonias, trava-línguas, fórmulas de escolha, avisos, tabuletas, eufemismos, paródias, réplicas, marcas de cachaça, cores de eqüinos e bovinos, nomes vulgares de animais domésticos, de casas comerciais, de partidos políticos, de repúblicas de estudantes, frases de pára-choques de veículos e outras manifestações verbais.

A linguagem criptológica.

A literatura oral: mitos, lendas, conto popular, adivinhas ou enigmas populares. O verso democrático e outras modalidades de poesia popular. Cordel.

A linguagem dos gestos.

**Bibliografia:** 1 — A Caprolália em Provérbios, de José Perez; 2 — Adivinhações, de J. C. Carneiro Monteiro; 3 — A Gíria Brasileira, de Antenor Nascentes; 4 — A Influência Africana no Português do Brasil, de Renato Mendonça; 5 — Alcunhas do Brasil e de Portugal, de Veríssimo de Melo; 6 — A Língua Popular, de Herbert Palhano; 7 — A Língua Portuguesa no Brasil, de Arlindo de Sousa; 8 — A linguagem dos Cantadores, de Clóvis Monteiro; 9 — A Origem da Poesia Crioula na Sátira Política, de Manuelito Ornelas; 10 — Apontamentos Sobre o Pão-por-deus, de Walter F. Piazza; 11 — Brasil Rimado, de Eugênio Carneiro Monteiro; 12 — Brasileirismos, de Machado d' Oliveira; 13 — Cem Adivinhas Populares, de Sebastião Almeida Oliveira; 14 — 142 Histórias Brasileiras, de

Alúcio de Almeida; 15 — Contos e Lendas do Brasil, de Osvaldo Orico; 16 — Contos Gauchescos e Lendas do Sul, de J. Simões Lopes Neto; 17 — Da Linguagem Folclórica, de Paulino Santiago; 18 — Deus na Paremiologia, de Leonardo Mota; 19 — Enigmas Populares, de José Maria de Melo; 20 — Expressões Folclóricas Caracterizadoras dos Estados, de Guilherme Santos Neves; 21 — Folclore e Linguagem, de José Leão Nunes; 22 — Frases Feitas, de João Ribeiro; 23 — Frases Feitas e Expressões (usadas na Bahia), de Pedro Moura; 24 — Lendas e Fatos de Minha Terra, do Padre João Hosannah de Oliveira; 25 — Lendas e Tradições Brasileiras, de Afonso Arinos; 26 — Literatura Oral, de Luís da Câmara Cascudo; 27 — Mitos Ameríndios na Tradição e Na Literatura Brasileira, de Osvaldo Orico; 28 — Musa Popular — Poesia Anônima, de Alexandre José de Melo Moraes Filho; 29 — O Eufemismo Perante a Religião e o Folclore, de Sebastião Almeida Oliveira; 30 — O Negro no Folclore e na Literatura do Brasil, de Renato Mendonça; 31 — Provérbios e Afins nos Domínios da Fauna, de Sebastião Almeida Oliveira; 32 — Provérbios em Goiás, de Ático Vilas Boas da Mota; 33 — Termos e Expressões Populares, de Guilherme Santos Neves; 34 — Toponímia Carioca, de Agenor Lopes de Oliveira; 35 — Trovas Brasileiras, de Afrânio Peixoto; 36 — Trovas Populares de Alagoas, de Teo Brandão.



### DISCIPLINA: FOLCLORE MUSICAL

Carga Horária: 90 h/a

Créditos: 6

**Ementa:** Conhecimento das principais formas, estrutura e características da música folclórica.

- Objetivos:** 1.º) Distinguir o folclórico do popular ou popularesco (Mário de Andrade) no campo musical;
- 2.º) Examinar os instrumentos musicais usados com frequência pelo povo em suas manifestações de cada um;
- 3.º) Registrar os gêneros, formas e variantes das cantigas populares.

**Programa:** A música folclórica: origem e formação. Música folclórica e música popular: estrutura, características e modalidades de música folclórica.

Distinção entre música popular e música folclórica.

O canto: importância psicológica e social. Tentativa de classificação.

Principais gêneros de canções folclóricas no Brasil: cantigas de adormecer, de roda, de trabalho, desportivas, de bebedeira, de pedintes, de defuntos ou excelências.

Aboio e pregão.

A modinha brasileira: caráter folclórico, origem e evolução cultural. Controvérsias. A palavra. Estrutura poético-musical.

Os instrumentos da música folclórica.

**Bibliografia:** 1 — Aspectos da Música Brasileira, de Mário de Andrade; 2 — A Modinha Cearense — Imprensa Universitária do Ceará (Fortaleza); 3 — A Modinha e o Lundu no Século XVIII, de Mozarte Araújo; 4 — A Música e a Canção Populares no Brasil, de Mário de Andrade; 5 — A Música no Brasil, de Guilherme de Melo; 6 — Bi-

biografia Musical Brasileira, de Luís Heitor Correia de Azevedo (colaboração de Cleofe Person de Matos e Mercedes Moura Reis); 7 — Brasil Sonoro, de Mariza Lira; 8 — Cem Melodias Folclóricas, de Alceu Maynard Araújo e Vicente Aricó Júnior; 9 — Compêndio de História da Música Brasileira, de Mário de Andrade; 10 — Elementos de Folk-Lore Musical Brasileiro, de Flausino Rodrigues Valle; 11 — Ensaio Sobre Música Brasileira, de Mário de Andrade; 12 — História da Banda de Música da Polícia Militar de São Paulo, de Laura Della Mônica; 13 — História da Música Brasileira, de Francisco Aguarone; 14 — História da Música Brasileira, de Renato Almeida; 15 — Instrumentos Musicais e Implementos (Acheugas ao Folclore Paulista), de Alceu Maynard Araújo; 16 — Melodias Registradas por Meios não Mecânicos, de Oneyda Alvarenga; 17 — Música Brasileira na Liturgia, de Amaro Cavalcanti Albuquerque; 18 — Música de Barbeiros, de Marieta Alves; 19 — Música de Feitiçaria no Brasil, de Mário de Andrade; 20 — Música, Doce Música, de Mário de Andrade; 21 — Música e Dança Folclóricas, de Renato Almeida; 22 — Música Folclórica e Música Popular, de Oneyda Alvarenga; 23 — Música Folclórica e Música Popular, de Renato Almeida; 24 — Música no Brasil, de Mário de Andrade; 25 — Música Popular Brasileira, de Oneyda Alvarenga; 26 — O Carnaval Carioca Através da Música, de Edigar de Alencar; 27 — O Negro na Música Brasileira, de Renato Almeida; 28 — Rosa Amarela, de Laura Della Mônica; 29 — Variações em Torno da Música Folclórica Brasileira, de Renato Almeida.

### DISCIPLINA: FOLCLORE MÁGICO

Carga Horária: 60 h/a Créditos: 4

**Ementa:** Transmitir informações seguras e abundantes sobre o patrimônio mágico do povo.

- Objetivos:**
- 1.º) Identificar os principais troncos da superstição no Brasil e descer às suas raízes culturais para descobrir-lhes as origens;
  - 2.º) Investigar sobre o móvel psicológico de cada fato mágico e sua causa final ou destinação.
  - 3.º) Classificar as variadas formas ocorrentes, segundo critério inteligente.

**Programa:** Superstição: considerações gerais. Conceituação. O legado negro no campo da magia. Herança ameríndia. Medicina teológica: benzeduras e simpatias. Distingões. Promessas. Ex-votos: significado e classificação. Principais áreas brasileiras do ex-voto. Práticas geradoras de doenças e recursos mágicos para curar pessoas enfermas. Breves e amuletos. Crendices: o que traz boa sorte, o que dá azar. Principais superstições acerca de namoro, casamento, nascimento e morte. Fórmulas anuladoras e fórmulas ambivalentes. Tabus e superstições alimentares. Dias aziagos e números de mau agouro. Estudo minucioso do três, sete e treze do ponto de vista da superstição.

Cores e aproximações que trazem urucubaca.

Valor dos sonhos, segundo o povo.

**Bibliografia:** 1 — Adágios, Mezinhas e Superstições, de Otacílio de Azevedo; 2 — Algumas Superstições Comuns a Portugal e ao Brasil, de A. Lima Carneiro; 3 — A Morte na Boca do Povo, de Mário Souto Maior; 4 — As Sete Portas da Bahia, de Hector Bernabó; 5 — Crendices e Superstições, de Fausto Teixeira; 6 — Crendices e Superstições de Alagoas, de Luís Sávio de Almeida e Pedro Teixeira; 7 — Crendices, Suas Origens e Classificação, de Getúlio César; 8 — Cultura Popular Brasileira, de Alceu Maynard Araújo; 9 — Fisiologia dos Tabus, de Josué de Castro; 10 — Folclore da Matemática, de Júlio César de Melo e Sousa; 11 — Folclore Mágico do Nordeste, de Albino Gonçalves Fernandes; 12 — Folclore no Setor Religião em Juiz de Fora, de Wilson de Lima Bastos; 13 — Imagens do Nordeste Místico em Preto e Branco, de Roger Bastide; 14 — Lendas e Superstições, de Ademar Vidal; 15 — Medicina e Remédios no Espírito Santo, de Maria Stela de Novais; 16 — Medicina Mágica ou Teológica, de Osvaldo Rodrigues Cabral; 17 — Medicina Popular, de Eduardo Campos; 18 — No Mundo Misterioso dos Sonhos, de William G. Barki; 19 — O Livro das Superstições Brasileiras, de Fausto Teixeira; 20 — Preconceitos, Crenças, Tabus, Idolatrias e Induções Alimentares, de J. J. Barbosa; 21 — Recordações de Ouro Fino (Minas Gerais), de Isaac de Barros; 22 — Rezas, Benzeduras Et Cetera, de Ático Vilas Boas da Mota; 23 — Superstições, de José Magalhães Carneiro; 24 — Superstições do Povo Paulista, de Amadeu Amaral Júnior; 25 — Superstições e Costumes (Pesquisas e Notas de Etnografia Brasileira), de Luís da Câmara Cascudo; 26 — Tradições e Superstições do Brasil Sul, de Walter Spalding; 27 — Território da Danação — O Diabo na Cultura Popular do Nordeste, de Mário Souto Maior; 28 — Você e Suas Superstições, de Berry Brewton.

### DISCIPLINA: FOLCLORE DE DEVOÇÕES

Carga Horária: 90 h/a Créditos: 6

**Ementa:** Estudo das ocorrências mais frequentes no âmbito da crença.

- Objetivos:**
- 1.º) Saber como o povo satisfaz a necessidade básica de ligação com o sobrenatural;
  - 2.º) Conhecer os vários aspectos da religiosidade popular;
  - 3.º) Levantar o quadro das festas calendárias da região Sudeste do Brasil.

**Programa:** Aspiração do homem pelo sobrenatural. Crença, mito e rito ou fé e culto. Ciclo do Carnaval. Entrudo. Mascarados. A Quaresma e Semana Santa. Encomendação das Almas. Mitos da Quaresma. Figuras bíblicas. Queima ou malhação de Judas. Festas do Divino. Bandeiras. Cavalhadas e Corrida da Argolinha. Aspectos folclóricos do mês de Maria. Os Santos de Junho. Fogueiras, comidas e bebidas típicas de festas juninas. Sortes e

adivinhações. A quadrilha. Mês do Rosário. Congada e suas variantes no Brasil. Ciclo do Natal. Folias de reis. Presépios ou lapinhas. As festas em louvor a São Sebastião. Santos casamenteiros e outros santos populares no Brasil. Folclore coreográfico.

**Bibliografia:** 1 — A Chegança, de Antônio Osmar Gomes; 2 — A Dança de Moçambique, de Maria de Lourdes Borges Ribeiro; 3 — A Dança de São Gonçalo, de Saul A. Martins; 4 — A Festa de Nossa Senhora do Rosário, de Alceu Maynard Araújo; 5 — A Festa de Santa Cruz na Aldeia de Carapicuíba, de Renato José da Costa Pacheco; 6 — A Festa do Divino (Tradições e Reminiscências de Tietê), de Benedito Pires de Almeida; 7 — A Festa do Divino Espírito Santo no Estado de São Paulo, de Alceu M. Araújo; 8 — A Festa do Divino em Alagoinha, de Maria de Lourdes Borges Ribeiro; 9 — A Festa do Divino em Piracicaba, de Alceu M. Araújo; 10 — A Influência Negra na Religião Brasileira, de Júlio de Abreu Filho; 11 — A Influência Negra na Religião do Brasil, de Jorge Stamato; 12 — As Pastorinhas de São João da Tijuca, de Renato Almeida; 13 — As Congadas do Município de Osório, de Dante de Laytano; 14 — As Congadas no Brasil, de Alfredo João Rabaçal; 15 — Baile de São Benedito, de Alceu Maynard Araújo; 16 — Bailes Pastorais na Bahia, de Clemente Mariano Pinto de Aguiar; 17 — Cadê Nosso Mestre? de Darwin Brandão; 18 — Capoeira Angola, de Valdeir Rego; 19 — Danças de Congo em Sul do Brasil, de Osvaldo R. Cabral; 20 — Danças de Salões Brasileiros de Ontem e de Hoje, de Maria Amália Correa Giffoni; 21 — Danças Miúdas do Folclore Paulista, de Maria Amália Correa Giffoni; 22 — Danças Folclóricas Brasileiras, de Maria Amália Correa Giffoni; 23 — Encomendações de Almas em São João Del Rei, de Aluísio José Viegas; 24 — Ex-votos e "Promessas", de Alceu Maynard Araújo; 25 — Festa de São Benedito em Aparecida, de Maria de Lourdes Borges Ribeiro; 26 — Festa do Rosário de Pombal, de Roberto Emerson Câmara Benjamin; 27 — Festejos Juninos em São Miguel dos Campos, do Padre Júlio de Albuquerque; 28 — Folclore, de Luís da Câmara Cascudo et alii; 29 — Folclore e Religião, de Alceu Maynard Araújo; 30 — Folclore e Religião, de Jacy Rodrigues; 31 — Folia de Reis, de Alceu Maynard Araújo; 32 — Introdução ao Estado da Congada, de Yoni Groni; 33 — Mestros de Junho, de Alceu Maynard Araújo; 34 — Manifestações Coreográficas na Religiosidade Brasileira, de Maria Amália Correa Giffoni; 35 — Mouros e Cristãos nas Alagoas, de Theo Brandão; 36 — O Catolicismo no Brasil, de Thales de Azevedo; 37 — O Jongo, de Alceu M. Araújo; 38 — O Jongo, de M. Lourdes Borges Ribeiro; 39 — O Moleque do Carnaval, de Clóvis Amorim; 40 — Os Congos, de Mário de Andrade; 41 — Os Pretos do Rosário de São Paulo (Subsídios Históricos), de Raul Jovian Amaral; 42 — Os Três Santos de Junho no Folclore Brasileiro, de

Gastão de Bettencourt; 43 — Padre Cícero Misto e Realidade, de Otacílio Anselmo; 44 — Paraty: Religião e Folclore, de Teresa Regina de Camargo; 45 — Presença de Mouros e Cristãos na Congada Brasileira, de Alfredo João Rabaçal; 46 — Quadrilha e Lundu, de Alceu Maynard Araújo; 47 — Reizado, Bumba-meu-boi e Pastorais, de Amadeu Amaral Júnior; 48 — Religião e Folclore (Investigações), de Luís Castanho de Almeida; 49 — Rituais Religiosos de Negros Católicos do Estado de Goiás, de Carlos Rodrigues Brandão; 40 — São João na Bahia, de Adroaldo Ribeiro Costa et alii; 51 — Tradições Oraís Religiosas, de Aluísio de Almeida; 52 — Turismo, Folclore e Religião, de Maria de Lourdes Borges Ribeiro.



### DISCIPLINA: FOLCLORE ERGOLÓGICO

Carga Horária: 60 h/a

Créditos: 4

**Ementa:** Aspectos populares e tradicionais da atividade econômica.

**Objetivos:** 1.º) Apreciar a validade das respostas do povo em nível adaptativo da cultura; 2.º) tomar contato com todas as suas formas ergológicas; 3.º) conhecer o relacionamento do homem e meio circundante e seus reflexos no estilo de vida.

**Programa:** A cultura material: considerações gerais. Caça e pesca. Armadilhas: classificação. Caçadas com cachorros, caçadas de curso, caçadas de espera.

A agricultura rústica: roçado, plantio, capina, colheita. Meteorologia popular. Sinais de chuva e sinais de sol. Aspectos folclóricos da panha do café, algodão e outras colheitas.

O mutirão e suas principais variantes no Brasil.

A criação: campeão e vaquejada. Sinais de propriedade.

A marcação a ferro quente e mediante cortes nas orelhas da rês.

O vaqueiro. Roupas típicas regional, segundo o **habitat**.

A sela e demais implementos.

O ciclo da tropa de burros. A madrinha.

O ciclo do carro de bois. Nomenclatura. A designação dada aos bois de carro.

O transporte aquático. Balsas, jangadas, canoas. O ciclo das barcas do Rio São Francisco. A Montaria do Rio Amazonas. A pequena indústria: sabão de cinza, de-coada, farinha de mandioca, fubá, cachaça. A casa de farinha. O engenho de cana. O monjolo. O moinho.

A medicina caseira: remédios da flora, da fauna e da terra. Práticas terapêuticas.

A cozinha regional. Comidas típicas.

**Bibliografia:** 1 — A Cozinha Africana no Brasil, de Luís da Câmara Cascudo; 2 — A Cozinha Tradicional Paulista, de Jamile Japur; 3 — A "Doma" no Rio Grande do Sul, de Liliam Argentina; 4 — A Pesca com o Boto, de João dos Santos Areão; 5 — A Pesca no Litoral Catarinense, de João dos Santos Areão; 6 — A Vaquejada no Nordeste e a Sua Origem, de Luís da Câmara Cascudo; 7 — Caça e Pesca no Amazonas, de Bartolomeu Alves de Sousa; 8 — Ciclo do Carro-de-boi no Brasil, de Bernardino José de Sousa; 9 — Cozinha Brasileira de Norte a

Sul, de Jamile Japur; 10 — Cultura Popular Brasileira, de Alceu Maynard Araújo; 11 — Folclore Mágico do Vaqueiro Cearense, de Francisco Alves de Andrade; 12 — História da Alimentação no Brasil, de Luís da Câmara Cascudo; 13 — Jangada, de Luís da Câmara Cascudo; 14 — Mutirão, de Clóvis Caldeira; 15 — Mutirão, de Édison de Sousa Carneiro; 16 — Meios e Instrumentos de Transporte no Interior do Brasil, de José Alípio Goulart; 17 — O Cielo do Couro no Nordeste, de José Alípio Goulart; 18 — O Regatão, de José Alípio Goulart; 19 — O Regatão, de Mário Monteiro Ypiranga; 20 — Os Barranqueiros, de Saul Martins; 21 — Os Criadores da Civilização do Couro, de Gustavo Barroso; 22 — O Seringal e o Seringueiro, de Artur César Ferreira Reis; 23 — O Vaqueiro do Nordeste, de J. Pessoa Guerra; 24 — Pega-de-boi-brabo, Espetáculo Condenado a Desaparecer, de José de Figueiredo Filho; 25 — Pesca do Xaréu, de Hector Bernabó; 26 — Redes de Dormir, de Luís da Câmara Cascudo; 27 — Receitas de Quitutes Afro-brasileiros, de Oscar Almeida e Apolinário Gomes; 28 — Sol e Chuva... Casamento de Viúva, de Alice Inês Silva Meherb; 29 — Tropas e Tropeiros na Formação do Brasil, de José Alípio Goulart; 30 — Um Costume Nordestino: A Derrubada, de Dulce Martins Lamas; 31 — Um Sertanejo e o Sertão, de Ulisses Luís de Albuquerque; 32 — Vida e Morte do Tropeiro, de Luís Castanho de Almeida.



#### DISCIPLINA: ARTE E ARTESANATO FOLCLÓRICOS

Carga Horária: 60 h/a Créditos: 4

**Ementa:** Conceituação e principais características das formas artesanais.

- Objetivos:** 1.º) Distinguir arte e artesanato de outros aspectos da pequena indústria;
- 2.º) analisar as diferentes formas artesanais e modalidades de artesanatos frequentes no Brasil;
- 3.º) contribuir com o Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato, mediante registro e cadastro de arteção e artesanatos.

**Programa:** O artesão pré-histórico. Papel das mãos no desenvolvimento da Inteligência e na criação de cultura. Lazer e fazer. As corporações de ofícios. A palavra **artesanato**. Conceituação, classificação e importância do artesanato e da arte popular. O artesanato e sua caracterização. Arte de fazer e arte de criar. Artesão e artista. Características da arte popular. Artesanato rural, urbano, primitivo e folclórico. Arte utilitária, decorativa, lúdica e outras formas de criação manual, segundo a destinação das peças. Valor cultural, artístico, social, econômico e terapêutico do artesanato e da arte populares. Artesanato e turismo. A cultura do barro, principalmente: Norte (marajoara, tapajônica), Nordeste (Caruaru, Goiana, Tracunhaém), vales dos rios Jequitinhonha (Minas Gerais) e Paraíba (São Paulo).

Quadro dos trançados. Fiação e tecelagem domésticas. Corantes populares. Fuso, roda de fiar e tear caseiro.

O imaginário popular. Santeiros, carranqueiros e figureiros. Entalhe e xilogravura. Artesanato das conchas, do couro e do chifre, e outros de caráter regional.

- Bibliografia:** 1 — A Disseminação da Informação em Artesanato, de Nancy Bueno; 2 — A Indústria Caseira em Pitangui, de Saul Martins; 3 — Arte e Artesanato, de Viviane Paes de Barros; 4 — Arte e Artesanato Folclóricos, de Saul Martins; 5 — Arte, Folclore, Subdesenvolvimento, de Manuel de Sousa Barros; 6 — Arte Popular, de Veríssimo de Melo; 7 — Arte Popular Figurativa, de Saul Martins; 8 — Artesanato e Arte Popular, de Manuel de Sousa Barros; 9 — Artesanato e Desenvolvimento, de José Arthur Rios (e associados); 10 — Artesanato Popular, de Mário Ypiranga Monteiro; 11 — Artesanato no Pará, de Maria do Carmo Arruda Siqueira Rodrigues; 12 — As Artes e o Artesanato no Paraná, de Newton I. da Silva Carneiro; 13 — Aspectos Econômicos do Artesanato, de José Nicácio de Oliveira; 14 — Cerâmica (Produções Audiovisuais Brasileiras), de Laura Della Mônica; 15 — Cerâmica Popular, de Regina Lacerda; 16 — Contribuição ao Estudo Científico do Artesanato, de Saul Martins; 17 — Do Artesanato e Sua Proteção, de Doralécio Soares; 18 — Importância e Localização de Núcleos Artesanais no Nordeste, de Almir Fraga; 19 — Manifestações do Artesanato Matogrossense, de Josefina Paes de Barros Lima e Francisca Ferreira; 20 — O Artesanato no Serro, de Saul Martins; 21 — O Museu e a Pesquisa Artesanais, de Saul Martins; 22 — Os Artesãos do Padre Cícero, de Sylvio Rabelo; 23 — Proteção ao Artesanato, de Saul Martins; 24 — Rendas da Ilha de Santa Catarina, de Doralécio Soares; 25 — Vitalino, de René Ribeiro.

#### DISCIPLINA: O FOLCLORE NA LITERATURA BRASILEIRA

Carga Horária: 60 h/a Créditos: 4

**Ementa:** Conhecimento da Literatura Brasileira inspirada nos modelos da sociedade nacional.

- Objetivos:** 1.º) Valorização literária dos costumes nacionais;
- 2.º) Reconhecer, no espaço e no tempo, as figuras naturais da paisagem humana;
- 3.º) Recordar, de maneira lírica, cantos, danças, alimentos, crendices, festas, amores, tragédias velhas e novas.

**Programa:** O advento do Romantismo e a exaltação folclórica.

José de Alencar e os romances que documentam o típico brasileiro.

Bernardo Guimarães. As tradições de Minas e São Paulo.

As informações etnográfica, antropológica e folclórica de **Os Sertões**, de Euclides da Cunha.

O modernismo — um clima propício para a inarredável tradição folclórica:

a) Mário de Andrade e Macunaíma; b) Jorge Amado e a Vida da Bahia; c) Guimarães Rosa — um verbo poderoso a fixar os mistérios das coisas; d) José Cândido de Carvalho. A atmosfera de sortilégio e poesia de **O Coronel e Lobisomem**.

**Bibliografia:** 1 — A Casa Verde (romance), de Júlia Lopes de Almeida e Filinto de Almeida; 2 — A Ermida do Planalto, de Manoel Ambrósio; 3 — A Literatura no Brasil, de Afrânio Coutinho (direção); 4 — Aspectos da Literatura Brasileira, de Mário de Andrade; 5 — Aspectos do Romance, de E. M. Forster; 6 — Chapadão do Bugre, de Mário Palmério; 7 — Contos Gauchescos, de J. Simões Lopes Neto; 8 — Furundungo (romance), de A. J. de Sousa Carneiro; 9 — Hereclia, de Manoel Ambrósio; 10 — História Concisa da Literatura Brasileira, de Alfredo Bori; 11 — História da Literatura Brasileira, de Artur Mota; 12 — Lendas do Sul, de J. Simões Lopes Neto; 13 — Memórias de um Sargento de Milícias (romance de costumes brasileiros), de Manuel Antônio de Almeida; 14 — Memórias de um Senhor de Engenho, de Júlio Belo; 15 — No Galpão (contos gau-

chescos), de Darci Azambuja; 16 — O Dorso do Tigre, de Benedito Nunes; 17 — O Ensino da Literatura, de Nelhy Novaes Coelho; 18 — Os Igarauínas (romance amazônico — costumes paraenses), de Raimundo Moraes; 19 — Os Laras, de Manoel Ambrósio; 20 — O Mundo Movente de Guimarães Rosa, de José Carlos Garbuglio; 21 — O Santo e a Porca e o Casamento Suspeitoso, de Ariano Suassuna; 22 — Presença da Literatura Brasileira, de Antônio Cândido e José Aderaldo Castelo; 23 — Vila dos Confins, de Mário Palmério; 24 — Zumbi dos Palmares, de Leda Maria de Albuquerque.

**OBS.:** Publicamos, neste Anuário, apenas os programas das disciplinas que compõem do Departamento de Folclore. As programações dos outros Departamentos: Ciências Humanas e Educação serão publicadas nos próximos Anuários. Aceitamos sugestões de professores e folcloristas quanto às disciplinas e seus programas aqui apresentados.

## NOTICIÁRIO

# OLÍMPIA E O FESTIVAL DO FOLCLORE

Em diferentes fases do desenvolvimento histórico, Olímpia recebeu dos moradores os cognomes mais expressivos. Foi nos primórdios, "Noiva Sertaneja". Quando a evolução econômica, o progresso social e a expansão urbana passaram a trazer aos filhos da Terra, novas esperanças, chamaram-na de "Cidade Menina-Moça". De certa época aos dias que correm, em virtude das intensas atividades folclóricas, tornou-se a "**Capital do Folclore**".

O conhecimento e a divulgação do Folclore, em Olímpia, tiveram uma fase embrionária, entre os anos de 1956 e 1964. Foi nesse período que o moço JOSÉ SANT'ANNA começou a interessar-se pelo estudo das manifestações que deitam as suas raízes nos escaninhos mais profundos da alma popular. Daí passou às pesquisas metódicas e sistemáticas até fazer do folclore como que a sua paixão dominante. Nesses inícios proferiu palestras "acerca da importância dessa ciência" e, em anos sucessivos, organizou exposições que exerceram forte atração sobre a curiosidade pública.

A idéia de levar as manifestações folclóricas para as ruas, fê-lo organizar, em 1965, o 1.º **Festival Folclórico de Olímpia**, com a participação ainda vacilante de alguns grupos folclóricos locais e criar, já no ano seguinte, por ocasião do 2.º Festival, que assumira proporções não esperadas, um organismo destinado a proteger e divulgar o folclore da região.

Sucederam-se outros festivais, já então, com a presença cada vez maior de conjuntos das várias unidades da Federação Brasileira. A repercussão e a amplitude de nossas festividades de agosto, acabaram por despertar o interesse das autoridades locais, estaduais e até mesmo federais. Professores universitários, conhecidos folcloristas, cantores famosos, escritores, jornalistas, estudiosos do assunto e curiosos de todos os matizes para aqui se locomovem, pelo menos para assistir ao encerramento da festa de cores, sons e ritmos, onde o belo e o exótico se irmanam para proporcionar um espetáculo de inusitada alegria e estranha beleza.

Chegamos, em 1982, ao 18.º Festival do Folclore. Já é possível apreciar ainda que sucintamente, ao longo da extensa caminhada, o que Olímpia fez pelo Folclore e, reciprocamente, o que o Folclore fez por Olímpia: José Sant'anna, filho da terra e dela representante, tornou-

se membro de várias associações de Folclore; integrou, pela terceira vez, a Comissão de Folclore e Artesanato da Secretaria de Cultura do Governo de São Paulo; sob o título "**OLÍMPIA E SEU FOLCLORE MUSICAL**", três discos foram gravados, com melodias coletadas em nossa região; um "**Anuário**", com farta colaboração, vem sendo publicado, sempre que possível; criou-se o **Conselho Municipal de Cultura** e como integrante dele a **Comissão de Folclore**; diversos cursos sobre Folclore e até sobre a História da cidade foram organizados, em várias oportunidades; criou-se o **Departamento de Folclore de Olímpia**, com a coadjuvação de professores do então ensino médio, para a proteção e a divulgação do folclore regional; criou-se também o **Centro de Estudos e Pesquisas Folclóricas** para principiantes; o Folclore tornou Olímpia conhecida nacionalmente; fez da cidade um centro de atração turística; um decreto oficializou "para fins de inclusão no Calendário Turístico do Estado a Festa do Folclore"; os grupos folclóricos do Município têm recebido a mais decidida proteção; o Folclore tem sido amplamente divulgado; chamou a atenção para outras realizações de caráter cultural como sejam as pesquisas históricas e a fundação do Clube Filatélico "Aureliano Marins Peixoto"; espera-se agora a criação da **Academia Olimpiense de Folclore**, a inauguração da **Casa da Cultura** e a criação da **Faculdade de Folclore** e, finalmente, graças ao dinamismo e aos esforços do ex-prefeito Álvaro Cassiano Ayusso, foi meticulosamente restaurado, o antigo palacete da tradicional família do saudoso Giosué Tonâni, e nele instalado o **Museu de História e Folclore "D. Maria Olímpia"**, cuja inauguração ocorreu na semana dos festejos folclóricos do ano de 1979.

Rothschild Mathias Netto

---

## CINEMA BRASILEIRO

---

### MÁGOA DE BOIADEIRO

---

O grupo folclórico "**Folia do Divino**", da **Família Miranda**, do Bairro de São José, de Olímpia, participou, na cidade de Iacanga - SP, do filme Sérgio Reis em "**Mágoa de Boiadeiro**", sob a consultoria folclórica do

Prof. José Sant'anna. O filme, rodado em 1977, foi distribuído pela Topázio Cinematográfica Ltda.

Em Olímpia, o tipo mais tradicional de Folia do Divino é o da Família Miranda, o grupo que anda a pé. Na frente, a carruagem do Imperador e Rainha, puxada por um cavalo branco, onde predominam as cores: vermelha, branca e amarela.

A seguir, o andor com a pombinha do Divino, carregado por quatro soldados e ladeado por seis anjinhos que se ligam ao andor por meio de fitas coloridas. Segue a Santa Isabel (homenagem a Isabel de Hungria, esposa de D. Dinis).

O estandarte vermelho, com a pomba estampada em branco é transportado pelo alferes, e a seguir um outro estandarte com uma imagem da pomba ao topo de um mastro circular, rodeado de flores.

Os foliões trajam calça azul, camisa vermelha com uma pomba desenhada no bolso e chapéu branco.

As melodias são dolentes. Ao saírem para a peregrinação erguem o Mastro do Divino, no qual amarraram uma garrafa de vinho, espiga de milho, laranja, abóbora e outros frutos, pedindo, assim, proteção ao ano agrícola. Esse mastro será arriado após a grande festa do Domingo de Pentecostes.

Nossos cumprimentos ao artista Sérgio Reis pela feliz idéia de levar à tela cinematográfica o Folclore Pátrio.



## COMISSÃO DE FOLCLORE E ARTESANATO

Em 29 de fevereiro de 1980, o Deputado Antônio Henrique Cunha Bueno, Secretário Extraordinário da Cultura, do Governo de São Paulo, nos termos do Decreto n.º 13 426, de 16/3/1979 assinou a Resolução SC de 13, publicada no D.O.E. de 15/2/1980 designando como membros da Comissão de Folclore e Artesanato do Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas do Departamento de Artes e Ciências Humanas da Coordenadoria de Atividades Culturais, os senhores



Elton Lott Guimarães, José Sant'anna, João Antônio Theodoro Nogueira, Maria Célia Ap. Crepschi Coimbra e Vera F. de Mello Falkenberg.

Em 27 de junho de 1980, a pedido, demitiu-se o presidente, Elton Lott Guimarães, ocupando o lugar, a senhora Maria Luiza Figueira de Mello, que exercia as funções de Assessora de Folclore junto ao Gabinete do Secretário.

Durante o exercício dessa Comissão, atuaram, como secretário, as senhoras Elza de Lima Neves, Maria de Lourdes Almeida Spaziente e por último, Lêda Santos Pardini.

Cumprindo o mandato de 2 anos, nos termos da legislação vigente, o Sr. Secretário da Cultura, nomeia

nova Comissão para os Assuntos do Folclore, constituída através da Resolução SC de 29/3/1982, e integrada por



Maria Luiza Figueira de Mello (presidente), José Sant'anna (vice-presidente), Haydée Nascimento, Laura Della Mônica e Vera Figueira de M. Falkenberg, permanecendo como secretária a Sr.ª Lêda Santos Pardini.



## CAMINHÃO DA EXTRAÇÃO DA LOTERIA EM OLÍMPIA

A Caixa Econômica Federal prestou significativa homenagem ao 16.º Festival do Folclore, de Olímpia, em 16 de agosto de 1980.

A 1.721.ª Extração da Loteria Federal do Brasil realizou-se, em Olímpia, naquela data, sábado, às 18 horas.

Ainda mais, os bilhetes para aquela extração, estampavam o logotipo do Festival e a fotografia do 1.º Capitão do Terno de Congada "Chapéu de Fitas", do Jardim Santa Ifigênia, da nossa cidade, trazendo à direita, em fundo azul os dizeres: "Homenagem ao 16.º Festival do Folclore — Olímpia - SP".



## X FESTIVAL DE ARTE DE SÃO CRISTÓVÃO

O grupo folclórico Terno de Moçambique "São Benedito", do Jardim Santa Ifigênia de Olímpia, folgado folclórico citado no Caderno de Folclore "Moçambique" de autoria de Maria de Lourdes Borges Ribeiro, lançado pelo Instituto Nacional do Folclore — FUNARTE SEC — MEC — participou do X Festival de Arte, realizado de 23 a 25 de outubro de 1981, na cidade São Cristóvão, Estado de Sergipe, numa promoção da Universidade Federal de Sergipe.

Estiveram presentes nesse movimento cultural, em nome de folclore paulista, os senhores: Maria Luiza Figueira de Mello e José Sant'anna (membros da Comissão de Folclore e Artesanato — São Paulo) e Antônio Clemeêncio da Silva (secretário do Museu de História e Folclore "D. Maria Olímpia", de Olímpia).

## DR. CUNHA BUENO



O vereador José Sant'anna em 29 de junho de 1981, apresentou à Câmara Municipal, o projeto de Decreto Legislativo concedendo ao **Dr. Cunha Bueno**, ex-Secretário Extraordinário de Estado da Cultura do Governo de São Paulo, o título de **Cidadão Honorário Olimpense**. Após aprovação unânime pelo plenário, foi o mesmo transformado no Decreto Legislativo 93/81, de 1.º de julho de 1981.

Trata-se da mais justa homenagem ao Dr. Antônio Henrique Cunha Bueno que, no exercício do elevado cargo, muito enriqueceu a nossa cidade, com iniciativas de caráter cultural, como a instalação do Museu de História e Folclore "D. MARIA OLÍMPIA", a conclusão da Casa da Cultura, a doação da herma, em bronze, de Monteiro Lobato, bem como o apoio para a realização dos Festivais do Folclore, de Olímpia, em quatro anos sucessivos e outros mais, tornando-se credor do nosso reconhecimento bem como do nosso mais profundo respeito.



### Carta do Seminário "Primeira Jornada de Literatura de Cordel"

Promoção do Instituto de Artes e Comunicações da Pontifícia Universidade Católica de Campinas em convênio com a Secretaria de Estado da Cultura do Governo de São Paulo, através da Comissão de Folclore e Artesanato, realizado na cidade de Campinas, de 3 a 9 de maio de 1982.



Em decorrência das exposições e debates, recomendam-se:

- 1 — Que a Fundação Casa de Rui Barbosa continue providenciando as publicações das obras de Francisco Chagas Batista, cujo centenário se deu neste ano de 1982 e a publicação da 2.ª edição da Bibliografia Básica de Leandro Gomes de Barros, elaborada pelo prof. Sebastião Nunes Batista, pesquisador da Fundação Casa de Rui Barbosa, falecido em janeiro de 1982 e ainda mais a publicação de estudos inéditos e dispersos de Sebastião Nunes Batista;
- 2 — Que a fundação Casa de Rui Barbosa e a Universidade Federal da Paraíba apressem a publicação da obra completa de Leandro Gomes de Barros — o

primeiro grande cordelista — da qual dois volumes foram editados, a fim de fornecer os subsídios necessários e básicos para os estudos da Literatura de Cordel;

- 3 — Que a Universidade da Paraíba apresse a publicação da 2.ª edição, revisada e ampliada, do Dicionário Biobibliográfico de Repentistas e Poetas Populares, de Átila de Almeida e José Alves Sobrinho;
- 4 — Que o PRÓ-MEMÓRIA forneça meios para dar prosseguimento à publicação do Romanceiro Popular Nordestino, cujos dois primeiros volumes foram dados à lume;
- 5 — Que o Núcleo de Pesquisas de Cultura da Literatura de Cordel da Fundação Cultural do Estado da Bahia continue acelerando sua linha editorial com a publicação de estudos sobre Literatura de Cordel;
- 6 — Que a Universidade e Instituições outras enviem projetos ao PRÓ-MEMÓRIA e outros órgãos para pesquisa do levantamento de Literatura Popular em versos, visando à preservação da memória popular, com registro, inclusive, fonográficos;
- 7 — Que seja criado junto à Pontifícia Universidade Católica de Campinas um BANCO DE DADOS com a finalidade de divulgação, pesquisa e intercâmbio da documentação e acervo da Literatura de Cordel;
- 8 — Que a opção pelos estudos da Literatura de Cordel não se faça em detrimento dos estudos das demais manifestações específicas da Literatura Popular de cada região;
- 9 — Que seja inserida a Literatura de Cordel nos estudos dos cursos de formação de professores (Educação Artística, Letras e outros).
- 10 — Que a matéria de Comunicação e Expressão, através da Dramaturgia, faça uso da Literatura de Cordel com adaptação de folhetos;
- 11 — Que no Curso de Educação Artística as xilografuras populares sejam inseridas através de exposições e aproveitamento dos temas;
- 12 — Que seja incentivada na cadeira de Língua Portuguesa a análise dos aspectos fono-ortográficos, morfo-sintáticos, lingüísticos, semânticos e estilísticos de poemas da Literatura de Cordel;
- 13 — Que sejam promovidas pesquisas, nos seus múltiplos aspectos, da Literatura de Cordel;
- 14 — Que o Poder Executivo conceda espaço aos poetas populares a venderem seus folhetos e cantarem seus improvisos nos logradouros públicos, de acordo com as conveniências de ambas as partes;
- 15 — Que se registrem as tristezas e lamentações pelo desaparecimento dos grandes poetas populares José Francisco Soares, Rafael de Carvalho, José Praxedes, Expedito Sobrinho, Romano Elias da Paz e Sebastião Nunes da Silva, exaltando sua memória.

Em síntese, é este o pensamento e recomendações dos folcloristas e especialistas da Literatura de Cordel, representantes das diferentes unidades da Federação que apresentam à apreciação das Entidades Responsáveis.

Campinas, 9 de maio de 1982

Carta Assinada por:

- a) Regina Márcia Moura Tavares (Diretora do IAC — PUCC)
- a) Laura Della Mônica (Presidente do Seminário)
- a) José Sant'anna (Coordenador do Seminário)
- a) Maria Luiza Figueira de Mello (Presidente da C.F.A.)
- a) Átila Augusto Freitas de Almeida (Orador — PB)
- a) Alcides Vitor de Carvalho (Participante — PR)
- a) Edilene Dias Matos (Oradora — BA)
- a) Joseph Maria Luyten (Orador — SP)
- a) Luiz Beltrão de Andrade Lima (Orador — DF)
- a) Orígenes Lessa (Orador — RJ)
- a) Roberto Emerson Câmara Benjamim (Orador — PE)
- a) Veríssimo de Melo (Orador — RN)

# INSTITUTO NACIONAL DO FOLCLORE

Tomou posse, em maio próximo passado, como diretora do Instituto Nacional do Folclore da Fundação Nacional de Arte, órgão da Secretaria da Cultura, do Ministério da Educação e Cultura, a folclorista Lélia Gontijo Soares.

A Prefeitura Municipal de Olímpia, através da Comissão de Folclore do Conselho Municipal de Cultura, cumprimenta a nova diretora do INF, a senhora Lélia Gontijo Soares, desejando-lhe uma feliz permanência e bom trabalho frente aos negócios do folclore brasileiro.

## SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

São Paulo, em 28 de junho de 1982

Senhor Professor,

Venho através da Comissão Estadual de Folclore e Artesanato, congratular e enaltecer seus trabalhos em prol dos estudos do nosso Folclore.

Queremos parabenizá-lo, como também a todos que colaboram com o Festival de Folclore em Olímpia, pois este é, e esperamos que continue sendo o maior Festival brasileiro de nossa Cultura Popular, proporcionando assim a que muitos brasis se encontrem durante uma semana em um só Brasil, uma verdadeira confraternização entre os participantes, fazendo com que todos nós conheçamos mais de perto a nossa verdadeira realidade.

Agradeço antecipadamente,

a) Maria Luiza Figueira de Mello

Presidente da Comissão de Folclore e Artesanato

Ao folclorista

Prof. José Sant'anna

Comissão de Folclore

Prefeitura Municipal de Olímpia

Olímpia — SP

## FOLCLORE PERDE GRANDES VALORES

### 1 — RENATO ALMEIDA

Renato Almeida nasceu a 6 de dezembro de 1895, em Santo Antônio de Jesus, na Bahia. Aos vinte anos formou-se, em Direito, no Rio de Janeiro, onde fez toda a sua carreira e no ano seguinte estreava, nas letras, com a publicação do livro de crônicas intitulado **Em Relevo**.

Em 1922, fez parte da geração modernista, militando, na imprensa, ao lado de Ronald de Carvalho e participando daquele movimento renovador, liderado na antiga capital da República, por Graça Aranha. Foi ainda o modernismo que o aproximou de Mário de Andrade.

Funcionário do Ministério das Relações Exteriores foi redator dos **Anais** e chefe do Serviço de Documentação do Itamarati.

Após a publicação, em 1926, da **História da Música Brasileira**, entusiasmou-se pelos estudos brasileiros, que o levaram a dedicar-se ao Folclore. Foi um dos criadores do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (I.B.E.C.C.), filiado à UNESCO, no qual criou a Comissão Nacional de Folclore, depois Campanha de Defesa do Folclore e, atualmente, Instituto Nacional do Folclore.

Dirigiu ainda a **Revista Brasileira de Folclore**; deixou importantes obras sobre o Folclore e contribuiu para a criação do Museu de Artes e Técnicas Populares, no Ibirapuera.

A morte de Renato Almeida, aos oitenta e cinco anos, no Rio de Janeiro, privou o país de uma das figuras mais expressivas dos estudos das tradições populares de nosso povo.

### 2 — OSVALDO ORICO

Osvaldo Orico morreu a 19 de fevereiro de 1981, no Rio de Janeiro, de insuficiência cardíaca e complicações circulatórias, aos 80 anos de idade.

Nascido em Belém do Pará, em dezembro de 1901, transferiu-se para a então capital da República, em 1920, onde iniciou e concluiu o Curso de Direito.

Lançou-se na vida literária com a publicação do volume de poesias "Dança dos Pirilampos", publicado em 1923, isto é, após a Semana da Arte Moderna de 22.

Conquanto tenha cultivado vários gêneros literários: poesia, romance, ensaio, etc. foi como "historiador e sobretudo como biógrafo" — no dizer de Austregésilo de Ataíde — "que ele se destacou". "O Tigre da Abolição", por exemplo, é considerada uma das melhores biografias do combativo abolicionista José do Patrocínio.

Contava 36 anos de idade ao ser eleito para a Academia Brasileira de Letras, em 28 de outubro de 1937. Desde então passou a ocupar a cadeira n.º 10, fundada por Rui Barbosa e que tem por patrono o jornalista Evaristo da Veiga.

Quando R. Magalhães Júnior, publicou "Rui o Homem e o Mito", respondeu-lhe Osvaldo Orico com a obra "Rui, o Mito e o Mico", em defesa do baiano ilustre. Em 1980, ainda reeditou, o seu estudo de literatura comparada "Camões e Cervantes", para comemorar o IV Centenário da Morte do épico português.

A sua participação na política partidária levou-o a ocupar uma cadeira de deputado federal pelo PSD do Pará bem como os cargos de secretário de Governo e da Educação. Como diplomata, representou o Brasil junto à UNESCO e foi ministro para assuntos econômicos da O.N.U.

Deixou uma única filha: a conhecida atriz Vanja Orico.

Muito útil e interessantes foram as atividades de Osvaldo Orico, nos últimos anos de sua longa existência, quando produziu livros sobre lendas e folclore da região amazônica e o importante ensaio sobre a culinária regional, intitulado: "A Cozinha Amazônica".



### 3 — MARCUS PEREIRA

Sabemos mais sobre as atividades de produtor de Marcus Pereira do que a respeito de sua vida. É certo que ele nasceu em 1931 e que se formou pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, no ano de 1954. Desistira de ser promotor público para tornar-se publicitário, carreira que também acabaria por abandonar.

"Em 1965, quando o Brasil só cantava iê-iê-iê" — segundo suas próprias palavras — já iniciava o trabalho de investigador do que a música popular brasileira tinha de mais autêntica. Naquela época, ele e Luís Carlos Paraná trabalhavam juntos na criação da **boite paulista O Jogra** e ali lançaram "muitos artistas apoiados no melhor som popular".

Em 1970, falecia o compositor Paraná, deixando incompleta a gravação daquele que seria o seu primeiro LP. No ano seguinte, Marcus Pereira lançava, com músicas de Paulo Vanzolini, o primeiro disco, para oferecer como brinde aos clientes de sua agência de publicidade.

Abandonando a propaganda, Marcus Pereira "passou a dedicar-se exclusivamente à procura das raízes musicais brasileiras".

Pesquisador escrupuloso e consciente, identificando "no homem anônimo as fontes da criação artística", considerava a música folclórica "a mais genuína expressão cultural de um povo". Foi o que o levou a fazer viagens ao Nordeste, "onde entrou em contato direto com a riqueza cultural popular". Para editar o álbum com quatro LPs, contendo completo documentário da música nordestina, por não encontrar patrocinador, lançou-os com seus próprios recursos. A Música Popular do Nordeste produziu completo êxito. Marcus Pereira recebeu prêmios e tantos elogios da crítica que se decidiu a editá-los comercialmente.

Entusiasmado com o feliz coroamento de sua iniciativa, viu chegando o momento de realizar o velho sonho de completar o mapeamento musical brasileiro. Lançou a seguir as séries: **Música Popular do Centro-Oeste/Sudeste**, **Música Popular do Sul** e, finalmente, a **Música Popular do Norte**, este último “dividido em gravações originais colhidas por Carolina Andrade e gravações trabalhadas sem estúdios de São Paulo e do Rio de Janeiro”.

Novos projetos da gravadora Marcus Pereira continuaram a conquistar, principalmente, os apreciadores da música brasileira de raízes. Ela lançou também dois álbuns duplos com composições de Ernesto Nazareth; o primeiro LP do compositor Cartola, bem como um “com músicas e trechos do depoimento de Donga ao MIS carioca”, entre muitos outros.

Estimulado pela crítica sempre favorável e recompensado pela receptividade do público, muito podia ainda esperar, a música popular e folclórica do nosso país, da atuação do produtor Marcus Pereira. Ninguém podia prever, entretanto, o seu fim prematuro, aos cinquenta anos de idade. A 13 de fevereiro de 1981 foi internado no Hospital das Clínicas, para depois ser transferido para o Hospital Nove de Julho, ali permanecendo, até a sua morte, às 4 h 30 min. da madrugada do dia 20. Seu corpo foi supultado, às 16 horas, no cemitério São Paulo, na presença de numerosos amigos e admiradores.

Com Marcus Pereira desapareceu o idealista, o pesquisador incansável, o defensor da cultura nacional, que muito contribuiu para a preservação da memória musical brasileira.



#### 4 — THEO BRANDÃO

Médico, professor, folclorista, Theotônio Vilela Brandão morreu, no dia 29 de setembro de 1981, aos 74 anos. Mas foi com o nome familiar de Theo Brandão que se tornou conhecido nacionalmente.

Filho do Dr. Manoel de Barros Loureiro Brandão e de D. Carolina Vilela Brandão, nasceu o menino Theo, em 26 de janeiro de 1907, na cidade alagoana de Viçosa, num sobrado da Rua do Beco.

Aprendidos, na sua terra natal, os primeiros rudimentos da língua e do cálculo, mudou-se, com a família, para Maceió, onde iniciou e concluiu o Curso Secundário. Em 1924, ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia. Transferiu-se para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, no último ano do curso. Em junho de 1930 defendeu tese, na cadeira de pediatria.

Do Rio de Janeiro, já em 1928, com o pseudônimo de **João Guadalajara** (com j e g iniciais, minúsculos), enviava poemas modernistas e bilhetes, nos quais concitava os estudantes viçosenses, a aderir à nova escola literária e que a **Gazeta de Viçosa** estampava aos domingos.

O primeiro trabalho sobre Folclore, de Theo Brandão, saiu publicado, na **Revista Acadêmica**, em 1931, sob o título “Folclore e Educação Infantil”, entretanto, foi após o seu ingresso, em 1937, no Instituto Histórico de Alagoas, que passou a “reunir a mais ampla e rica documentação sobre todos os traços ainda existentes da cultura folk em Alagoas” — como escreveu Valdemar Cavalcanti.

“Como pesquisador de campo, ninguém, creio, foi maior do que ele” — disse Aurélio Buarque de Holanda. Daí o destaque que merecem todas as suas obras, como “Folclore de Alagoas”, “Reisado Alagoano”, “Trovas Populares de Alagoas”, “Folguedos Natalinos de Alagoas”, “Cantos e Ritos Funerários de Alagoas”, “Cavalhadas de Alagoas” e outras.

Alguns desses livros folclóricos de Theo Brandão foram premiados, ora pela Academia Brasileira de Letras, ora pela Academia Alagoana, bem como pela Prefeitura Municipal de São Paulo, prova evidente da importante contribuição do homem de letras alagoano para o conhecimento dos usos e costumes da sua terra e da sua gente.

#### 5 — ALUISIO DE ALMEIDA

Alúcio de Almeida é o pseudônimo do monsenhor Luís Castanho de Almeida, pois não foi apenas o sacerdote exemplar que muitos conheceram, mas também um dos maiores historiadores de nossa época e como folclorista já o compararam a Luís da Câmara Cascudo.

Ele nasceu em Guareí — SP, na região de Itapetininga, em 1904. De que jamais esqueceu, esse seu pequeno berço natal, é prova a história que dele escreveu por ocasião do centenário do município.

Monsenhor Castanho estudou no Seminário de Botucatu. Foi pároco em Nazaré Paulista e viveu na capital, “cujo passado conhecia como poucos”. Entretanto, passou a maior parte de sua existência, trabalhosa e sofrida, em Sorocaba, da qual foi cidadão honorário e em que fundou o Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico.

Compreende-se porque Sorocaba tenha tomado o lugar de suas maiores preocupações. De fato, Alúcio de Almeida muito “escreveu e publicou sobre a cidade, suas origens bandeiristas, seu ciclo tropeirista, como chave das comunicações para o Sul, suas minas de Ipanema, seu moderno progresso, datado da inauguração da mais que centenária E.F. Sorocabana, construída pelo engenheiro Luiz Matheus Maylasky, que biografou” — como lemos em O Estado de São Paulo.

É de 1938, sua obra “Sorocaba 1842”, em que descreve os principais acontecimentos da cidade, origem da revolução liberal, inspirada pelo padre Feijó e chefiada pelo brigadeiro Tobias de Aguiar.

Em 1939, já doente, passou a dedicar todas as horas de que dispunha “às pesquisas históricas e, particularmente, à história de Sorocaba, usando como fontes os arquivos da Prefeitura, da Cúria e do Cartório local”, — segundo informou José Maria Tomazela, que forneceu ainda outros dados preciosos do escritor.

Mas a partir de 1948, já não podendo mais andar, teve de recolher-se à sua residência e ainda assim continuou a celebrar a missa diariamente com autorização especial da Igreja.

Embora muito sofresse com a insidiosa moléstia “que o martirizou durante 40 anos, roubando-lhe sucessivamente a visão, a fala e os movimentos”, Alúcio de Almeida continuou produzindo sempre. Colaborou assiduamente, durante duas décadas, em “O Estado de São Paulo” e no “Cruzeiro do Sul”, jornal de Sorocaba, passa por ter publicado cerca de quatro mil trabalhos sobre história e folclore.

Daí ter deixado obras como “A Vida Cotidiana na Capitania de São Paulo (1722-1822)”, “A Revolução Liberal”, “Sacerdote Diogo Feijó”, “São Paulo, Filho da Igreja” e outras.

Pouco antes do seu desaparecimento, a Prefeitura Municipal lançou a “História de Sorocaba Para Crianças”, síntese de tudo quanto escreveu sobre a cidade que muito amou, onde viveu o maior número de anos e em que morreu aos 77 anos de idade, em 1981.

#### 6 — DOMINGOS VIEIRA FILHO

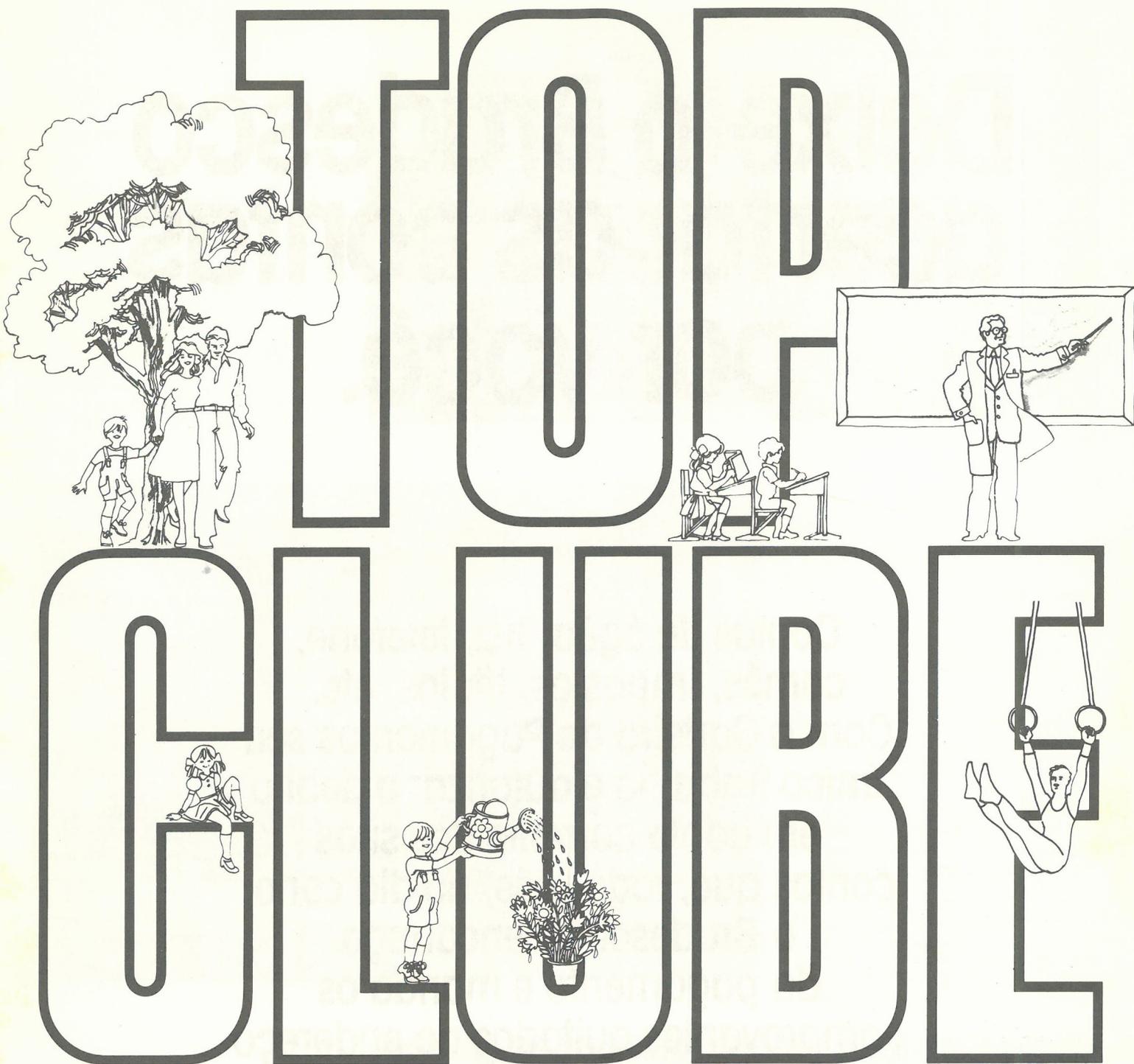
Domingos Vieira Filho era professor universitário e diretor da Fundação de Cultura de São Luís do Maranhão, órgão responsável pelo patrimônio histórico e cultural daquele Estado.

O mestre maranhense escreveu elevado número de obras relacionadas com o folclore, bem como outras “de cunho estritamente histórico e literário”.

Da magnífica obra “Brasil Festa Popular”, editada pela Caixa Econômica Federal, consta um dos seus últimos trabalhos em que disserta sobre o “Bumba-meu-boi”.

Em 1976 esteve em Florianópolis, onde participou, como professor, “de um curso de Folclore, realizado na UDESC, em convênio com a ex-Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro”.

O falecimento de Domingos Vieira Filho, a 11 de setembro de 1981, foi mais uma perda lamentável para o folclore brasileiro.



**TOP CLUBE  
BRADESCO**  
O seguro de todos.

**FUNDAÇÃO**

1981-14.500 ALUNOS  
1982-17.550 ALUNOS

Qualidade  
Bradesco  
Atlântica-Boavista  
Sul América

**BRADESCO**

# **Deixe o Bradesco acertar as contas por você.**

**Contas de água, luz, telefone,  
carnês, impostos, títulos, etc.  
Com a Carteira de Pagamentos seu  
único trabalho é autorizar o débito  
em conta corrente das suas  
contas que, todo mês, no dia certo,  
o Bradesco se encarrega  
do pagamento e manda os  
comprovantes quitados ao endereço  
que você indicar.**

# **BRADESCO**

Prefeitura Municipal de Olímpia  
Paço Municipal "José Vietti Filho"  
Promotora do festival do  
Folclore de Olímpia

Rua Nove de Julho, n.º 1054  
Caixa Postal 45 -  
Telefone: (0172) 81-1941  
Patrimônio de São João Batista  
15 400 - Olímpia - SP



Casa da Cultura "Dr. Antônio  
Sylvio Cunha Bueno"

Nela Funciona a Comissão de  
Folclore do Conselho  
Municipal da Cultura da Prefeitura  
Municipal de Olímpia

Rua São João, n.º 942  
Caixa Postal 30 - Telefone: (0172)  
81-1929 - Ramal 15  
Patrimônio de São João Batista  
15 400 - Olímpia - SP

Museu de História e Folclore  
"D. Maria Olímpia"

Rua Jorge Tibiriçá, n.º 420  
Caixa Postal 60 - Telefone:) 0172)  
81-1929 - Ramal 14  
Patrimônio de São João Batista  
15 400 - Olímpia - SP



Folclore:  
Um pouco  
da nossa terra  
e nossa gente.



**BRADESCO**  
O banco brasileiro.